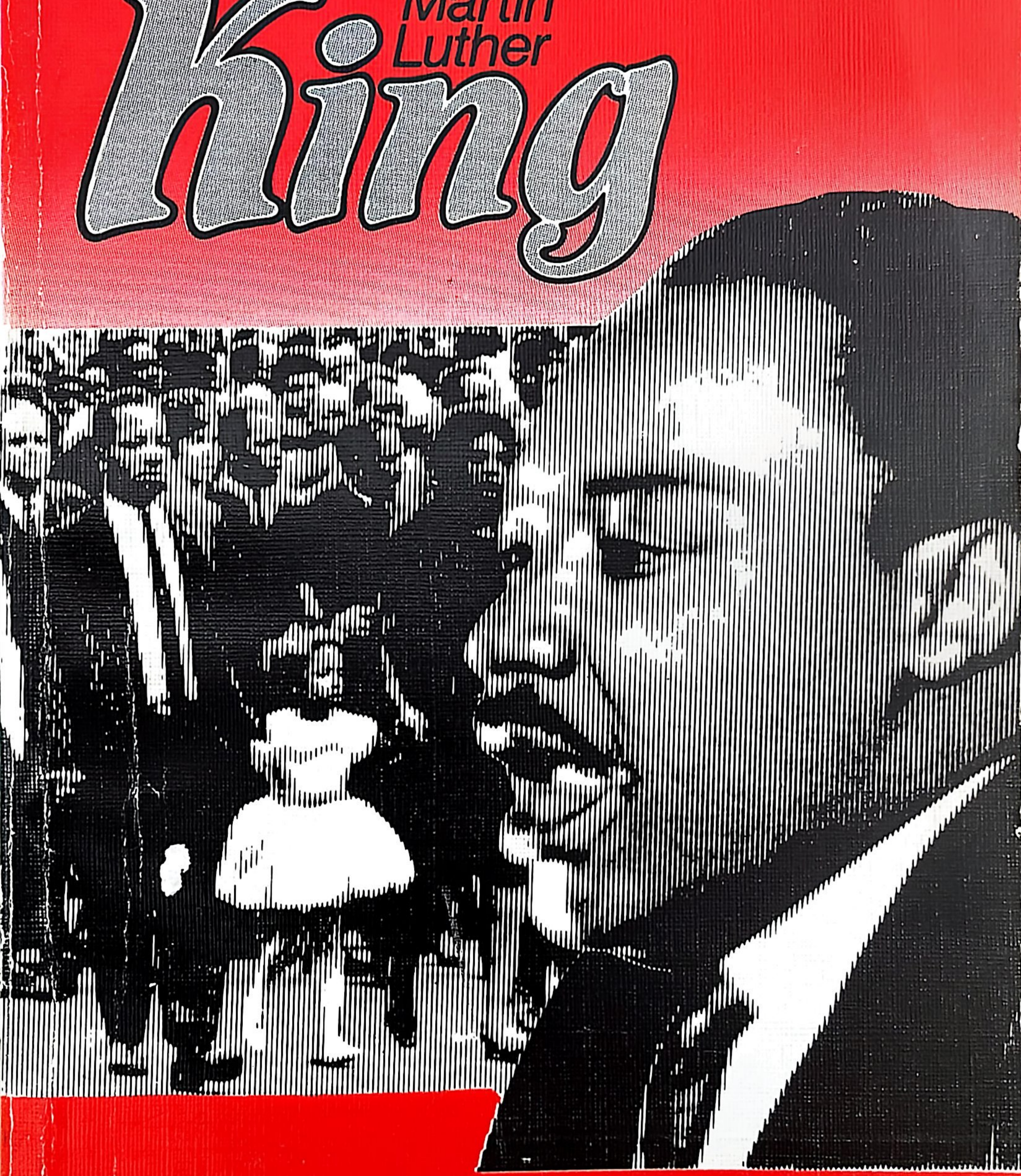
PATRIOTA, COMBATENTE, HUMANISTA

Martin Luther King



Stanislav KONDRACHOV

PATRIOTA, COMBATENTE, HUMANISTA

Edições da Agência de Imprensa Nóvosti
Moscovo, 1988

Índice

«Não és pior do que qualquer outra pessoa»	7
Cruzes em relvado	16
A verdade, mesmo espezinhada, sempre triunfará	26
Era antes a multidão que criava os líderes, que os líderes a multidão	51
Nos guettos dos negros e nas selvas do Vietname	59
Digam que fui o tambor da justiça	72

0804000000

© Edições da Agência de Imprensa Nóvosti, 1988

Quando nos anos 60 estive a trabalhar como correspondente do jornal «Isvéstia» em Nova Iorque, escrevi sobre o movimento, na altura bastante activo e maciço, dos negros norte-americanos pelos seus direitos civis e tentei compreender os complexos e sérios problemas relacionados com esse movimento. E não pude, naturalmente, deixar de me interessar pela atraente pessoa do reverendo Martin Luther King, eminente dirigente dos negros dos EUA.

King, como fenómeno, deve o seu nascimento e a sua morte à sociedade norte-americana. Foi morto aos trinta e nove anos de idade.

Passaram-se desde então vinte anos. King, no entanto, não foi esquecido. Ainda hoje, sente-se na vida dos EUA a sua presença invisível. O seu nome continua a ressoar forte, tanto dentro como fora dos EUA. Cabe-lhe, sem dúvida, um lugar de honra na história do seu país, tal como na história do movimento de libertação nacional do século XX.

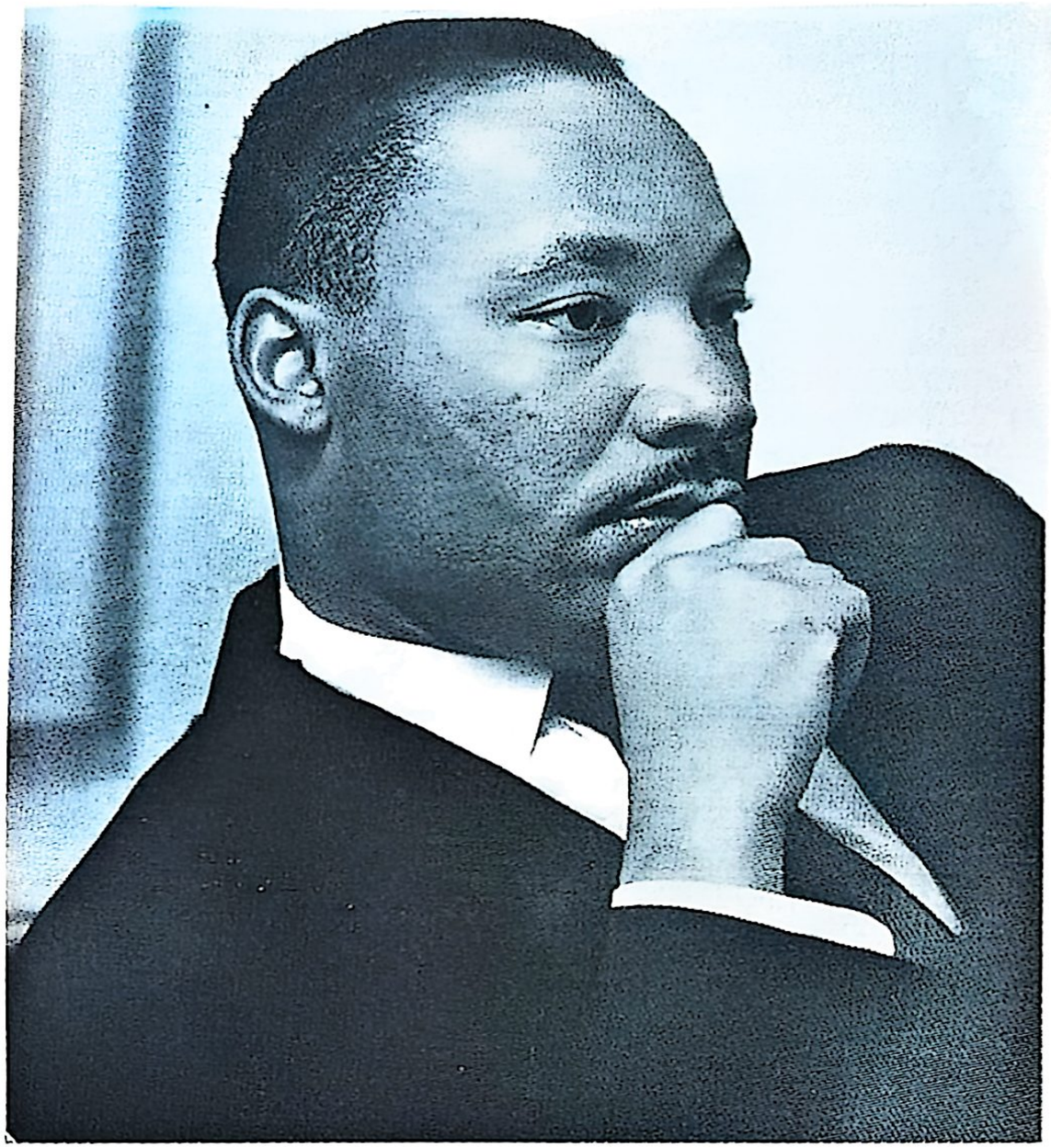
Desde 1968, ano em que ele foi morto, durante quinze anos consecutivos, debateu-se no Congresso dos EUA a questão da proclamação do dia do seu nascimento como feriado nacional. A respectiva lei foi adoptada pelo Congresso e firmada pelo presidente norte-americano em 1983: a terceira segunda-feira de Janeiro é assinalada nos EUA como aniversário de Martin Luther King. Lembre-se, a propósito, que no calendário dos EUA figura apenas uma data análoga — o aniversário de George Washington, o primeiro presidente do país. Assim, pois, King foi o primeiro norte-americano da nossa época a merecer a honra histórica de se comparar a um dos «pais da Nação».

O famoso poeta russo Alexandre Blok disse, certa vez, que é inaplicável ao autêntico poeta o termo «carreira», pois toda a sua vida criadora é o seu destino. Em relação às figuras públicas e estatais de destaque, nem sempre se pode utilizar esta noção de destino. King, todavia, foi uma pessoa de vida tão trágica e

de valor político tão grande para o seu país, que é plenamente oportuno falar-se no seu caso de um verdadeiro destino. O fio da sua vida foi cortado muito cedo, porém, logo após a sua morte física, ele passou para a eternidade, continuando a viver na consciência dos contemporâneos e das gerações futuras. As grandes personalidades são, de facto, como archotes: iluminam o mundo que nos rodeia, indicando-nos o caminho.

Martin Luther King lutava contra todas as formas de opressão e discriminação racial, pelo triunfo da liberdade e da justiça. Num dos seus famosos discursos disse que sonhava com o dia em que «os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos escravagistas poderiam sentar-se juntos à mesa da fraternidade». Até que ponto se concretizou este seu sonho? Em poucas palavras, ao ter conseguido uma igualdade formal, preceituada pela lei, os norte-americanos de cor continuam até hoje a ser alvo da desigualdade real. Qual, neste caso, o resultado da actividade de King? O resultado é bastante considerável. Ele fez a sociedade norte-americana assumir uma atitude diferente para com os negros. Ele despertou nos norte-americanos de cor o sentimento de dignidade própria, de orgulho e de confiança nas suas próprias forças. Ele conseguiu, por fim, fazer aquilo com que, talvez, nem sonhasse. Tornou-se ele próprio exemplo para todos a quem, como dizia, «a beleza se resume na verdade e a verdade na beleza, para aqueles que prezam a beleza da autêntica fraternidade e da paz mais do que quaisquer diamantes, prata ou ouro».

Martin Luther King... Vi-o em comícios, ouvi-o de bancadas reservadas para a imprensa. Lembro bem o silêncio que reinava na sala mal ele aparecia na tribuna, silêncio de atenção e de respeito. Certa vez, na Universidade de Chicago, encontrei-me com ele, trocámos um aperto de mão, vi de perto os seus olhos escuros, tranquilos e sérios, os lábios grossos e firmes, o queixo pesado. Ouvi a sua voz de barítono, então moderada, que nos comícios soava bem alto como um sino a tocar a rebate, chegando aos ouvidos de todos. O Dr. King estava, como sempre, com pressa, ou melhor, quem o apressava era o seu assistente, que também vergava um sobretudo preto, sóbrio, de padre baptista. Pedi-lhe que concedesse uma entrevista para o meu jornal. King concordou, mas o seu tempo era distribuído à americana, com muitos dias de antecedência, e, por azar, não tinham a agenda à mão. Por isso aconselhou-me a dirigir-me ao seu gabinete em Atlanta. Mais tarde, recebi a resposta do seu secretário: King não se encontrava na altura em Atlanta e pedia-se para aguardar até ao seu regresso. Ele estava



«Tentei amar a Humanidade e servi-la. Fui o tambor da justiça e da paz. Após a morte, ficará a minha vida que entreguei toda à causa.»

sempre em viagens, sempre ocupado, e com o ocorrido em Memphis perdi a oportunidade de escrever sobre o Dr. King vivo. Agora tenho de escrever sobre ele já em «mais-do-que-perfeito».

King foi morto numa idade em que os políticos norte-americanos estão apenas a começar a sua carreira. Mas King não aspirava à carreira política. Ele almejava a justiça para milhões de norte-americanos de cor, e esse negro de Atlanta era conhecido, talvez, em cada casa do país. O renome mundial também não constituia para ele um objectivo em si; chegou inesperadamente ou, melhor, «graças» aos polícias enfurecidos de Birmingham que açularam os seus cães contra os participantes numa marcha, em Maio de 1963. Em Dezembro de 1964, aos 35 anos de idade, foi distinguido com o Prémio Nobel da Paz, mas não dormiu sobre os louros do reconhecimento internacional. O principal para ele era o amor dos negros do Sul e do Norte dos Estados Unidos, que relacionavam com ele as suas esperanças de uma vida melhor. Ele despertou essas esperanças, sabendo de antemão quão difícil seria justificá-las, mas não parou a meio-caminho. Chamavam-lhe presidente da América dos Negros, porém, para os analfabetos jornaleiros e rendeiros negros do Alabama e da Carolina do Sul, da Geórgia e do Mississipi, era mais do que presidente: era comparado ao profeta Moisés que conduzia o seu povo para a Terra da Promissão. Por conseguinte, falar da sua vida é, inevitavelmente, o mesmo que falar do movimento dos negros norte-americanos das décadas de 50 e 60. E a vida de King reflecte, como um espelho, a história desse movimento, com todos os seus êxitos e reveses, todas as suas esperanças e desilusões, com todo o seu vigor e fraqueza. E foi morto numa altura em que o protesto da América negra se transformava, a despeito da obra do próprio King, em motins, e quando os contra-golpes da América branca se intensificavam.

«Não és pior do que qualquer outra pessoa»

Martin Luther King nasceu a 15 de Janeiro de 1929 na cidade de Atlanta, estado da Geórgia. O seu pai era na altura assistente do pároco da igreja baptista de Ebenezer.

As raízes genealógicas de Martin Luther King perdiam-se na época da escravidão. O seu avô pelo lado da mãe nasceu em 1863 numa família de escravos; foi o ano da emancipação dos negros proclamada pelo presidente Lincoln. Em 1894, esse negro apareceu na igreja de Ebenezer e, sendo uma pessoa não só religiosa como também prática, conseguiu fazê-la uma das mais respeitáveis e rentáveis igrejas negras de Atlanta. O avô de Martin gozava de grande respeito entre os paroquianos e no seio da população negra local.

O pai de Martin, compreendendo quão importante era a instrução, não poupava esforços nem dinheiro para educar os seus filhos. Martin Luther King terminou uma escola de ensino geral e o Colégio Morehouse, para alunos negros, em Atlanta. Estudou bem. O seu pai predizia-lhe o sacerdócio, sabendo que um padre negro teria muito mais chances para ganhar a vida, o reconhecimento e o respeito por parte da sua comunidade, assim como para contar com, pelo menos, uma atitude minimamente cortês por parte dos brancos. Mas Martin não se decidiu logo dedicar-se à vida eclesiástica. Sonhava ser médico, mas esse sonho não durou muito. Depois, já aluno do colégio, apaixonou-se pela arte oratória, ocupou por mais de uma vez os primeiros e os segundos lugares em concursos estudantis de eloquência política. Mas acabou vencendo a influência do pai, que na altura já era um sacerdote renomado e activista do movimento pelos direitos civis, bem como a influência dos professores de teologia com quem Martin contactava.

Concluído o curso no Colégio Morehouse, King prosseguiu os estudos no Norte dos EUA, no Seminário Teológico de Crozer, perto da cidade de Chester, estado da Pensilvânia, onde se tornou bacharel em teologia. E já na Universidade de Boston, em 1955, doutorou-se em Filosofia. Lá também no Norte, onde não vigoravam as rígidas leis tácitas da segregação e um negro podia matricular-se na universidade, Martin encontrou um outro fugitivo temporário do Sul — Correta Scott, jovem negra, aluna de

conservatório. Ela sonhava com a carreira de cançonetista e não com o matrimónio, porém o caminho dela cruzou-se com o de Martin e o amor triunfou.

A vida, portanto, parecia desanuviada e mesmo feliz. Com efeito, era um felizardo este jovem forte, que desconhecia a miséria, sempre vestido à moda, sempre com boas maneiras e excelentemente instruído. Também o pai fazia os possíveis para que Martin tivesse uma vida honrada, orgulhava-se dele e, procurando manter a igreja de Ebenezer como uma espécie de «instituição familiar», nomeou o jovem teólogo assistente seu. A família dos King pertencia à burguesia negra de Atlanta.

A vida corria bem, se... Se não se pensasse nalguns dos seus pormenores, se se vivesse feito o caracol, que não repara no que se passa em redor. Se, à custa da dignidade, se aprendesse a adaptar-se ao meio hostil com que se depara a cada passo, esse mundo dos brancos que à qualquer momento está disposto a atacar o negro. O pai de Martin queria que o filho tivesse uma vida honrada, mas o que significava isso? A resposta mais elementar a esta pergunta resumia-se inevitavelmente na constatação de que para um negro, sobretudo um negro no Sul dos EUA, seria uma vida relativamente «honrada» e calma, porém de pessoa de segunda classe ou, como lá se costuma dizer, cidadão de segunda classe. Nem o grau científico de doutor em filosofia garantia os mais elementares direitos humanos se o graduado era negro, muito menos no Sul dos EUA. King, aliás, conheceu esta verdade muito antes de se doutorar.

Os nossos filhos entram na escola da vida desde a infância, mas para as crianças negras nos EUA é uma escola muito especial. Ainda aos cinco anos de idade, Martin recebeu o primeiro golpe duro dessa escola, tendo perdido a amizade de dois meninos brancos de sua idade, filhos do dono da mercearia da vizinhança, com os quais costumava brincar. De repente, deixaram de andar com ele. De início, Martin chegava, como sempre, ao pé da casa deles, chamava-os para saírem, mas os seus pais respondiam, embora sem qualquer hostilidade patente, que os miúdos estavam ocupados e não tinham tempo para brincar com ele. Esses brancos adultos até que poupavam o pequeno negro, poupando, ao mesmo tempo, a sua própria consciência e transferindo, assim, o fardo das explicações para os ombros dos pais de Martin. Este, desorientado, contou, certa vez, essas preocupações à sua mãe e, sentado ao colo dela, soube, pela primeira vez — o que, aliás, podia fazer ela nessa situação; para que adiar o esclarecimento tão amargo se a verdade já o espreitava e podia cair sobre ele através de palavras implacáveis de

estranhos? — da escravidão, da guerra civil entre o Norte e o Sul, de que tinha nascido com a pele negra e de que os seus amigos com pele branca, assim como soube do significado horrível de tudo isso.

A mãe disse, então, a Martin: «Não és pior do que qualquer outra pessoa...»

E disse acertadamente, mas isso não alterava a dura verdade ditada pelos factos da vida real, e esses faziam-se sentir cada vez mais à medida que crescia Martin.

Quando era estudante do Colégio Morehouse, Martin Luther King trabalhou durante as férias estivais numa fábrica de colchões e verificou que os seus colegas brancos ganhavam mais do que ele e os outros negros pelo mesmo trabalho.

Em Chester e em Boston, King sentia-se mais à vontade: a teia de arranha da segregação era menos ramificada, as relações com os estudantes brancos eram calmas, quase que de camaradas. Mas mesmo lá, no Norte do país, requeria-se dele vigilância sempre que se tratava de contactos entre negros e brancos; também lá se via obrigado a pensar em cada passo que ia dar, para não cair em ciladas de humilhações.

Parecia-lhe, em todo o caso, que no Norte do país se respirava com mais facilidade e, terminados os estudos, surgiu-lhe uma grande tentação de ficar lá para sempre. Propuseram-lhe, aliás, duas variantes dignas de respeito: ser pároco numa de duas igrejas frequentadas por negros. No entanto, o Sul, fosse qual fosse, continuava a ser sua terra e, além dos laços de parentesco, o sentimento do dever já lhe dizia: o refúgio tranquilo no Norte era uma espécie de traição. Optou, finalmente, pelo Sul e, depois de um concurso, foi nomeado padre da igreja baptista Dexter (Dexter Avenue Baptist Church) na cidade de Montgomery, estado do Alabama. Doutorado em Teologia Sistémica, King mudou-se para lá, acompanhado da sua esposa, em 1955. Pouco depois, deve lugar um acontecimento que marcou uma verdadeira reviravolta na sua vida.

Rose Parks, habitante de Montgomery e que trabalhava como costureira num dos supermercados, terminada a jornada de trabalho, na noite de 1 de Dezembro de 1955, tomou um autocarro da cidade. Como era a «hora de ponta», o autocarro estava superlotado. O motorista branco mandou Rosa Parks e mais três pessoas negras levantarem-se dos seus assentos e cederem-nos a passageiros brancos. Três dos quatro negros obedeceram: só Rosa Parks não se levantou, tão cansada que estava depois da jornada de trabalho esgotante. Foi posta à força para fora do autocarro,

algemada e presa por ter infringido a ordem estabelecida na cidade.

A ordem era a seguinte: não se proibia, nem em Montgomery nem em qualquer outra parte do Sul dos EUA, aos negros andarem de autocarro — com efeito, para que rejeitar esses cêntimos, mesmo que sejam pagos por pessoas de segunda —, mas o negro subia pela porta dianteira, pagava o bilhete ao motorista e saia pela porta traseira e, só depois — se, naturalmente, o autocarro não arrancava, pois assim acontecia também —, entrava de novo, mas já pela porta de trás, e ocupava o lugar vago, também na parte traseira do autocarro. E mesmo esse lugar devia cedê-lo, se no autocarro faltava espaço para brancos.

Habitavam em Montgomery por volta de 50 mil negros, isto é, um em cada três habitantes, constituindo eles, ao mesmo tempo, 70% dos passageiros dos autocarros públicos. A detenção de Rosa Parks esgotou a paciência da população negra da cidade. Surgiu a ideia de boicotar durante um dia os autocarros.

O jovem King propôs que os organizadores do boicote se reunissem na sua igreja. A acção foi marcada para 5 de Dezembro, esperando os seus promotores que, pelo menos, 60% dos habitantes negros a apoiassem, mas ajudou-os sem querer o chefe da polícia municipal, que, aliás, não se distinguia por grande inteligência: exortou os negros a absterem-se do boicote, prometendo incentivos aos fura-greves. A 5 de Dezembro, cada autocarro era seguido por uma motocicleta da polícia e, vendo essa escolta, mesmo os negros que se inclinavam a aderir ao apelo das autoridades resolviam evitar eventuais complicações. E quão grande foi o assombro dos organizadores quando souberam que o boicote resultara quase a cem por cento.

Às seis da madrugada, King, que por causa da agitação nervosa passara a noite em claro, bebia café na cozinha. «Vem cá Martin, rápido!» — chamou-o Coretta. Em frente à janela, na paragem do autocarro, não havia ninguém. Também o autocarro que passou estava completamente vazio, embora, habitualmente, os autocarros nessa hora matinal estavam cheios de trabalhadores negros — criadas, cozinheiras, homens de limpeza — que se dirigiam para trabalhar para os seus patrões brancos de Montgomery. Passou mais um autocarro vazio, completamente vazio. No terceiro, estavam sentados apenas dois passageiros, ambos brancos, assim que todos os assentos, quer em frente, quer na parte de trás, estavam livres para eles. Podiam até dançar nesse autocarro vazio.

Na mesma manhã, Rosa Parks foi julgada, e o tribunal impôs-lhe uma multa de 14 dólares. Já na parte da tarde, King foi eleito

líder do comité de boicote. Foi decidido prosseguir o boicote até à vitória final, embora praticamente ninguém acreditasse nisso.

A opção foi feita a favor de King, porque ele, pessoa ainda nova em Montgomery, não tinha adversários entre os representantes das autoridades municipais, nem entre os diversos grupos negros em rivalidade. Precisava-se de uma pessoa que conviesse a todos, e King era exactamente tal pessoa: votaram nele por unanimidade. O próprio King ficou um tanto admirado, pois não aspirava à liderança. Resumindo, tudo aconteceu rápida e, de facto, inesperadamente.

«Obtivemos um novo Moisés!» — diria muito mais tarde com admiração o negro de Montgomery E. D. Nixon a quem pertencia a ideia do boicote.

Na altura, porém, ainda não sabiam quem se tornaria depois o homem por eles eleito para encabeçar o boicote. Quanto a King, ele, habituado a preparar-se durante quinze horas a fio para cada sermão, esboçou às pressas nuns vinte minutos o seu primeiro discurso político. Estava com tanta pressa porque devia proferi-lo num comício na igreja em Holt Street, freguesia que praticamente desconhecia. Tanto na igreja superlotada como na rua em frente dela, reinava agitação. O auditório tão grande constituia para King, por ser um fenómeno antes desconhecido, motivo tanto de alegria como de receios, a sua voz, porém, foi firme, bem alta e convincente.

«Está a chegar a hora do cansaço — disse King. — Esta noite, reunimo-nos aqui para dizer aos que nos maltrataram durante tanto tempo: estamos cansados, cansados de segregação e humiliações, cansados das brutais pancadas da opressão. Não temos outra saída senão protestar. Anos a fio, manifestámos extraordinária paciência. Os nossos irmãos brancos podiam até pensar, por vezes, que gostamos da maneira como nos tratam. Reunimo-nos hoje à noite para nos livrar dessa paciência...

O boicote durou 381 dias e constituiu um marco na história moderna dos EUA, foi ele que se tornou um ponto de referência.

A organização foi bastante boa, agindo os participantes no boicote, em geral, coesos. Os negros proprietários de táxis transportavam os grevistas para os locais de serviço e de volta, cobrando tarifas de autocarro. Com a mesma finalidade foram adquiridos com dinheiro transferido para o fundo do boicote vinte carros. Mas a maioria via-se obrigada a levantar-se muito cedo e vencer a pé as longas milhas que separavam os bairros dos negros dos brancos. Por isso o boicote tornou-se célebre como *Walk For Freedom* — Caminhada em Nome da Liberdade.

Agora King era conhecido em toda a cidade, mas com a

popularidade chegaram o respeito de uns e o ódio de outros, e ele verificou que este último era mais sensível do que o amor ou, pelo menos, utilizava meios de expressão mais eficazes. A 30 de Janeiro, já no segundo mês de boicote, os racistas atiraram uma bomba para a sua casa: foi a primeira, à qual se seguiram muitas outras. Explodiu na varanda. Coretta e a sua filha Yoki, ainda pequenina, não foram atingidas por milagre. King encontrava-se nesse momento num comício.

Era jovem e inexperiente. Aliás, o que pretendia obter com essas lutas não era muito: apenas o direito de os negros usarem os autocarros nas mesmas condições que os brancos, fazia-o para os outros, pois ele próprio já possuia carro, e a igreja, além disso, estava bastante perto de sua casa. Mas compreendeu que, mesmo pela igualdade no uso dos autocarros, era necessário estar-se pronto a pagar com a vida, e não só com a sua própria vida, mas também com a dos seus entes queridos.

Foi eleito apenas líder do comité de boicote, mas resultou que foi eleito também como o primeiro alvo para os racistas.

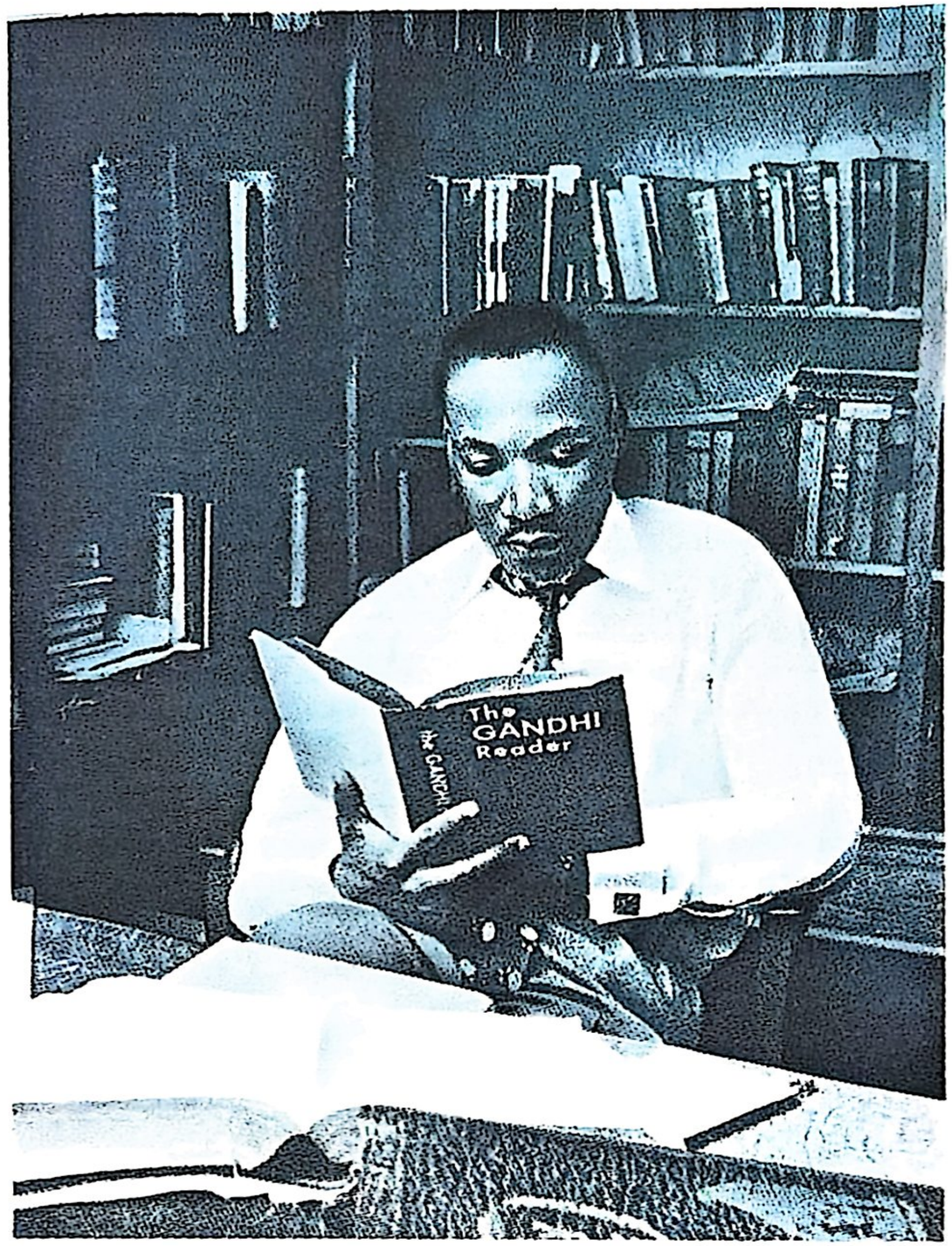
O boicote dos autocarros colocou com toda a seriedade a questão da escolha do caminho a seguir na vida. Na altura, King sentiu medo, embora mais tarde não se acanhasse em reconhecê--lo publicamente.

Mas na noite em que foi atirada a primeira bomba para a sua casa, os receios e vacilações já haviam ficado para trás. O presidente da Câmara Municipal de Montgomery W. A. («Tacky») Gayle, que compareceu acompanhado de polícias no local do crime, foi cercado por uma multidão de negros indignados, dispostos a linchá-lo, pois era conhecido pela sua atitude benevolente para com os racistas. Ao regressar apressadamente a casa, King viu que a situação era explosiva. De pé na varanda destruída, falou aos negros reunidos, persuadindo-os da necessidade de se dispersarem: *«Portai-vos com calma... Somos contra a violência. Queremos amar os nossos inimigos. Se eles conseguirem fazer-me parar, a nossa causa não parará, porque é justa.»*

Os cidadãos negros de Montgomery acabaram por vencer.

Conforme deliberação do Supremo Tribunal dos EUA, obtiveram o direito de se sentar nos autocarros públicos onde quisessem.

Assim, os racistas do Sul dos EUA experimentaram pela primeira vez a persistência de King, e para este começou uma vida nova, a de lutador pelos direitos civis. Ele iria ainda aprender a dormir pouco e habituar-se a ver raramente os seus familiares. Foi-se tornando conhecido à escala nacional, viajava muito pelo



King elaborava a táctica da «acção directa» não-violenta e de massas, adaptando às condições do Sul norte-americano os métodos de Mahatma Gandhi.

país, fazia discursos políticos, recolhia o dinheiro que tanto faltava para a sua causa, lutava pela solidariedade. Reconheciam-lhe o honroso e perigoso direito de ser o porta-bandeira na vanguarda das marchas da liberdade.

Desde os dias de boicote, King deu-se conta da força das massas organizadas. Com o correr do tempo, ele elabora a táctica da «acção directa» não-violenta das massas, adaptando, de facto, às condições do Sul norte-americano os métodos de Mahatma Gandhi, que utilizava a insubordinação civil como instrumento de luta contra os colonialistas britânicos. Igual que Gandhi, King ficou inspirado também pelas ideias do notável poeta e filósofo norte-americano do século XIX Henry David Thoreau, que no seu tratado «Insubordinação Civil» defendia o direito dos cidadãos a fazerem frente às leis e aos decretos injustos do governo.

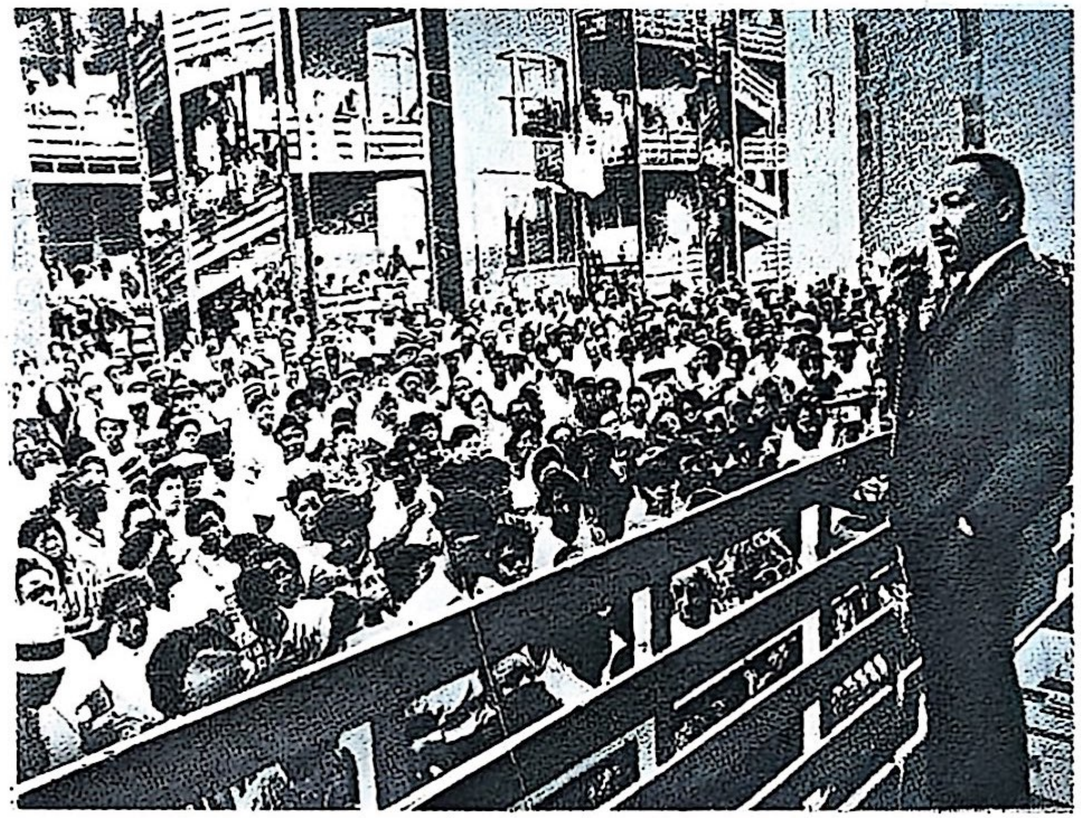
Mas porque foi que King optou pela via não-violenta? Ele explicou reiteradas vezes as suas razões a favor dela. Num artigo publicado já após o seu assassinato na revista «Look», King escreveu: *«No Sul, a não-violência foi uma doutrina construtiva, pois paralisava os segregacionistas enfurecidos que aspiravam à mínima possibilidade de esmagar fisicamente os negros. A acção não-violenta directa deu aos negros uma possibilidade de saírem para a rua com um protesto activo, afastando, ao mesmo tempo, as espingardas dos opressores por não poderem eles matar à luz do dia homens, mulheres e crianças desarmados. Eis por que razão em dez anos de protesto houve no Sul menos vítimas do que em dez dias de motins ocorridos no Norte.»*

A não-violência não significava, segundo King, a não-resistência ao mal: *«Uma cooperação passiva com um sistema injusto torna o oprimido tão viciado como o opressor.»*

Caracterizando os primeiros anos da sua luta, ele escreveu: *«Houve quem exortasse a um colossal banho de sangue para depurar a Nação dos seus vícios. Defendendo a violência e incentivando as pessoas a praticarem-na, eles alegavam a tradição histórica que data ainda dos tempos de Espártaco na Roma Antiga e vai até aos tempos da Guerra Civil norte-americana. Mas o negro do Sul em 1955, ciente do poderio das forças reunidas contra ele, não podia contar com a mínima perspectiva de vitória se assumisse semelhante posição. Não estava armado, nem organizado, nem instruído, nem unido, nem — o mais essencial de tudo — preparado psicológica e moralmente para derramar conscientemente o seu sangue. Embora o desespero lhe desse a coragem para tombar, em caso de necessidade, pela liberdade, de maneira alguma estava disposto a condenar a si próprio a um suicídio racial, sem contar com a mínima perspectiva de vitória.»*

King via o seu caminho na mobilização das massas. Dando-se conta de que era impossível acabar-se com a segregação através de deliberações de tribunais, King procurava atacá-la com grandes marchas, boicotes, greves sentadas. Ele aceitava o confronto aberto, frontal, embora não-violento, com os racistas, a criação consciente de crises e de tensão no Sul racista. Chamava à tensão «criadora», porque os negros, demonstrando sob formas tão dramáticas as suas reivindicações e firmeza, deviam criar um clima novo nas relações inter-raciais, constituindo as crises precisamente o meio de passagem às conversações sobre a revogação das leis injustas e da segregação, conversações respaldadas por acções das massas.

O silêncio envolvia auditório, quando ele subia à tribuna, silêncio de atenção e respeito. A sua voz, alta e tensa, assemelhando-se ao sino a tocar a rebate, chegava a cada ouvinte.



Para se fazer à estrada, é preciso sempre dar o primeiro passo. E ao dar em Montgomery esse seu primeiro passo, King não sabia ainda quão longo seria essa estrada.

Portanto, Rosa Pirks e os 50 mil negros de Montgomery obtiveram o direito de ocupar quaisquer assentos nos autocarros públicos, mesmo os da frente, embora os olhares lançados de soslaio ainda os obrigassem a ficarem por hábito, modestamente nos seus lugares de outrora, tanto mais que não eram raros os casos de os autocarros «integrados» se tornarem alvos de fogo à noite. Enquanto isso, junto às entradas dos restaurantes, cafés, motéis, parques dos quarteirões centrais da cidade, podia ver-se, tal como dantes placas com as inscrições: «Só para brancos».

Em Dezembro de 1961, ou seja, passados cinco anos após o famoso boicote, durante a minha primeira visita ao Sul dos EUA, vi no café «Elite» (the Elite Café) em Montgomery um letreiro anunciando que os seus donos se reservavam o direito de se recusarem a servir qualquer pessoa que achassem indigna disso. «Qualquer» queria dizer qualquer negro.

Durante essa mesma viagem eu fiquei a conhecer, por assim dizer, indirectamente King. E, simultaneamente, conheci directamente os hábitos e costumes do Sul norte-americano.

Cruzes em relvado

Considerava-me, na altura, novato na América — apenas mês e meio em Nova Iorque, onde habitava na esquina da rua 87 com a Park Avenue. Ali perto, a partir das ruas com os números acima de cem, começava já o bairro Harlem. Estava, realmente, perto, porém, como que existia por separado e, durante os primeiros meses da minha estada lá, surpreendia-me a auto-crítica implacável dos norte-americanos que chamavam a Harlem com o nome horrível e desesperador de guetto. Em torno de Harlem não há muros, nem cercas de arame farpado, nem cães de vigia; mais ainda, «fisicamente» está integrado no resto de Manhattan. Apesar de tudo isso, referindo-se a Harlem, as pessoas diziam comummente «guetto».

Nos dias em que chovia, eu mergulhava na garganta húmida do metropolitano, na esquina da rua 86 com a Lexington Avenue, para ir ao centro da cidade e andava quase sempre em vagões repletos de habitantes de Harlem, que haviam entrado na zona

das ruas com os números acima de cem. Como estrangeiro nessa cidade, eu até sentia um certo parentesco emocional com essas pessoas, porque elas mesmas — o que era evidente — também se sentiam lá estranhas. Mas sentia ainda uma outra coisa: não havia entre nós reciprocidade, erguia-se entre nós uma certa barreira psicológica, pois eu era branco e isso dizia tudo.

Como jornalista credenciado nos EUA, sabia que devia abordar também a temática relacionada com a população de cor. Um colega meu que me visitou certa vez, vindo de Moscovo, disse: «Eis o que escrevemos sobre os problemas dos negros norte-americanos. Isto é mal, aquilo é pior ainda. Mas vi cá negros a passear em 'Cadillac'...»

Ora bem, o que, de facto, se passa no caso dos negros norte-americanos? São linchados ou andam de «Cadillac», o que mais corresponde à verdade? Nos fins de Dezembro de 1961, um colega meu e eu fomos ao Sul dos EUA para preparar uma reportagem de Natal sobre um tema relacionado com a vida da população negra.

...O comboio de Washington aproximava-se de Chattanooga, uma cidade situada na fronteira entre os estados do Tennessee e da Geórgia. Uma madrugada bastante fria, brumosa. O empregado de carruagem, negro, acordou-nos às sete da manhã e saímos encolhendo-nos do frio matinal para a plataforma aberta do vagão. O condutor, branco, que acabara de subir para o comboio, perguntava ao nosso empregado de carruagem sobre o tempo em Washington. O negro respondia de uma maneira concisa e cortês: «Sim, senhor...», «Não, senhor...»

Foi um negro já ancião, com grande experiência de serviço, membro do sindicato dos empregados de carruagens-dormitórios. Na noite anterior, desempenhava perante os passageiros o papel de um negro amigável, sempre pronto para qualquer serviço, semi-lacaio, semi-palhaço, que sabe que os senhores passageiros nada têm contra tal palhaçada, caso, naturalmente, o palhaço mantenha a distância para não os aborrecer. Sentimos que, na realidade, esse homem não era assim, que exactamente desempenhava esse papel um tanto antiquado, sabendo que é de tal imagem de negro que necessitam os brancos com quem está habituado a contactar.

E eis que de manhã cedo ele estava em frente do condutor branco, estava muito atencioso, porém, um tanto aflito. E não era porque ele também sentia o rio matinal, mas sim, por o comboio já ter entrado no território do Sul.

Nessa manhã da véspera do Natal, a praça em frente da estação ferroviária como que irradiava melancolia e estava quase

2—2068

vazia. Mas o serviço omnipresente e sempre de pé da corporação Hertz, especializada em aluguer de automóveis, na pessoa do seu agente que apenas verificou as nossas licenças de condutor e nos deu umas guias para preenchermos, entregou-nos logo a chave de um «Chevrolet». Com a chave na mão obtivemos a liberdade de locomoção por essa cidade desconhecida e percorremos as suas ruas praticamente sem transeuntes.

Esse dia de Dezembro passou rápido, como, aliás, todos os dias curtos do Inverno, e chegou a Noite de Natal. Depois de termos almoçado no restaurante do motel «Drake» (the Drake Motel), onde estavam sentados representantes da classe média de Chattanooga, exclusivamente brancos, sentados tranquilamente, sem beber muito, sem falar alto, voltámos para a cidade em busca de uma outra Chattanooga, a negra.

Nas ruas centrais, a Broad Street e a Market Street, cheias de casas comerciais, já não se via uma alma viva sequer. Grinaldas de pequeninas lâmpadas multicores, estrelas brancas americanas de cinco pontas, sinos vermelhos de Natal iluminavam com a sua luz bela e fria o centro da cidade. Nas montras festivamente decoradas das lojas fechadas, estavam em abundância as mais diversas mercadorias. Quanto aos largos espaçosos dos centros comerciais e dos supermercados de géneros alimentícios, localizavam-se no terreno barato dos subúrbios. E ao longo da estrada, cá ou acolá, sob telhado improvisado ou mesmo ao relento, estavam centenas de carros à venda, todos de segunda mão, porém, muitos aparentemente bastante novinhos; parecia até não terem donos, pois não se via ninguém ao lado deles.

Mas, finalmente, chegámos a uma outra Chattanooga, onde vimos casas velhas e de aspecto bastante pobre, quase todas de madeira, com minúsculas varandas junto das entradas. E em todas as casinhas dessas, no fundo das varandas envidraçadas ou nas janelas, viam-se pequenos ramos verdes, engalanados com pequeninas lâmpadas vermelhas e velas eléctricas em homenagem ao nascimento do Menino Jesus. Cintilavam emitindo uma luz um tanto triste e apaziguadora, que penetrava na escuridão da rua. Não sei por que, mas pensei nesse momento que, provavelmente, também eram assim os lumes acesos às ocultas pelos primeiros cristãos que se escondiam das perseguições.

Embora não encontrássemos nenhum letreito ou indicador, compreendemos que já estávamos na parte da cidade habitada por negros.

Saímos do carro para passear a pé sob a luz calma dos lumes de Natal. Raramente, viam-se transeuntes. Sentia-se que não era hábito os brancos aparecerem lá, em especial à noite, quando a

escuridão aumenta fisicamente a divisão que existe entre representantes de duas raças diferentes. Sim, éramos nesse momento os únicos brancos nessa Chattanooga negra.

Pessoas com rostos negros andavam com pressa junto de nós. À precaução natural que qualquer estranho suscita, somava-se a diferença de raça, que há muito lhes ensinou a encobrir os seus sentimentos reais perante o representante da outra raça, em vez de os mostrar. Essas pessoas negras que se apressavam, movidas pelos seus afazeres, como que nos advertiam de que todas as nossas tentativas de conhecer o Sul norte-americano jamais teriam pleno sucesso, por estar a alma do negro norte-americano fechada para os brancos. Mas como então conhecer o Sul do país sem conhecer essa alma?

Parecia que a história de trezentos anos, iniciada em 1619, quando desembarcou no Sul norte-americano o primeiro navio trazendo cativos negros procedentes de África, nos apresentou nesse momento a sua conta. Desconfiança, perplexidade, interrogação, tudo isso víamos nos olhos das pessoas que encontrávamos no caminho. E tudo isso reflectia a enraizada segregação maldita, dividindo as pessoas em brancas e negras, em norte-americanos brancos e norte-americanos negros, e não será exagero afirmar-se que mesmo durante os encontros instantâneos na rua, num bar, num escritório ou num cinema, quase todos os negros norte-americanos reagem a um norte-americano branco estranho com uma faísca de desconfiança inconsciente a atravessar o seu cérebro. E vice-versa. E este campo de tensão racial, campo normalmente invisível, é tão forte na América do Norte, que mesmo um estrangeiro não pode deixar de o sentir.

Havia algo de pastoral nas tranquilas colinas vermelhas da Geórgia, nas faixas betonadas das auto-estradas que atravessavam as florestas entristecidas pelo mês de Dezembro, nas estrelas de Natal feitas de cartão e nos sinos festivos que enfeitavam as ruelas das pequenas cidades acolhedoras, por detrás das quais, de certeza, também se escondiam seus harlems, mergulhados em silêncio.

Em Roma, despovoada por causa do Natal, cidadezinha do estado da Geórgia com apenas 32 mil habitantes, bem no centro, junto das esquadras da polícia e dos bombeiros, erguia-se o monumento à loba amamentando Rômulo e Remo. *«Roma Novae—Roma Aeterna»* (De Roma eterna a Roma nova), dizia a inscrição gravada no pedestal do monumento que foi oferecido à cidade por Benito Mussolini em 1929. O monumento, tal como o centro da cidade, encontra-se entre sete colinas, facto a que deve

o seu nome. Para os negros «romanos», encontraram uma oitava, onde vivem como se fossem exilados.

Na Câmara do Comércio municipal que visitámos logo na manhã do dia seguinte, quando a festa acabara e os citadinos voltaram à sua vida de sempre sob a palavra de ordem «negócios, como habitualmente», o seu gerente, senhor Collins, comunicou-nos que eram membros da Câmara 820 homens de negócios romanos não havendo, contudo, entre eles um negro sequer. A explicação que ele deu deixou-os desarmado: «É que não temos negros que possuam o seu negócio».

De Roma a La Grange são 94 milhas para o Sul. E quanto mais se avança para o Sul, tanto mais se sente a segregação. Em La Grange, minúscula cidade com 26 mil habitantes, as barreiras invisíveis que separavam os negros dos brancos existiam por toda a parte: nas escolas, nos hospitais, nas paragens de autocarro, na esfera dos serviços. Só os estabelecimentos comerciais não faziam distinção entre brancos e negros, pois os dólares não cheiram.

Estávamos parados junto das portas da estação de autocarros quando chegou um expresso da companhia de transportes inter-urbanos «Greyhound», um gigante confortável, em cujos lados niquelados estavam representados galgos a correr. Primeiro desceram os passageiros brancos, depois os negros, que viajavam na parte de trás. Uma negra já idosa desceu do autocarro, dirigiu-se para a porta central da estação, olhou para dentro através do vidro da porta e logo se afastou: era a secção reservada para os brancos. Passados uns instantes de perplexidade, orientou-se e entrou na porta com o letreiro «Só para pessoas de cor». A secção para os brancos era três a quatro vezes mais espaçosa do que a dos negros, para não dizer já que era mais cómoda, mais limpa, com mais luz e com entrada pela frente. Na secção para os negros, estavam sentados três soldados e um oficial — todos negros — cidadãos norte-americanos a prestar o serviço militar. O Estado, tendo os convocado para a tropa, confiou-lhes a defesa dos seus interesses, contudo, nessa estação de autocarros em La Grange, não pôde defender a dignidade humana desses seus cidadãos. Em Roma diziam-nos que as relações entre os habitantes brancos e os negros eram normais. Porquê? Porque os habitantes «de cor» constituíam apenas 15% e preferiam ficar calados. Em La Grange, o redactor do jornal local, senhor Crowe, esclareceu que teria que tratar bem a sério da segregação, caso aparecessem na cidade os participantes nas «marchas da liberdade», que, na altura, se manifestavam contra a segregação nas linhas de

autocarro. Ele próprio, aliás, considerava que era muito mais liberal do que os «habitantes típicos do Sul».

Viajávamos assim uma semana inteira por estradas e cidades da Geóriga e do Alabama e bem perto de Montgomery, onde terminava o nosso percurso, parámos na cidadezinha de Tuskegee, estado do Alabama.

Chegámos lá à noite e, de início, não pudemos entender onde se encontrava aquela Rua Ampla ou Principal, iluminada também em plena noite, sem a qual não pode haver uma cidade dos EUA, por mais minúscula que seja. Mas de manhã tudo ficou claro. Encontrámos a Rua Principal e a Praça Central com um jardim no meio. Neste estava bem firme de pé no pedestal um soldado de bronze envergando o fardamento das tropas confederadas.

A história da Guerra Civil nos EUA não deixa lugar a dúvidas: as tropas do Norte desbarataram as do Sul, libertando os negros da escravidão. Mas, a despeito da História, o referido soldado de bronze estava ali invicto, e dois descendentes dos negros emancipados havia quase um século cuidavam do relvado em redor da estátua. Num outro canto da praça, um grupo de negros aqueciam-se ao sol, encostados à parede de uma loja de víveres com a inscrição «Só para pessoas de cor». O edifício do tribunal, que também dava para a praça, estava vazio e escuro, mal se vendo apenas tabuletas análogas às que havia por toda a parte. Só a porta da sala do xerife não tinha este labéu: era inconcebível na altura um negro ser xerife em Tuskegee.

No rés-do-chão de uma pequena casa na orla da praça encontrava-se a redacção do jornal «Tuskegee News». Ao balcão, todo coberto de jornais, estava sentada uma anciã gorda. A ela e ao seu marido pertencia-lhes esse jornalzinho com a tiragem de mil e quinhentos exemplares.

A mulher chamava-se senhora Fisher. Tinha o aspecto simpático de mãe e dona de casa, a tagarelice daquelas americanas que, por não terem o que fazer, matam o tempo dedicando-se à chamada actividade social; a franqueza da pessoa que sabe, de certeza absoluta, que todos quantos a rodeiam são da mesma opinião que ela.

Exactamente, Tuskegee tem mil e setessentos habitantes. A cada branco correspondem cinco a seis pessoas de cor. Nós, hábitantes do Sul, em geral, não gostamos dos negros como raça. Naturalmente que gostamos de algumas pessoas de cor, encontramo-nos com elas nas ruas, nas lojas. Mas convidá-las a visitarem-nos, livre-nos Deus! Eles são a maioria, mas somos nós que administramos a cidade e o condado. Sim, o Supremo Tribunal autorizou que fossem registados como eleitores, mas

imaginem só o que aconteceria se eles todos votassem! Se for assim, pode-se chegar ao ponto de os negros virem a governar a cidade. Ora, eles não têm instrução alguma. Claro que não pudemos admiti-lo. Não foi tão fácil encontrar uma saída, mas acabámos encontrando: pois era o nosso futuro que estava em jogo. Modificámos as fronteiras da cidade e, deste modo, os negros desapareceram das listas do eleitorado. Ficaram indignados! Declararam boicote ao jornal e aos estabelecimentos comerciais. Bom, por enquanto, graças a Deus, tudo se resolveu...

Essas palavras da senhora Fisher ficaram-me na memória, por causa de uma contraste de ideias com um vizinho do jornal «Tuskegee News» — o Instituto de Tuskegee (Tuskegee Institute), célebre por ser considerado um dos maiores, mais antigos e mais respeitados estabelecimentos de ensino superior para negros nos EUA.

No Instituto, encontrámos o senhor Trout, responsável pelos contactos com a imprensa e foi ele que nos levou ao Dr. Foster, presidente dessa escola superior.

O Doutor Foster, negro idoso de aparência respeitável, que nos recebeu no seu gabinete com o interior bem impressionante e iluminação atenuada, chão coberto de tapetes, poltronas de cabedal, mostrou ser uma pessoa calma, ponderada e chamou, num tom de delicada ironia, a senhora Fisher de «filósofa». Aparentava uma pessoa bem instruída, um autêntico intelectual capaz de compreender tudo e todos e, talvez, exactamente nesta sua última qualidade se encerrassem tanto a força como a vulnerabilidade da sua sabedoria: pessoa que sabe bem quão profundas são as velhas raízes e que, por isso mesmo, não acredita muito em acções radicais e mudanças rápidas. Aliás, ele assinalou que já se observava uma tendência para melhor e até nos asseverou que tudo ia correr bem, «se essa tendência não deparar com uma resistência».

Mas não escondeu de nós que sentia vergonha por causa dos paradoxos clamorosos de Tuskegee. O seu colega Dr. Kennedy não podia tomar um café nem na tasca de terceira classe da cidade. O Doutor Kennedy, também negro, era o director do hospital para os negros veteranos da guerra, que se localizava perto do instituto. Esse hospital pertencia ao departamento federal para os assuntos dos veteranos, totalizando o seu rendimento anual nove milhões de dólares. Por falar em dólares, o referido hospital era a instituição pública que dava mais lucros ao tesouro do condado de Macon, em cujo território se encontrava a cidade de Tuskegee.

Pois bem, o Dr. Kennedy também devia «saber do seu lugar»,

lugar humilhante, e era duvidoso que o consolasse saber que era o mesmo lugar que se reservava ao Dr. Foster e a dezenas de outros negros, doutores em filosofia e bacharéis em artes. O Dr. Foster responsabilizava-se por mais de dois mil alunos, muitos dos quais iam formar-se no instituto como professores e mestres-escola, para, depois, «penderem» sobre eles o xerife semi-analfabeto e a senhora Fisher, que explicava, sem nenhum acanhamento, a dois estrangeiros as razões do seu ódio aos negros «como raça».

Mas já é tempo de pôr o ponto final na descrição da nossa excurção pelo Sul, que praticamente terminou em Tuskegee. Daí fomos para Montgomery, onde embarcámos num avião da «Delta Airlines» para Nova Iorque. Nesse avião, todos os assentos estavam ocupados, todos menos um, e esse assento vazio estava ao lado de — adivinhem? — um negro, o único passageiro negro. E o nosso voo foi na véspera do Ano Novo, de maneira que os aviões estavam superlotados. Eu, já durante o voo, olhando para o assento vazio junto do passageiro negro, pensava na «delicadeza» ou mesmo «auto-sacrifício» da companhia aérea: por não poder segregar as comunicações aéreas entre a Montgomery segregada e a Nova Iorque dessegregada, conseguiu, não tendo encontrado mais um passageiro negro para esse voo e tendo «sacrificado» um bilhete, evitar o indesejável conflito racial no espaço aéreo.

Enquanto o avião cruzava o céu do Alabama, eu anotava no caderno de apontamentos as minhas últimas impressões.

Agora lamento que nesse caderno eu quase não tenho apontamentos sobre Montgomery, cidade onde King começara as suas lutas. Ele já conhecia todos os treze estados do Sul do país como a palma da mão, tinha-os percorrido em todas as direcções, quer utilizando diversos meios de transporte, quer como participante em «marchas da liberdade», isto é, a pé. Experimentara também o peso do cassetete e cuspidelas na cara. A polícia rasgara-lhe vários trajes de padre baptista, ele dormira no chão de betão gelado da prisão, vira por mais de uma vez o azul do céu meridional desses estados através das grades de calabouços policiais. Já tinha três filhos, e cada noite dessas encerrava grande perigo para os seus familiares em Atlanta, para onde ele se mudara a fim de proferir, juntamente com o seu pai, sermões na igreja de Ebenezer. Foi também lá que ele instalou a sede da sua organização «Conferência de Líderes Cristãos do Sul», que já possuía dezenas de filiais e milhares de activistas nas cidades do Sul do país. Cruzes da Ku Klux Klan foram, por mais de uma vez, queimadas no relvado em frente da sua casa, verificando King,

este inquieto peregrino de sempre, por telefono como estavam em casa a sua esposa e os seus filhos.

Estudando a psicologia dos habitantes brancos do Sul dos EUA, compreendemos quão horrível era essa força, a força do hábito de milhões de pessoas que receberam de herança dos seus pais e avós os preceitos, para não dizer preconceitos, do racismo. Mas King conhecia não só esta psicologia, como ainda uma outra, um outro problema não menos grave. Sabia perfeitamente quão difícil era expulsar, pouco a pouco, de si próprio, dos seus entes queridos, de milhões de pessoas de pele escura, a psicologia de escravo, pois a inferioridade do escravo, o complexo de inferioridade do escravo eram também herdados com o sangue dos pais e avós.

Foi o tempo das gloriosas «marchas da liberdade», uma espécie de «raids de guerrilha» contra o ramificado sistema de segregação, iniciados pelos jovens militantes, cheios de iniciativa, da recém-criada organização «Comité Coordenador Estudantil de Acções Não-Violentas». Irrompendo em estações de autocarros e ferroviárias, em estabelecimentos comerciais, cafés e motéis, grupos de jovens sentavam-se e mesmo deitavam-se directamente no chão, perturbando, com essas greves sentadas ou deitadas, o curso normal da vida e dos negócios. Eram espancados pela polícia, eram presos em esquadras dos «guardiões da ordem», eram, amiúde, aleijados — a ira racista debruçava-se com força redobrada sobre os estudantes brancos do Norte: eram considerados traidores. E King apressava-se a ajudá-los com a sua «acção das massas».

Foi assim que sucedeu em Olbany. Os estudantes foram presos. Mas no dia seguinte, centenas de negros da idade organizaram uma manifestação de protesto. Foram presos mais 267 pessoas.

A 15 de Dezembro, King chegou de avião a Olbany procedente de Atlanta. Esperavam por ele como se espera pela justiça, como se costuma esperar por um milagroso. (Ainda durante o boicote em Montgomery, período em que King granjeou fama e popularidade, ele disse certa vez em tom de ironia: *«O homem que aos vinte e sete anos de idade atingiu o zénite, tem de se preparar para enfrentar dias duros. As pessoas esperam que eu, até ao fim da minha vida, tire, como um prestidigitador, coelhos do meu chapéu.»).* Na igreja baptista de Siloch não couberam as mil e quinhentas pessoas reunidas, muitas delas ficaram na rua sob a chuva miúda, aguardando o avião que se atrasava por causa do mau tempo. E assim, cinco horas debaixo de

chuva — era o nome de King que as atraía a todas como se fosse um íman.

— *Não podemos retardar o nosso avanço. Não podemos permitir-nos aceitar a doutrina da paulatinidade. Ela conduz à passividade que, por seu turno, significa a manutenção da situação anterior. Reivindicamos todos os nossos direitos e já, agora mesmo!* — com esta exclamação King concluiu o seu breve discurso. E a título de primeiro passo na concretização dessas reivindicações suas, os participantes no comício exigiram a libertação dos presos às dez da manhã de 16 de Dezembro.

Entretanto, o magnetismo de King não produzia nenhum efeito sobre Laurie Pritchett, chefe da polícia de Olbany.

A 16 de Dezembro, por volta de seiscentos negros dirigiram-se a City Hall, caminhando à sua frente King e um negro de Olbany, doutor Anderson.

A três quarteirões de City Hall, o caminho dos manifestantes foi barrado por Laurie Pritchett, por detrás do qual se alinharam polícias. Do telhado do hotel vizinho, o acontecimento era acompanhado com «particular interesse» por efectivos da Guarda Nacional. Laurie Pritchett aproximou-se de King e exigiu que lhe mostrasse a autorização para a marcha. Tal não havia. Através do altifalante, Pritchett ordenou a multidão a dispersar-se. Mas ninguém se mexeu. Então, foram cercados pela polícia e levados para a alameda adjacente à prisão municipal.

Foi assim que isso sucedeu. Eles saíram às ruas para promover uma manifestação pacífica, sem qualquer violência. Laurie Pritchett prendeu-os todos, igualmente não recorrendo à violência. As prisões da cidade «acolheram» mais de 700 negros. King e Anderson foram colocados numa mesma cela.

King recusou-se a pagar fiança para ser libertado, porque queria que as manifestações prosseguissem e, no mínimo, mil pessoas fossem presas, para que no Natal a Olbany confluíssem numerosos estudantes «peregrinos», de maneira que tudo isso se prolongasse por mais tempo possível e essa crise prolongada afectasse os interesses económicos dos homens de negócios da cidade, privando-os dos maiores lucros que puderiam auferir em todo o ano: aproximava-se o Natal. Mas parte dos negros de Olbany receavam esse «extremismo» e temiam a vigança por parte dos brancos. «King e os outros se irão embora — dizia um dos líderes negros da cidade — mas nós teremos de viver aqui.»

Na véspera do Natal, foi concluído um «armistício» por dois meses. Em pleno auge dos acontecimentos em Olbany, King exortou o presidente John Kennedy a promulgar a segunda

proclamação sobre a emancipação dos negros, quase cem anos depois da primeira, firmada por Abraham Lincoln. King evocava a promessa eleitoral do presidente: com uma só «assinatura» acabar com a segregação na esfera habitacional. Citou ainda outras promessas generosamente distribuídas, outrora, nos discursos eleitorais de Kennedy. No entanto, o apoio por parte do governo foi meramente simbólico. O irmão do presidente, Robert Kennedy, na altura ministro da Justiça, limitou-se a telefonar ao presidente da Câmara Municipal de Olbany, pedindo-lhe para observar as regras federais sobre a organização dos transportes interurbanos de passageiros, as quais proibiam a discriminação nas estações ferroviárias e de autocarros.

A campanha de Olbany durou, com intervalos, alguns meses, até ao Verão de 1962. Nesta campanha, a segunda maior a seguir ao boicote dos autocarros em Montgomery, King sofreu um revés. Os que o criticavam anunciaram que a não-violência era uma doutrina abortada. Mas King não caiu em desespero.

«O movimento social — escreveu ele mais tarde — é constituído por pessoas com todos os seus defeitos e com todas as suas boas qualidades. Essas pessoas devem cometer error e com eles aprender, voltar a cometê-los e novamente aprender. As pessoas têm de experimentar o sabor da derrota tal como o da vitória, têm de saber como se vive num caso e no outro. O tempo e a acção ensinam.»

Ele próprio experimentou o sabor da derrota e estava disposto a tirar as devidas lições dos erros que cometera: passou a falar da revolução. Ele era diabolicamente tenaz, tenaz à maneira tipicamente norte-americana, embora se desse conta de que quanto mais tenaz era, tanto maior seria a probabilidade de que, cedo ou tarde, os seus adversários ajustassem contas com ele.

A verdade, mesmo espezinhada, sempre triunfará

Antes de passar ao capítulo seguinte nesta crónica de uma vida, quero citar duas informações sobre a cidade de Birmingham.

A primeira, eu tirei-a da célebre Enciclopédia da Colómbia (Colombia Encyclopedia):

«Birmingham. Cidade industrial (pop.: 340 887 hab.), um dos maiores centros de fundição de aço do Sul. As gigantescas empresas de fundição são abastecidas de minério de ferro, hulha e calcários das zonas adjacentes. Fabricam-se também têxteis, produtos químicos e cimento. Fundada em 1871, Birmingham cresceu rapidamente. Esse rápido fomento industrial deveu-se às vantagens proporcionadas pela abundância em recursos naturais e o alargamento da rede ferroviária. Ergue-se sobre a cidade uma grande escultura de Vulcão, no Monte Vermelho. Em Birmingham ficam situados o Colégio Howard (Howard College — baptista; ensino conjunto para homens e mulheres; fund. em 1907), um colégio de medicina e a escola de odontologia da Universidade do Alabama; o Colégio de Birmingham Sul (metodista; ensino conjunto), fundado em 1918 como resultado da fusão da Universidade do Sul e do Colégio de Birmingham. Em 1953, o Conservatório Musical de Birmingham foi integrado no Colégio.»

Esta nota não mencionava que, dos 340 887 habitantes de Birmingham, 135 332, isto é, dois quintos, eram negros. Vejamos como era Birmingham em 1963 do ponto de vista de um negro.

A segunda nota que quero citar baseia-se no livro de King «Porque não Podemos Esperar».

«Se visitassem Birmingham antes de 3 de Abril do centésimo ano após a emancipação dos negros, chegariam a uma conclusão paradoxal. Pensariam que esta cidade, como Rip Van Winkle, havia dormido dezenas de anos a fio, que os seus «pais», evidentemente, nunca ouviram falar de Abraham Lincoln, Thomas Jefferson, da Carta dos Direitos (Bill of Rights), do Preâmbulo da Constituição, da Décima Terceira, Décima Quarta e Décima Quinta Emendas à Constituição ou da decisão adoptada em 1954 pelo Supremo Tribunal dos EUA proibindo a segregação nas escolas públicas.

Se tivessem imaginação suficiente para se colocarem na situação de uma criança negra nascida e criada em Birmingham, a ideia que teriam da sua vida seria a seguinte.

Nasceu numa maternidade segregada, filha de pais que, o mais provável, viviam num guetto. Frequentou uma escola segregada...

Passou a infância brincando quase sempre na rua, pois praticamente não havia parques para as «pessoas de cor». Quando o tribunal federal proibiu a segregação nos parques, Birmingham encerrou-os e até mesmo desistiu da equipa municipal de baseball, só por não desejar integrá-la...

Se a família dessa criança frequentava uma igreja, era uma igreja para negros, pois não se lhe permita entrar numa igreja

frequentada por brancos. Isto porque, embora os seus concidadãos brancos afirmassem que também eram cristãos, nos templos de Deus a segregação era tão rigorosa como, digamos, no teatro.

Se procurou emprego nesta cidade, um dos maiores centros nacionais produtores de ferro-gusa e aço, o mais provável é que teve de contentar-se com um emprego de carregador ou trabalhador não-qualificado. E mesmo que tenha conseguido encontrar emprego, sabia de antemão que qualquer promoção ou aumento salarial não era para ele, mas para o seu colega branco, por maiores que fossem as suas capacidades. No trabalho, tomava as suas refeições separadamente dos colegas brancos, usava o bebedouro e o quarto de banho «só para pessoas de cor» — tudo em conformidade com as regras municipais... Em Janeiro de 1963, dos 80 mil eleitores registados em Birmingham, só 10 mil eram negros. Ou seja, compondo dois quintos da população da cidade, os cidadãos da sua raça constituíam apenas um oitavo de todos os eleitores.

Vivia na cidade em que toda a espécie de atrocidades em relação aos negros era uma realidade incontestável e indiscutível. Um dos comissários municipais que governavam a cidade, o racista Eugene Connor, apodado de «Búfalo» (Bull), orgulhava-se de saber como se deve tratar um negro e o que fazer para que este fique no seu «devido lugar». O comissário para a segurança pública da cidade, «Búfalo» Connor, possuiu durante muitos anos um grande poder em Birmingham e espezinhava os direitos dos habitantes negros, chegando a ir contra a autoridade do governo federal.

Deparava em Birmingham com um ambiente geral de violência e brutalidade. Os racistas locais terrorizavam, perseguiam e mesmo assassinavam impunemente pessoas negras. O exemplo mais clamoroso, o mais recente, do terror que reina em Birmingham foi o caso de castração de um negro que, mutilado, foi abandonado numa estrada deserta. Nenhuma casa de negros era protegida de atentados bombistas e incendiários. De 1957 a 1963, quando as autoridades de Birmingham ainda afirmavam que os seus negros estavam contentes, dezassete bombas foram atiradas contra igrejas de negros e casas de líderes do movimento pelos direitos civis dos negros, porém, nenhum desses casos foi investigado...

Em Birmingham da época de «Búfalo» Connor, a palavra de ordem tácita era o medo. Mas não só o medo que os negros oprimidos sentiam, como também o medo dos opressores brancos. Em parte, o medo desses últimos devia-se ao sentimento de sua culpa. Havia ainda o medo de mudanças, tão característico das pessoas educadas no longo Inverno da reacção. Muitas delas

receavam o ostracismo público. Naturalmente que em Birmingham havia também brancos moderados, que não aprovavam a conduta do «Búfalo» Connor. Havia, certamente, em Birmingham cidadãos brancos honestos, que, em conversas privadas, condenavam o tratamento bárbaro dos negros. Mas em público guardavam silêncio. Era o silêncio pelo medo, medo da repressão de ordem social, política e económica. A maior tragédia de Birmingham não era, de modo algum, a brutalidade das pessoas más, porém o silêncio das pessoas boas.»

Dessa vez, não foi o objectivo que procurou King, como sucedeu em Olbany, onde, sem preparação e, como já sabemos, sem êxito, tentou concluir a causa iniciada por uma «marcha da liberdade» estudantil. Dessa vez, foram eles mesmos que escolheram o objectivo, ou melhor, o alvo. E que alvo! Eles tinham em mira o plexo solar do racismo. Entusiasmados, eles sonhavam, em caso de vitória em Birmingham, poder quebrar a coluna vertebral da segregação em todo o país. E o «Búfalo» Conner representava para eles a imagem colectiva de todos os seus adversários.

E por detrás dele, da residência de governados em Montgomery já emergia, a pequena figura de George Wallace, que já pronunciara o seu juramento categórico sobre a segregação para todo o sempre, já, aos olhos de toda a Nação, barrara com o seu corpo a entrada das universidades do Alabama aos alunos negros.

Na planeada campanha de Birmingham, as apostas eram bem altas, os inimigos bem fortes e o risco bem grande. Pois, após o revés em Olbany, mais uma derrota em Birmingham assestaria um golpe mortal no «apóstolo da não-violência».

Elaborava-se a táctica, ensinava-se às pessoas os métodos de luta, recolhia-se dinheiro. E nesta obra King não estava, naturalmente, sozinho, estava sempre entre pessoas. Destacando-se, indubitavelmente, entre os outros companheiros seus, devido à sua autoridade de líder reconhecido à escala nacional, ao talento de incentivar as pessoas à acção, e à sua arte de se expressar nitida, fervorosa e altivamente, embora utilizando a linguagem corrente do seu povo, King esteve sempre rodeado por correligionários fiéis sem reserva à causa comum e bons organizadores. Ele era o primeiro entre os iguais, e cada um dos seus companheiros, fazendo a sua obra, nunca pôs em dúvida a liderança de King, compreendendo quão valiosa era para o seu movimento comum a força de atracção que ele possuia, força originada pela sua dedicação ilimitada, pela sua capacidade de se integrar na causa por que lutava, pelas enormes exigências que apresentava a si próprio, muito maiores do que em relação aos outros.

O aparecimento de King na arena de Birmingham foi preparado pelas acções do reverendo Fred Shuttlesworth, dirigente do «Movimento dos Cristãos do Alabama pelos Direitos Humanos», grupo que integrou a organização de King.

Do insucesso sofrido em Olbany, King tirou uma lição muito valiosa: para que o golpe que se infringe atinja o objectivo, não se deve dispersar as forças, é preciso golpear sempre no mesmo sentido. Como alvo imediato foram escolhidos os comerciantes de Birmingham. Como objectivo concreto — a dessegregação dos pequenos refeitórios junto das lojas comerciais (*launch counters*).

O negro era humilhado lá onde, ao mesmo tempo, recebiam de bom grado seus dólares. Por isso, a dessegregação desses refeitórios tinha também um significado simbólico.

Optaram por «greves sentadas» nesses refeitórios, acompanhando-as, simultaneamente, de boicote aos estabelecimentos comerciais. Constituindo os negros até 40% do total dos habitantes de Birmingham, semelhante boicote em massa significaria, para os comerciantes, uma séria diminuição do número de clientes e, por conseguinte, uma considerável redução dos lucros.

Previam, por fim, a realização de marchas, inclusivo confronto aberto, embora não-violento.

Nos centros de treino da «Conferência de Líderes Cristãos do Sul», voluntários ensaiavam os métodos de actividade não-violenta e de acção directa. Cada um deles assinou um «cartão de fidelidade» ao movimento, comprometendo-se a observar dez preceitos, entre os quais havia promessas religiosas e juramentos de militantes. O primeiro preceito mandava «reflectir todos os dias na doutrina e na vida de Jesus». O quinto, «sacrificar os desejos pessoais em nome de que todas as pessoas possam vir a ser livres». O sétimo, «abster-se da violência do punho cerrado, da língua e do coração». O décimo, «cumprir as indicações do dirigente da manifestação».

«Lotemos as prisões!» — esta palavra de ordem foi lançada também em Birmingham. Eles preparavam-se para passar longos dias nas prisões, esperando que lá se juntassem a eles milhares de negros, quanto mais tanto melhor.

E a campanha principiou. Durou a Primavera, o Verão e o Outono de 1963. E esses acontecimentos em Birmingham foram como que as primeiras salvas da ofensiva geral contra o racismo norte-americano.

O dia 3 de Abril, o primeiro do confronto, passou quase despercebido. Trinta voluntários, tendo penetrado no centro comercial de Birmingham, entraram, na hora marcada, no supermercado Britt's, nas lojas Woolworth's e Loveman's e dirigiram-se

para os balcões dos refeitórios para eles interditos. Foram detidos e lançados na prisão.

Na noite do mesmo dia, numa das igrejas de negros, teve lugar um comício, o primeiro dos sessenta a cinco comícios de mobilização.

De dia, marchas e detenções; de noite, comícios de solidariedade e protesto. E assim, dia após dia, marcha após marcha, comício após comício, como se fosse um sineiro inexperiente a subir o campanário pela primeira vez e a tocar os sinos com incerteza, transformando-se, porém, essas badaladas, aos poucos, num rebate forte e impressionante.

E essas reuniões nas igrejas, que os participantes na campanha convertiam em salas públicas: os rostos negros mal iluminados na semi-escuridão, as vozes estrondosas dos sacerdotes-oradores e as conclamações da plateia animando a si própria e as pessoas na tribuna: «oh, sim... oh, sim... sim!...»

E as *freedom songs* — canções da liberdade — essa alma do movimento dos negros. Elas serviram uma causa justa. Eram compostas com base em velhas cantigas dos escravos, aprendidas desde a infância. «Nós ultrapassaremos... Nós ultrapassaremos um dia...» — soava como um juramento a letra deste hino querido.

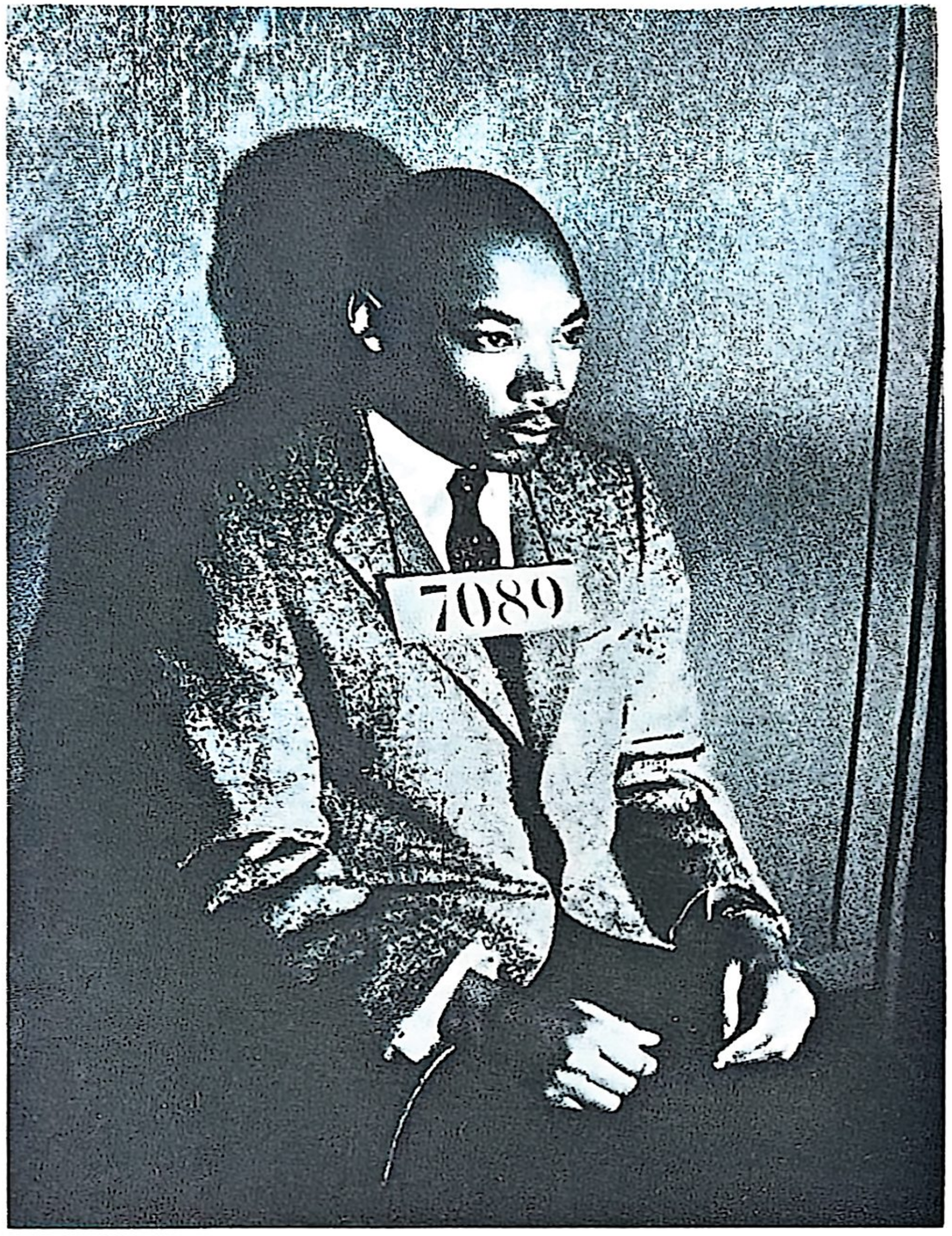
As marchas, ainda pouco numerosas nos primeiros dias, ganhavam, com o correr do tempo, mais e mais força. O boicote das lojas já se fazia sentir: os postos de controlo improvisados registavam por dia apenas umas duas dezenas de negros a fazer compras na zona do centro comercial da cidade.

Enquanto isso, as prisões enchiam-se de novos e novos participantes na campanha.

A 7 de Abril, Domingo de Ramos, entraram em acção os cães e os cassetetes da polícia, mas, de um modo geral, o «Búfalo» Connor patenteava uma atitude de raríssimo comedimento. Os seus subalternos procuravam evitar actos de violência.

Em dez dias a polícia prendeu 450 pessoas. A campanha decorria, em geral, segundo o plano elaborado, porém não se conseguia provocar a «tensão construtiva» a que aspirava King.

Entretanto, aproximava-se o dia em que o próprio King devia encabeçar uma das marchas e, desse modo, entregar-se às mãos da polícia. Na véspera, teve uma reunião especial no Hotel Gaston, à qual assistiram os mais íntimos companheiros e amigos seus. O fundo de fiança do movimento estava, após as primeiras centenas de detenções, próximo de se esgotar e, sentindo isso, as autoridades municipais exigiam que se pagasse logo pelo resgate dos presos. Não era na prisão, mas em liberdade que King podia,



Foi por mais de uma vez roto sob golpes de cassetetes policiais o fato negro de sacerdote; o chão de cimento da prisão, que lhe servia de leito, irradiava um frio penetrante.

com o seu nome, o seu prestígio e os seus apelos pessoais, contribuir para o avultamento do tesouro do movimento. O que fazer se amanhã ele for detido? Mas o que dirão dele se, tendo mandado centenas de pessoas para a prisão, não comparecesse no dia marcado e já anunciado nas fileiras da marcha, esquivando-se à prisão? O seu prestígio e a sua autoridade constituiam um capital não menos importante do que o fundo de fiança: tratava-se do prestígio e da autoridade do próprio movimento. Após vacilações penosas, a despeito dos argumentos dos amigos, ele sacrificou a conveniência em nome do princípio: devia cumprir a palavra dada, pois o mais perigoso era enganar as esperanças que nele depositavam os seus seguidores.

A 12 de Abril, da igreja Zion Hill saíram 50 pessoas. A caminho do centro da cidade já esperavam por eles cinco camionetas da polícia, por volta de cem polícias e o próprio «Búfalo» Connor. Vestindo calças ginga e uma camisa simples, esse fardamento tradicional das marchas e prisões, King aproximou-se calmamente do cordão policial. À ordem para se dispersarem seguiu-se a recusa e King foi imediatamente metido numa camioneta levado para a prisão.

Passou oito dias na cadeia. Pensava, naturalmente, nos seus filhos pequenos — duas meninas e dois meninos. Pensava na sua mulher, que estava novamente preocupada, temendo sempre que algo acontecesse ou com ele, seu marido, ou com os filhos deles.

Mas a impaciência atormentava-o mais que tudo. Pensando nos familiares, pensava, ao mesmo tempo, na causa pela qual lutava. Entretanto, já se ouviam acusações de que ele tinha demasiada pressa. Acusações de quem? De sacerdotes brancos, colegas seus, aliás, pessoas conhecidas como partidárias da igualdade. O notável pregador Billy Graham recomendava publicamente a King que «carregasse um pouco no travão». Oito sacerdotes de Birmingham, da categoria dos «moderados», alguns deles mesmo tinham a afoiteza de deixar os negros entrarem nas suas igrejas, publicaram um «Apelo à Legalidade, à Ordem e ao Bom-senso». O bom-senso deles condenava o movimento dos negros como «pouco inteligente e inoportuno».

A 16 de Abril, King escreveu em resposta uma «Carta da Prisão de Birmingham», carta longa, pois «o que mais podes fazer, se estás sozinho na cela prisional, senão escrever cartas longas, fazer reflexões longas e rezar orações longas».

Esta mensagem aos oponentes distinguía-se por um teor asperamente crítico. Respondendo aos reproches que lhe lançavam, ele escreveu: *«Há mais de 340 anos que esperamos os nossos direitos... Os países da Ásia e África avançam com*

uma velocidade a jacto rumo à independência política, e nós ainda nos arrastamos, como se fóssemos tartarugas, na direcção de uma chávena de café num refeitório qualquer. 'Esperem!' — é, pelos vistos, fácil dizê-lo a quem não sofreu a ferroada dolorosa da segregação».

E mais adiante: *«Quando vês a multidão de marginalizados perversos lincharem os teus pais e afogarem as tuas irmãs e os teus irmãos por capricho; quando vês os polícias cheios de ódio ofenderem, espancarem e mesmo matarem os teus irmãos e irmãs negros; quando vês a enorme maioria dos 20 milhões dos teus irmãos negros viverem na miséria no meio de uma sociedade de abastança; quando, de repente, passas a gaguejar e engolir palavras tentando explicar à tua filha de seis anos de idade por que razão ela não poderá ir passear no parque municipal ou na «vila de divertimentos», dos quais a TV acaba de fazer publicidade, e reparas como as lágrimas aparecem nos seus olhos e sentes como as nuvens sinistras do complexo de inferioridade surgem no seu céu espiritual, como ela aleija a si própria medrando subconscientemente dentro de si o rancor aos brancos; quando te vês forçado a inventar uma resposta ao teu filho de cinco anos que te pergunta: 'Pai, porque os brancos tratam tão mal as pessoas de cor?'; quando, viajando pelas estradas do teu país, te vês obrigado a dormir encolhido no teu carro porque nenhum motel te recebe; quando és humilhado todos os dias pelos sinais «brancos» e «pessoas de cor»; quando o teu primeiro nome é nigger, o segundo é boy (seja qual for a tua idade), o teu apelido é John e tua esposa e a tua mãe jamais são tratadas com respeito por «senhora»; quando de dia te desnorteia e de noite te persegue o facto de seres um negro, cuja vida toda se assemelha a uma dança nas pontas dos pés, sem saberes o que te trará o dia de amanhã, negro atormentado pelos temores internos e repudiado pelo mundo externo; quando lutas o tempo todo contra a sensação aniquilante de que «não existes» — só então compreenderás porque é tão difícil para nós esperar.»*

Nesta sua carta contra-atacante, King defendia o direito dos negros à insubordinação às leis racistas: *«Existem dois tipos de leis: justas e injustas. Qualquer lei que enaltece a personalidade humana é justa. Qualquer lei que lesa a personalidade humana é injusta.»*

Pregador da não-violência, ele era acusado de extremismo.

Mais de dois mil manifestantes foram presos durante a campanha contra a segregação em Birmingham. As acções dos «guardiões da ordem» distinguiam-se por particular brutalidade.

Respondendo a essas acusações, ele defendia o «extremismo criador» que excluia a conciliação com a injustiça e a violência.

Mas o paradoxo, aliás, paradoxo, por assim dizer, premeditado, organicamente inerente à estratégia de King, consistia em que o êxito da não-violência estava ligado, via de regra, à violência da outra parte, à violência do inimigo, à violência dos racistas. Nesse caso, tirava-se o véu da indiferença e entrava em confronto a terceira força, a decisiva, a força da solidariedade da imprensa, da televisão, da opinião pública.

Ao ter saído, passados oito dias, da prisão, sob fiança, King insistiu resolutamente em que nas fileiras dos participantes nas marchas fosse envolvida a juventude negra.

E já centenas, e não dezenas, de manifestantes se dirigiam com ar triunfante e cantando canções da liberdade para as prisões da cidade.

Birmingham assistia a cenas invulgares: nos autocarros escolares pintados de amarelo, crianças e adolescentes eram transportados não para escolas, mas para prisões, pois as camionetas da polícia já não bastavam. Muitos dos directores de escola proibiam aos seus alunos participarem nas marchas, mas esses abandonavam corajosamente as salas de aulas.

No dia 2 de Maio, os polícias ficaram literalmente esgotados, carregando para as suas camionetas e autocarros especiais a massa humana que não oferecia resistência alguma, porém, ao mesmo tempo, era bastante persistente nos seus objectivos. Nesse dia foram presas mais de mil pessoas, na sua maioria jovens.

Foi então que o «Búfalo» enfurecido tirou a máscara.

A marcha de 3 de Maio foi brutalmente dispersa.

A 4 de Maio, apareceram na imprensa norte-americana fotografias que logo se tornaram históricas.

Nelas viam-se dois polícias raivosos com os seus cassetetes levantados para espancar uma negra idosa deitada no asfalto da rua.

Espectadores negros estupefactos no passeio; na calçada da rua polícias bravos e fortes: debaixo dos seus quépis — nucas com cabelo quase rapado, distintivos policiais sobre os bolsos do peito das camisas engomadas, algemas de aço inoxidável penduradas em cintos largos, a mão esquerda segurando com esforço correias que mal retêm cães de peito largo saltando de impaciência. Entre esses homens bravos aparecia de costas para a máquina fotográfica um negro de chapéu de palha, braços e pernas estendidos como se estivesse a executar uma dança muito difícil e arriscada; a perna esquerda das calças rota de baixo a cima destapando

músculos tensos e ao lado dele um cão policial erguido nas patas traseiras, de goela aberta mostrando seus caninos brancos, quase a romper a correia como que se oferecendo a fazer par nessa dança, estranha, enquanto um outro cão «atende» a perna direita das calças e a nádega direita do negro.

Três negros encostados à parede parecem condenados à morte. Estão a ser «fuzilados» com jactos de água. Uma mulher negra do lado esquerdo como que procura penetrar na parede, atravessá-la, para se salvar; um pouco à direita, um rapaz negro protege o rosto com a mão; um outro, com a cabeça inclinada como se estivesse a rezar, é atacado por jactos impiedosos de água que fazem a sua roupa molhada pegada à pele parecer uma escultura.

No nosso século, as pessoas acreditam mais nos testemunhos das máquinas de filmar e fotografar do que nos gritos da alma, tanto mais que nem todos esses gritos são ouvidos, nem todas as almas conseguem expressar-se assim. No entanto, os repórteres ajudaram os negros de Birmingham. Essas fotografias abalaram os Estados Unidos da América por serem mortalmente concretas. Elas foram também a melhor resposta, melhor ainda do que a de King, a todos quantos o exortavam a não ter pressa.

Assim se formava a «tensão criadora».

Os negros não cederam. Ao dia seguinte, milhares deles voltaram a sair às ruas, embora soubessem que tinha acabado a «não-violência» da polícia e que iam enfrentar cães e cassetetes policiais. Mas foi, como disse King, «a nossa mais bela hora». Precisamente nessa hora o sino de Birmingham começou a tocar a rebate.

A polícia de Birmingham e o seu comissário estavam em fúria. Imagens da brutal repressão movida por eles a pessoas desarmadas, incluindo adolescentes e crianças, eram lançadas diariamente do Alabama para os écrans de TV, e as páginas de jornais dos EUA e do mundo inteiro.

A única justificativa que os norte-americanos podiam apresentar era a escusa de que se tratava do profundo Sul que se subordinava às suas próprias leis rejeitadas pelo Norte civilizado do país. O resto do mundo não podia classificar as suas impressões assim: através dessas imagens de Birmingham ficou horrorizado com a fisionomia feroz da América racista.

Nesses dias culminantes, mais de 2500 negros foram lançados na prisão. «Lotemos as prisões!» — e as masmorras de Birmingham ficaram tão repletas que a polícia parou de fazer detenções em massa.

O presidente Kennedy mandou a Birmingham Burke Marshall,

primeiro acessor do ministro da Justiça para os assuntos dos negros, encarregando-o de organizar conversações entre os líderes negros e os grandes homens de negócios brancos, esses autênticos potentados de Birmingham.

Enquanto isso, paralelamente às marchas de protesto, decorriam em Birmingham conversações secretas entre os dirigentes negros e o «Comité dos Decanos» branco. Os negros apresentaram quatro reivindicações: 1. a dessegregação dos refeitórios, as retretes públicas, salas de provas e os bebedouros nos estabelecimentos comerciais; 2. a promoção no serviço sem qualquer discriminação racial, assim como a contratação dos negros para trabalharem na rede comercial e nas empresas industriais de Birmingham; 3. a anulação de todas as acusações judiciais contra os manifestantes presos; 4. a formação de um comité inter-racial para a elaboração do cronograma de dessegregação noutras esferas da vida da cidade.

Mas a repressão policial não cessava. Os organizadores da campanha não podiam já controlar a ira dos negros. Além dos seus grupos de acção não-violenta, incorporavam-se na luta também negros não-organizados que, desiludidos da eficácia da não-violência, faziam frente à polícia com os seus próprios contra-argumentos sob a forma de tijolos e garrafas vazias. A animozidade aumentava.

Prosseguia o boicote intenso dos estabelecimentos que pertenciam aos comerciantes partidários da segregação. Grupos de negros bloqueavam as suas lojas. Em geral, o volume de compras na cidade reduziu-se acentuadamente, pois também habitantes brancos preferiam ficar o mais longe possível do epicentro das desordens raciais, bem como dos cassetetes e cães policiais e dos negros furiosos. A repressão tornou a luta ainda mais dramática, mas foi exactamente o omnipoderoso dólar que, do ponto de vista prático, ajudou mais os negros. Os comerciantes sofriam grandes perdas económicas. E esta circunstância levou os homens de negócios, esses «pais da cidade», a encarar com mais seriedade as conversações com os dirigentes da comunidade negra. A 10 de Maio, as partes conflitantes chegaram a entendimento. Quanto ao primeiro ponto — dessegregação em três meses. Quanto ao segundo — mudanças para melhor em dois meses. Quanto ao terceiro — promessa de assistência oficial na libertação dos presos. Quanto ao quarto — criação em duas semanas de um organismo de colaboração inter-racial.

Vitória!

Seria vitória mesmo?

A 11 de Maio, sábado, às altas horas da noite, de um carro que passava a velocidade foram atiradas duas bombas para a casa do sacerdote de Birmingham, Alfred Daniel King, irmão mais novo de Martin Luther. A bomba destruiu a fachada da casa, porém, por milagre, o dono, a sua esposa e seus cinco filhos não foram atingidos. Passados minutos contados, mais uma bomba, atirada, como se supunha, do mesmo carro enigmático (os criminosos, naturalmente, não foram encontrados), explodiu no motel Gaston. Procurava-se atingir o quarto n.° 30 em que habitavam King e Abernety, mas, por mera casualidade — os irmãos King estavam nessa noite de sábado, realmente, com sorte! —, os dois se encontravam nesse momento junto das suas famílias, no Alabama.

As bombas rebentaram na noite de sábado, quando havia muita gente nas ruas dos quarteirões dos negros e as cervejarias ainda estavam abertas. A polícia que se dirigiu ao motel Gaston e à casa de A. D. King foi recebida a pedrada.

Logo apareceram de carros efectivos da gendarmeria de trânsito. Golpes de culatra e cassetetes eram repartidos a torto e a direito. Após terem dispersado os negros reunidos perto do motel, os gendarmes dirigiram-se pela rua abaixo, vingando-se de todo o negro que encontravam pelo caminho. Em resposta, já eram incendiadas as mercearias pertencentes aos brancos, já se atirava tijolos e garrafas vazias contra os bombeiros brancos que apagavam as chamas. Só pelas quatro da madrugada a ordem foi restabelecida. Cinquenta pessoas foram hospitalizadas.

Assim passou a noite logo a seguir ao dia da vitória.

Dessa vez, a situação crítica surgida obrigou o próprio presidente Kennedy a intervir. Na noite de 12 de Maio, ele ordenou que se estacionassem nas bases militares na zona de Birmingham três mil soldados das tropas regulares e anunciou que, em caso de necessidade, mobilizaria a Guarda Nacional do estado do Alabama, colocando-a assim sob o seu comando imediato. Tropas regulares foram enviadas com urgência por via aérea.

A 28 de Maio, o Supremo Tribunal do estado do Alabama exonerou Eugene Connor do cargo de comissário para a segurança pública de Birmingham. Neste sentido, a vitória foi incontestável.

No entanto, à medida que se ia intensificando a luta dos negros, a política paliativa do presidente Kennedy deparava com dificuldades cada vez maiores. Por considerações da «tranquilidade civil» no país, do prestígio deste no estrangeiro e, finalmente, dos direitos constitucionais dos norte-americanos, era necessário resolver o problema da dessegregação. O presidente, que fugia por todos os meios ao cumprimento das suas promessas eleitorais, decepcionava cada vez mais a população negra e os cida-

dãos brancos de tendências liberais. Os apelos para aguardar mais um pouco causavam uma reacção inversa, a de impaciência e protesto.

A 13 de Junho, John Kennedy declarou na sua mensagem televisiva à Nação: «Está a chegar uma grande mudança, e a nossa missão, o nosso dever, é fazer com que esta revolução, esta mudança, seja pacífica e construtiva para todos.»

Mudança?

Na mesma noite, Medgar Evers, líder dos negros do Mississipi, foi morto à entrada de sua casa.

A 19 de Junho, o presidente enviou ao Congresso um projecto de lei — o mais importante em todos os mil dias de sua permanência na Casa Branca — sobre uma ampla dessegregação, sobre medidas contra a discriminação dos negros na admissão no trabalho e sobre alguns dos recursos destinados à realização dessas medidas.

A 22 de Junho, a convite de John Kennedy, líderes dos negros foram à Casa Branca. Tratou-se da marcha sobre Washington, que se planeava. O presidente receava que essa marcha recrudescesse a resistência ao seu projecto-lei no Congresso. Os seus interlocutores, porém, não cederam às persuasões a «retirar os negros das ruas».

King portava-se como uma pessoa que havia provado que tinha razão, a despeito das acções dos inimigos enfurecidos e das vacilações dos aliados pouco firmes, portava-se como vencedor.

O sino da liberdade, que começara a repicar em Birmingham, ressoou durante todo o Verão de 1963. Em quatro meses, em 196 cidades de 35 estados do país, foram promovidas 841 manifestações dos lutadores pela igualdade racial.

A «Marcha sobre Washington», já histórica, teve lugar a 28 de Agosto. Em colunas e individualmente, milhares de pessoas, tanto negras como brancas, dirigiam-se ao monumento a George Washington — erigido sob a forma de agulha de granito com quase 200 metros de altura; naquela manhã ainda fria, quando o sol de Agosto mal nascera, eles sentiam calor por serem muitos, muitos como nunca antes. Ao meio-dia, já se reuniram 250 mil pessoas. E essa enorme massa humana, cumprindo as indicações dos «marechais»-gerentes, transferiu-se lenta e solenemente para junto das trinta e seis colunas dóricas do memorial de Lincoln, sob cujo telhado se encontrava imóvel, sentado numa poltrona, o «grande emancipador» esculpido em mármore, um tanto desajeitado como era em vida, porém sempre majestoso.

Era um ano jubilar. Passados exactamente cem anos desde a publicação da célebre «Proclamação da Emancipação dos

Escravos» («Emancipation Proclamation»), negros e seus aliados reuniram-se nesse local para fazer lembrar ao país e ao seu 35.° presidente que ainda não estavam livres e não tinham o que festejar, em virtude de que os cassetetes, os cães e os jactos de água da polícia os impediam de entrar mesmo nos *launch counters.*

Ao comício frente do Memorial de Lincoln, presidiu o velho Philip Randolph, veterano do movimento, presidente do sindicato dos empregados negros dos carros-dormitórios dos caminhos-de-ferro.

King foi o último e o mais honorífico orador do comício. Quando esperava pelo seu turno, ele parecia muito cansado dos longos meses de lutas e da última noite que passara em claro — estivera até às quatro da madrugada a preparar o seu discurso num hotel de Washington.

Ele começou o seu discurso falando de um sonho. Perante um quarto de milhão de pessoas falou desse seu sonho como se costuma falar de um sonho num ímpeto de raríssima franqueza, no meio de entes queridos e amigos próximos, quando a pessoa sabe que nenhuma palavra pronunciada será vã, que ela suscitará em resposta sentimentos de união e fraternidade. O orador tinha uma grande alma de lutador e poeta, que agora se abria ante milhões de pessoas que lhe eram espiritualmente próximas. Tinha também um sonho realmente grande, majestoso.

— Sonho com o dia em que nas colinas vermelhas da Geórgia os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos escravagistas pudessem sentar-se juntos à mesa da fraternidade. Sonho com o dia em que mesmo o estado do Mississipi, estado que sofre sob o calor escaldante da opressão, se transformasse em oasis de liberdade e justiça.

— Sonho com o dia em que os meus quatro filhos pequenos venham a viver num país onde se julgará deles não pela cor da sus pele, mas pelo seu carácter.

— Sonho com o dia em que cada vale se eleve e cada colina ou monte se baixe. Todos os lugares acidentados serão aplanados e todas as curvas endireitadas. Com esta fé voltarei para o Sul. Voltarei com a fé em que poderemos esculpir a pedra da esperança do monte do desespero. Com a fé em que poderemos trabalhar juntos, lutar juntos, sabendo que um dia seremos livres...

— Se deixarmos a liberdade tocar como o sino, se a deixarmos tocar em cada cidade e cada vila, em cada estado, poderemos fazer aproximar-se o dia em que todos os filhos de Deus, quer negros, quer brancos, quer crentes,

quer ateus, quer protestantes, quer católicos, poderão todos, de mãos dadas, dizer com a letra do antigo hino espiritual dos negros: «Livres, por fim! Livres, por fim! Oh, grande Deus omnipotente, somos, por fim, livres!»

O sonho era maravilhoso. E, tendo começado o seu discurso com calma e compasso parlamentares, King debruçou, depois, sobre os ouvintes a sua paixão e a sua mágoa, o temperamento dos seus antepassados africanos, apressava as palavras como se apressasse a realização do próprio sonho de que falava, como lhe tivesse cortado a respiração a inefável beleza desse sonho, e os negros da multidão gritavam extasiados: «Sonha mais! Sonha mais!»

Foi o mais importante dos seus discursos seus, foi também o dia mais feliz de todos os que tinha vivido! E quando o mataram, os escritores e jornalistas inscreveram-no na História como um homem que tinha um sonho. «I have a dream» (Eu tenho um sonho) — com este título foram publicadas a maioria das necrologias, sob este título saíram a lume logo a seguir ao tiro mortal em Memphis, quase instantaneamente, álbuns de fotografias e discos — sinais contraditórios de respeito por King e de comércio póstumo feito com este respeito. E as últimas palavras do famoso discurso foram gravadas na pedra tumular branca do cemitério para os negros «Vista do Sul» em Atlanta: «Livre, por fim. Livre, por fim. Obrigado, Deus omnipotente, eu sou, por fim, livre!» Mas isso aconteceu mais tarde.

E então, a seguir a esse dia mais importante na sua vida, a seguir à visita dos organizadores da marcha à Casa Branca, onde Philip Randolph chamou, em presença do presidente dos EUA, a ele, negro de 34 anos de Atlanta, «líder moral da Nação», King regressou ao Sul, realmente dominado pela fé em que «todos os lugares acidentados seriam aplanados e todas as curvas endireitadas, que a noite do racismo cederia lugar à manhã da fraternidade». Mas eis que, passados dezoito dias após a marcha sobre Washington, na manhã de sol de 15 de Setembro de 1963, os racistas de Birmingham mataram quatro meninas negras, tendo feito voar pelos ares uma escola dominical para os negros. A história dessa cidade desconhecia até então semelhante crime. E como se não bastasse esta barbárie, como se se tivessem desencadeado golpes terroristas, no mesmo «Domingo sangrento», um polícia branco matou mais uma criança negra, e um grupo de jovens canalhas brancos mataram um adolescente negro que passeava alegremente de bicicleta. Ao todo, seis crianças inocentes...

A 18 de Setembro, tiveram lugar concorridos funerais solenes.

A eles não assistiu sequer um representante das autoridades municipais, não foi enviada sequer uma mensagem oficial de condolências, não esteve presente sequer um habitante branco, exceptuando alguns sacerdotes valentes.

«Nesse dia, não foram sepultadas simplesmente umas crianças mortas — replicou King. — Foram sepultadas também a honra e a dignidade.»

A 22 de Novembro, trovoaram em Dullas novos disparos, novos em 1963, ano tão «abundante» em vítimas do terror, disparos que, desta vez, atingiram o presidente Kennedy.

Em que cruzamento dos raios de um ódio, vingança e violência que atravessam o cérebro dos «ultras» norte-americanos nasceu a ideia deste assassínio? Os enigmas de Dullas não constituem o objectivo das presentes notas. Mas convém salientar que a atmosfera geral de violência e intolerância que, na altura, reinava no país foi agravada pelos conflitos inter-raciais encarniçados daquele ano. Mesmo as medidas paliativas de John Kennedy tomadas em defesa dos direitos civis da população negra granjearam-lhe a fama de «adepto dos negros», fama que, bem entendido, equivalia à sentença de morte. A seguir à tensão racial da Primavera, Verão e Outono de 1963, a popularidade do presidente caiu acentuadamente. Em Novembro, uma sondagem de opinião efectuada pelo Instituto Gallup mostrou que apenas 59% dos norte-americanos aprovavam a política da Administração Kennedy.

«Embora saber quem foi que matou o presidente Kennedy seja uma questão importante, mais importante ainda é saber o que foi que levou à sua morte — escreveu King no seu livro dedicado aos acontecimentos em Birmingham. — O nosso presidente foi morto pelo clima moral de hostilidade... O presidente Kennedy diz-nos com a sua morte algo muito importante. Diz também algo importante a qualquer politiqueiro que alimenta o seu eleitorado com o pão seco do racismo e com a carne putrefacta do ódio. Ele diz algo importante a qualquer sacerdote que vê o mal do racismo, porém guarda silêncio, escondendo-se por detrás dos vidros multicores da sua igreja... Ele diz a nós todos que este vírus do ódio, que contaminou as veias da nossa Nação, conduzirá inevitavelmente à nossa morte moral e espiritual, se não o impedirmos.»

Mais tarde, Coretta, já viúva de King, recordava nas suas memórias o dia do atentado em Dullas, os primeiros comunicados sobre o ferimento do presidente, como Martin e ela estavam

sentados em frente do televisor, aguardavam novas notícias e rezavam pela vida de John Kennedy. Quando foi anunciado que o presidente morrera, Martin ficou por certo tempo em silêncio. Depois, disse: «Comigo acontecerá o mesmo. Já te disse que é uma sociedade doente.»

«Não soube responder-lhe — escreve Coretta. — Não soube dizer algo para o consolar. Não pude dizer-lhe: 'Contigo isso não ocorrerá'. Sentia que ele tinha razão. O silêncio foi terrivelmente penoso. Aproximei-me dele e peguei-lhe na mão...»

Os caminhos de John Kennedy e de Martin Luther King cruzaram-se por mais de uma vez, durante a vida deles, tanto física como politicamente. Na maioria das vezes eram adversários, embora no último ano de vida do presidente tivesse surgido entre eles uma cooperação muito complexa e, provavelmente, pouco estável e pouco duradoura: pois, na opinião de Kennedy, os negros reivindicavam demasiado e com demasiada pressa, e, na óptica de King, Kennedy fazia muito pouco, muito devagar e muito indecisamente.

Ambos foram mortos, e embora fosse absurdo estimar, quando estavam ainda vivos, as suas chances de caírem vítimas da violência, só um deles era uma pessoa sumamente abnegada que sabia a que perigos se condenava voluntariamente e que se comprometera por toda a sua vida a servir, sem reservas, à causa do ideal pelo qual havia optado desde o início.

Após os funerais de John Kennedy, o presidente Johnson disse, no seu primeiro discurso proferido ante o Congresso dos EUA, que o melhor monumento ao morto seria a adopção imediata da acta dos direitos civis cujo projecto tinha sido apresentado por Kennedy no auge dos acontecimentos em Birmingham.

Passaram-se os dias dolorosos de Novembro. Passou também o mês de Dezembro. A acta de 1963 sobre os direitos civis já foi rebaptizada para acta de 1964, mas a questão não avançou. Não obstante os incitamentos da Casa Branca, o Congresso protelava a adopção do decreto. Chegou a Primavera. Os racistas do Sul no Senado praticaram uma obstrução que no calão dos congressistas norte-americanos se chamava «flibusteirismo».

Mas esses legisladores «flibusteiros» estavam a travar combates em retirada. Eles conseguiram esterilizar alguns preceitos da acta, mas os esforços do presidente Johnson e dos senadores pelo Partido Democrático com Hubert Humphrey à frente, o qual apresentava e defendia o projecto de acta no Senado, foram coroados de vitória: a acta ganhou lá os dois terços de votos necessários e foi aprovada também na Câmara de Representantes.

A 2 de Julho de 1964, passadas cinco horas após a acta ter sido votada na Câmara dos Representantes, o presidente Johnson na Casa Branca assinou, perante câmaras de TV, esse documento, dando-lhe assim força de lei.

«Os que são iguais perante Deus serão agora iguais nas circunscrições eleitorais, escolas, fábricas, hotéis, restaurantes, cinemas e demais lugares públicos» — disse o presidente explicando o sentido da lei. Ele conseguiu pôr a sua assinatura debaixo do texto do documento, a qual, completa, constava de quarenta e nove letras e sinais de pontuação, utilizando setenta e cinco canetas. A «bateria» de canetas previamente preparada não bastou, e o assistente trouxe dúzias. Com uma familiaridade quase real Johnson atirava as canetas já usadas aos senadores e congressistas que assistiam à cerimónia. Esses apanhavam-nas com gratidão, como recordação.

Líderes dos negros foram também convidados para a cerimónia. O Dr. King encontrava-se por detrás do presidente. Johnson ofereceu uma caneta também a ele.

— Guarda-la-ei entre as coisas de maior valor para mim — disse King.

E acrescentou:

— Embora me competa ter todo um punhado delas...

Johnson e Humphrey ficaram com os louros, mas King e os outros combatentes pela igualdade de direitos tinham pela frente uma nova luta não menos arriscada; dessa vez, a luta pela concretização da lei. Ela revogava a segregação, não revogando, porém, os racistas e o racismo. No Sul, George Wallace, o governador do estado do Mississipi Paul Johnson e os seus acólitos já gritavam que não reconheciam a lei e se esforçariam por torpedeá-la através de interlocutórios das instâncias judiciais. Era necessário responder a este repto também.

As novas provações estavam ainda pela frente; entretanto, couberam também a King alguns louros, aliás, consideráveis. Todos os cidadãos honestos dos Estados Unidos aplaudiam-lhe, distinguindo-o como um dos iniciadores desse fortíssimo golpe constitucional sobre o racismo.

O Outono de 1964 ficou gravado na memória de King. A 14 de Outubro, foi internado por alguns dias no hospital de São José em Atlanta para um exame médico geral para se recompor do esgotamento físico e nervoso dos últimos meses. No dia seguinte, na sala onde ele estava chamou o telefone.

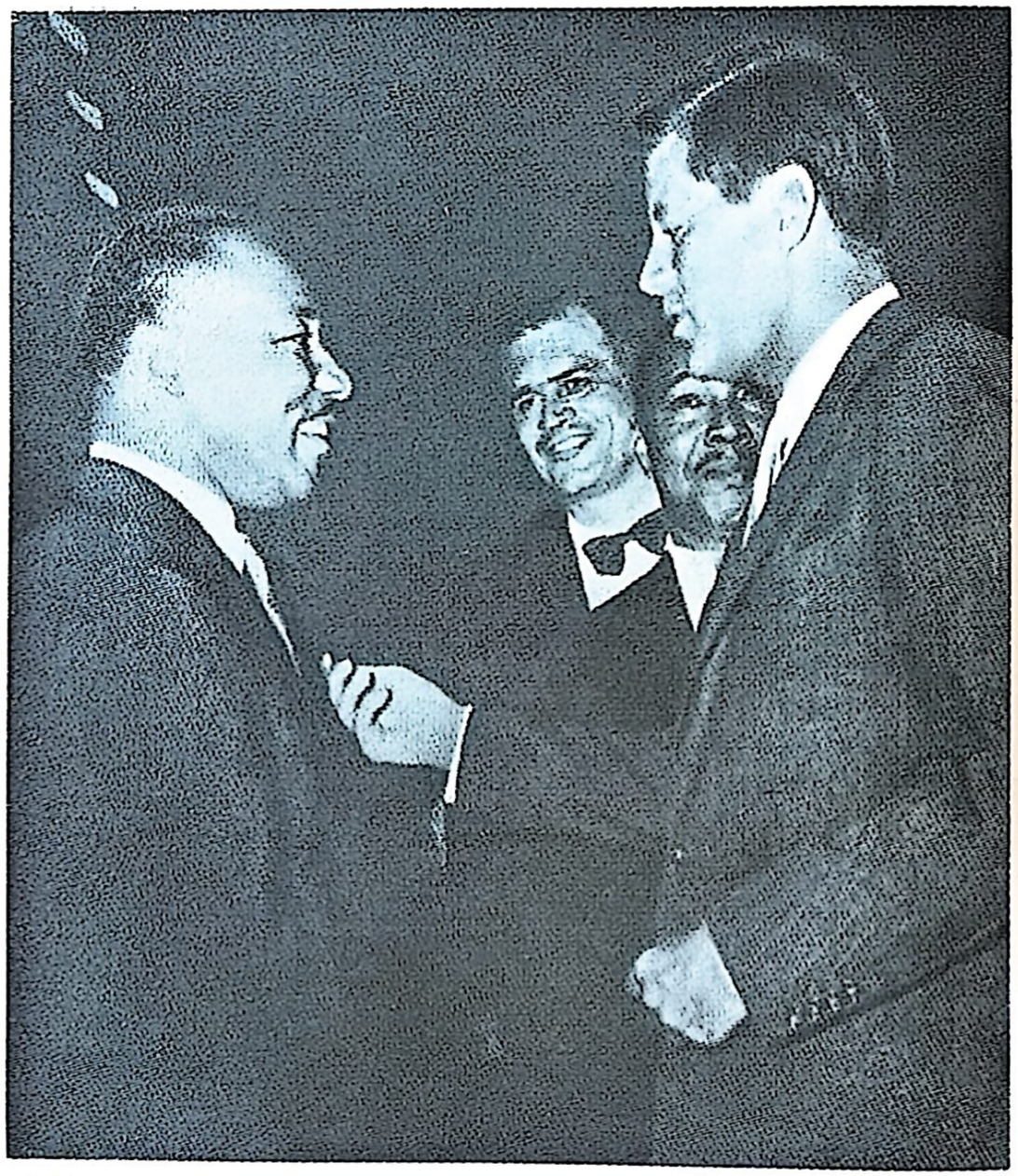
— Matrtin! Martin! — gritava Coretta com uma voz feliz pelo telefone. — Foi-te outorgado o Prémio Nobel da Paz!»

Esta notícia foi tão inesperada e tão alegre que, de início, nem acreditou.

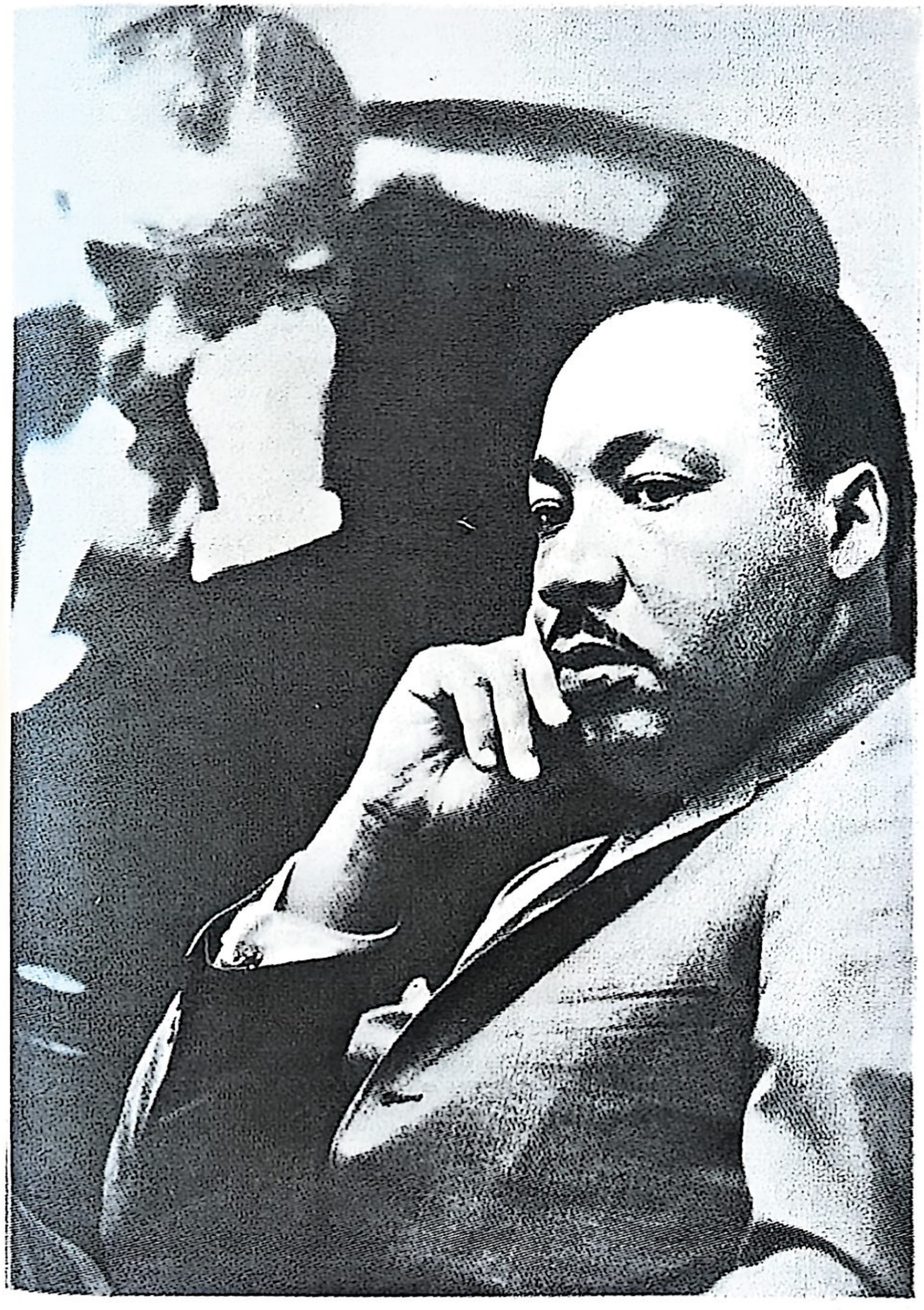
Numa noite de Dezembro, em Oslo, ele, irradiando solenidade, vestido de fraque, a carácter, e cheio da sua dignidade, recebeu o prémio de honra concedido ao líder reconhecido dos cidadãos negros norte-americanos.

Em Oslo, apresentou-se não só na qualidade de porta-voz da

As campanhas organizadas por King, a sua posição dinâmica exerceram influência sobre a política que era conduzida tanto pelo Presidente Kennedy como pelo Presidente Johnson. A lei dos direitos civis foi adoptada em 1964, a lei dos direitos económicos foi assinada a 11 de Abril de 1968.



igualdade e justiça que os filhos enteados da sua pátria reclamavam. Falou como uma pessoa que se preocupa com os destinos de todo o mundo, e que repudia a «tese cínica de que uma nação após outra deve descer pela espiral da escadaria militarista para o inferno da destruição termonuclear». Falou das privações sofridas por centenas de milhões de pessoas por toda a parte no mundo,



exortou a uma «guerra mundial geral contra a miséria», «não só contra os seus sintomas, como também contra as suas causas principais».

Laureado com o prémio Nobel, King regressou aos Estados Unidos. Em Nova Iorque estava à sua espera toda uma série de banquetes e recepções solenes. No aeroporto da sua Atlanta natal — um verdadeiro milagre! — brancos do Sul pediam-lhe dedicatórias. Em Washington foi recebido como um convidado de honra.

Mas King sabia não ceder às tentações da vaidade, pensando não nos seus méritos pessoais, mas nas proporções dos problemas ainda por resolver. Era indomável.

— Vivo todos os dias, sob ameaça de morte. Que contraste maravilhoso, quando ouça as pessoas pronunciarem agora palavras agradáveis — disse ele numa concorrida recepção oferecida em sua honra em Nova Iorque. — Gostaria de ficar nesse cume, porém o vale está a chamar por mim, o vale do desespero. Eu devo descer para este vale.

Já em Janeiro de 1965, o novo nobelista inaugurou mais uma campanha prolongada, dessa vez na cidade de Selma, estado do Alabama, pelo direito dos negros a serem registados como eleitores, independentemente das suas posses económicas, sem quaisquer testes de lealdade, nível de instrução ou capacidade de «interpretar» a Constituição do estado. Os negros constituiam mais de 40% da população do Alabama, enquanto nos órgãos electivos o seu peso político equivalia a zero, figurando nas listas do eleitorado alguns poucos milhares deles. A célebre Acta de 1964, confirmando o direito de voto dos negros, não o garantia, contudo, na interpretação do xerife Jim Clark, de George Wallace e de muitos outros potentados do estado.

Jim Clark distinguia-se pela sua crueldade e persistência; e a cidade de Selma, pela sua total indiferença para com as verdades proclamadas em Oslo, sobre a eficácia da não-violência.

E, de novo, tocando o sino da liberdade, dia após dia, marcha após marcha, levava King centenas de negros para o edifício do tribunal do condado, onde estavam instalados os registadores do eleitorado. E, dia após dia, Jim Clark e os seus subalternos interceptavam, dispersavam e prendiam os participantes nessas marchas. Os poucos deles que conseguiam penetrar no edifício do tribunal eram submetidos pelos registadores a tais «exames de alfabetização» que nem cientistas filólogos passariam.

«Nós, ultrapassaremos» — cantavam os negros. «Jamais!» —

versava a placa metálica que Jim Clark prendeu à camisa junto da estrela de xerife.

Em sete semanas, passaram pelas prisões duas mil pessoas.

Quando um polícia matou Jimmy Lee Jackson, lenhador negro, King anunciou o início de uma marcha de massas de Selma sobre a capital do estado, a cidade de Montgomery. A 7 de Março, nos subúrbios de Selma, a polícia dispersou e espancou brutalmente os participantes na marcha.

Mas, também desta vez, a violência praticada pelos racistas favoreceu objectivamente King. As novas mortes, o novo sangue derramado, as novas costelas partidas — este foi o preço que era necessário pagar para atrair a atenção da opinião pública. A repercussão da chacina no Alabama, tendo-se alastrado por todo o país, suscitou uma vaga de simpatias e acções de apoio.

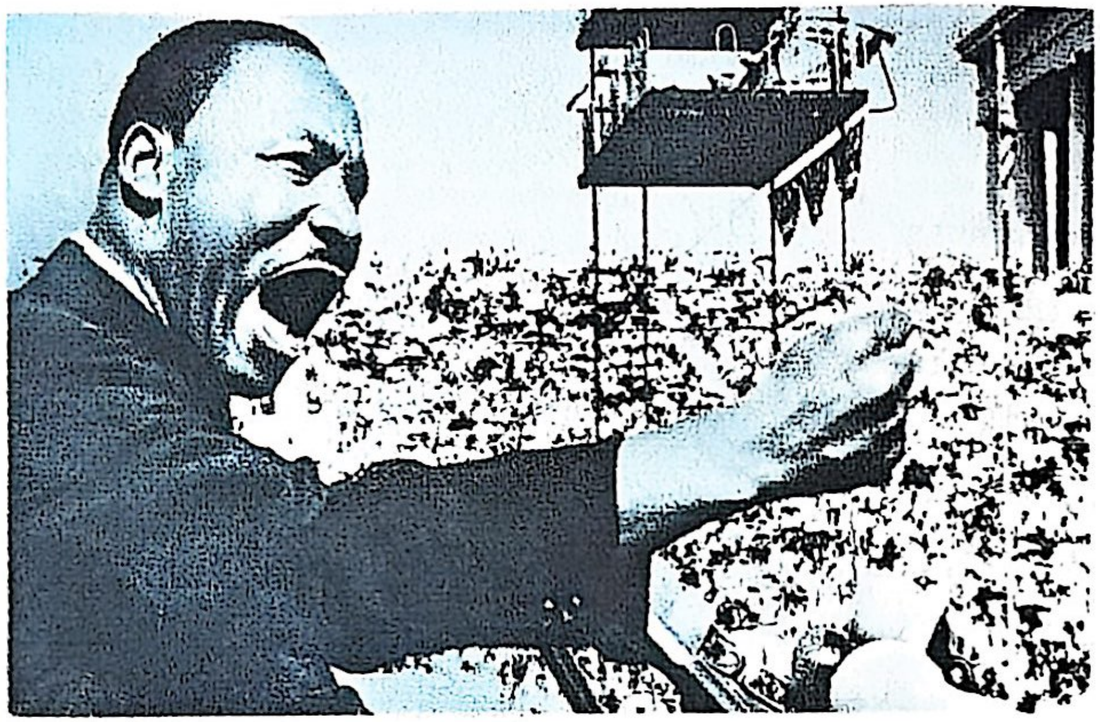
King anunciou a segunda marcha de Selma sobre Montgomery.

Receando o derramamento de sangue, as autoridades federais intervieram e proibiram a marcha. Os norte-americanos brancos vindos de todos os cantos do país para se juntar aos participantes negros na marcha eram recebidos com ódio desenfreado. James Reeb, sacerdote branco de Boston, foi espancado pelos racistas até à morte: foi apanhado à entrada dum restaurante para negros em Selma aonde ia almoçar. Depois, foi morta ao volante do seu carro Violla Luizzo, dona de casa branca de Detroit, mãe de cinco filhos. Os acontecimentos em Selma adquiriram proporções de uma crise nacional, de maneira que, tal como no caso de Birmingham, levaram o presidente dos EUA a intervir.

E eis que a terceira tentativa de promover a marcha foi bem sucedida. Eles chegaram a Montgomery protegidos pelas tropas federais enviadas para o efeito por ordem da Casa Branca.

King usou da palavra na praça em frente do Capitólio de Montgomery, em que se reunem em sessões os legisladores do estado. O edifício do Capitólio fica situado perto da igreja Dexter, onde havia dez anos, na altura do boicote dos autocarros municipais, King tinha começado a sua vida nova. Percorreu toda uma espiral de vida desde então e, dessa vez, ao voltar sob uma chuva tropical torrencial a Montgomery, proferia um discurso em resposta a todos quantos perguntavam com impaciência cada vez maior quando tudo isso se acabaria.

— Sei que hoje perguntais: «Por quanto tempo mais isso vai durar?» Quero dizer-vos hoje que, por mais difícil que o actual momento seja, por mais que esta hora nos desnorteie, não durará muito, pois a verdade espezinhada voltará a erguer-se inevitavelmente. Por quanto tempo



mais? Por pouco, pois nenhuma mentira é capaz de viver muito tempo. Por quanto tempo mais? Por pouco, pois ainda vós próprios colhereis o que semeastes...

A campanha de Selma teve dois resultados expressos em números. Três mortos, dezenas de aleijados, 3800 presos. E apenas 50 negros incluídos nas listas eleitorais. Houve, no entanto, ainda um terceiro resultado. Os negros conseguiram que o Congresso dos EUA adoptasse mais uma lei, o acto público de 1965 sobre os direitos eleitorais, segundo o qual já não eram os racistas do Sul mas sim as autoridades federais que se investiam do poder de nomear os registadores para tratarem da composição das listas do eleitorado. A 6 de Agosto de 1965, o presidente Johnson firmou esse acto no edifício do Congresso. Entre os que assistiram à cerimónia, estava também Martin Luther King.

Era antes a multidão que criava os líderes, que os líderes a multidão

Todos esses actos legislativos, conquistados numa luta abnegada, foram úteis. O próprio desenrolar da luta fez o negro norte-americano erguer-se de corpo inteiro, ensinou-lhe a determinação e a dignidade. Mas, ao obter os direitos civis segundo a lei, viu com uma nitidez maior do que nunca: deram-lhe uma igualdade formal, mantendo-se a desigualdade real.

Enquanto no Sul King e os seus companheiros agitavam os negros, golpeando com o aríete das suas marchas o sistema do racismo e verificando que este sistema possuia as propriedades não só de um muro forte, como também de um pântano viscoso que devora tudo, os guettos do Norte do país eram transbordados pela ira dos habitantes negros.

Conduzia centenas de milhar, acreditavam nele milhões de pessoas. Possuía o poder que pode ser conquistado só graças à incorrumpibilidade e à autoridade moral. Era como que um íman a atrair um sem-número de pessoas.

Justamente lá, no Norte, era bem evidente o carácter limitado da palavra de ordem da luta pelos direitos civis. Lá, os negros havia muito tempo que os possuíam, tinham-lhes sido concedidos pelas leis dos respectivos estados (ainda antes de ter sido aprovada a nova legislação eleitoral federal), lá havia muito tempo que não eram ofendidos pelas tabuletas de segregação, contudo, os guettos e a segregação mantinham-se na prática.

O centro de lutas transferia-se do Sul para o Norte. Este processo era determinado, sob muitos aspectos, também pelas migrações da população negra dentro do país, a qual se vinha operando ao longo de décadas.

(Em 1968, os negros já constituíam mais de metade de Newark, dois terços da população de Washington e, em conformidade com as previsões oficiais de então, iam constituir, em breve, a maioria da população das cidades importantes e populosas como Chicago, Detroit, Philadelphia, Baltimor, Gary, Cleveland, Oakland, Richmond, Saint Louis).

Segundo os mesmos dados oficiais, em 1967, a taxa de desemprego entre os habitantes negros era duas vezes mais alta do que entre os norte-americanos brancos. Mas esta estatística não era completa. Se à taxa do desemprego total se acrescentassem os «parcialmente ocupados», isto é, os mesmos desempregados que tinham trabalho eventual e de modo algum garantido, porém camuflados nos relatórios estatísticos, figurariam em ambas as categorias uns 33 ou 34% dos negros aptos para o trabalho.

Portanto, por um lado, um rápido aumento da população negra no Norte do país e, por outro, a eloquente estatística do desemprego, este mais generalizado indicador do infortúnio, desgraça, miséria. Juntos, significavam a concentração não só de massas humanas, como ainda de pessoas desesperadas, concentração, aliás, muito maior e, por conseguinte, particularmente explosiva.

Convém somarmos a tudo isso a situação concreta dos começos e meados da década de 60: período de prosperidade económica sem paralelo pela sua duração, mas que não beneficiou a maioria esmagadora dos habitantes negros; a «sociedade da abastança total» era, na realidade, a da fartura dos ricos que apenas irritava os pobres, porque estava próxima deles mas não ao seu alcance; o vertiginoso progresso técnico-científico que acarretava para os negros apenas o «desemprego tecnológico» em consequência da automação acelerada da produção e da redução da procura de mão-de-obra não-qualificada.

Acrescente-se, por fim, um factor psicológico importante

como a perda de todas as esperanças. Um negro que, textualmente, irrigava as plantações de algodão no Sul com o seu suor, esmagado pela tirania dos racistas e cuja vida era permanentemente acompanhada de medo, sonhava, por tradição, com o Norte, que, para ele, se assemelhava à liberdade e a uma vida digna.

Entretanto, os «felizardos» que conseguiam mudar-se para o Norte do país passavam, na realidade, como se expressou o escritor negro Claude Brown, «das chamas para uma panela escaldante», por não terem tido a menor ideia de «um dos mais importantes aspectos da sua terra da promissão — os bairros de lata nos guettos».

«Os nossos pais, ao surgirem em Harlem, deram à luz uma nova geração de *niggers* — observa Claude Brown. — Este novo *nigger* ninguém o entendia, ninguém estava preparado para o seu aparecimento.

A miséria de modo algum é vício, mas sim um mal social. Os humilhados e ofendidos não podem deixar de suscitar compaixão e solidariedade numa pessoa honesta, todavia, ninguém, por enquanto, inventou um mecanismo que proporcione automaticamente à miséria as asas de anjo de inocência e de pureza moral. Lá onde abundam as ratazanas, onde as pessoas vivem como sardinhas em lata, onde a pessoa está disposta a aceitar qualquer trabalho, mesmo o mais sujo e mal pago mas que dê, pelo menos, algum meio de subsistência, reinam o desespero e almas estropiadas. Quando a todas as barreiras que a miséria coloca no caminho do desenvolvimento da personalidade humana se acrescenta ainda a barreira racista, à pessoa, em especial jovem, restam muito poucos caminhos a seguir na vida e, lamentavelmente, um deles é a delinquência.

A delinquência no seio da juventude de Harlem era duas vezes superior à media em toda a Nova Iorque; o número de narcómanos, oito a dez vezes; a taxa de incidências de doenças venéreas, seis vezes; a percentagem de tuberculosos, uma vez e meia; a mortalidade infantil, duas vezes.

Causava particular inquietação o estado da família negra. No Norte a taxa das famílias separadas, dos divórcios, dos filhos bastardos dentre a população negra era catastroficamente alta. Na mesma Harlem, duas em cada cinco crianças negras conheciam só as suas mães.

Era assim que nos guettos, nas zonas das maiores cidades, aliás não só de Nova Iorque, nesse, por assim dizer, coração da civilização norte-americana, se acumulava o material humano capaz de levar, a qualquer momento, a uma explosão social. E,

como se sabe, numa atmosfera incandescente, as faíscas nunca faltam.

Isto aconteceu a 11 de Agosto de 1965, em Watts, parte Sul de Los Angeles, onde em casas arrendadas habitam dezenas de milhar de pessoas negras. Às sete da noite, polícias brancos detiveram o carro do negro Marquette Frye, tendo-o acusado de ultrapassar o limite de velocidade permitido. Frye negava a sua culpa, os polícias insistiam. A multidão não tardou a surgir em torno deles, aumentando a cada minuto a tensão. Alguém gritou que um dos *cops* (*cop*—nome que, no calão, se dá ao polícia) tinha empurrado uma mulher negra grávida. Com enormes esforços os polícias conseguiram abrir caminho na multidão, levando consigo Frye. Mas ela não se dispersou, tornando-se cada vez mais agitada, juntavam-se mais pessoas, surgiam novas versões do ocorrido. Houve quem atirasse pedras contra carros conduzidos por brancos. A polícia que apareceu para restabelecer a ordem foi também atacada. O motim aumentava de proporções e intensidade, quase como um incêndio florestal, quando por toda a parte há material inflamável. Eram atingidos tanto os polícias brancos, como as lojas dos comerciantes brancos—entrou em acção a espontaneidade do ódio, quando os alvos não se escolhem propositadamente. O tumulto abrangia um quarteirão após outro. Foram incendiadas as primeiras casas, cujo número, depois, contava-se a centenas. Começou o saque de estabelecimentos comerciais. Encheram as ruas rapazes que já tinham perdido todo o juízo. Os reforços da polícia só produziram o efeito de atirar achas nas chamas.

A espontaneidade do incêndio—no sentido directo e figurado—durou quatro dias. As balas disparadas das carabinas e *colts* das «forças de manutenção da ordem» ceifaram a vida a 34 negros. As chamas do incêndio envolveram uma centena e meia de quarteirões, numa área de 46 milhas quadradas. Só na noite de 14 de Agosto, 14 mil guardas nacionais e mil e quinhentos polícias puderam esmagar o motim, em que, segundo dados oficiais, participaram por volta de dez mil negros. 1032 pessoas receberam ferimentos diversos, 3952 negros foram presos. O prejuízo causado foi avaliado em 40 milhões de dólares; ficaram danificados 600 edifícios; 200 prédios foram reduzidos a cinzas.

Edmund Brown, governador da Califórnia, nomeou uma comissão para investigar as circunstâncias do motim. À frente dela foi posto o milionário John McCone, ex-director da CIA. Procuravam os organizadores para, havendo tal intenção de antemão, lançar a culpa sobre os «elementos subversivos». Mas nem McCone descobriu conspiração. Foi, de facto, a espontaneidade culpada de tudo.

A comissão, no entanto, advertiu: «Se a fenda existente se mantiver, poderá, com o correr do tempo, cindir irreparavelmente a nossa sociedade.»

O motim de Agosto assestou um forte golpe psicológico na concepção da luta não-violenta de King. Por mera casualidade, o motim deflagrou-se passados apenas cinco dias após o presidente Johnson ter assinado o acto dos direitos eleitorais.

A partir de 1966, começou a registar-se uma nova vaga de tensão na frente racial. Nesse ano, todavia, o «recorde» de Watts não chegou a ser «batido».

E eis que chega o ano de 1967, ano de «recorde». Segundo a opinião geral, foi assinalado pela maior crise política interna, a maior nos cem anos passados desde a Guerra Civil. As agitações raciais da Primavera, em Nashville, estado de Tennessee, em Jackson, estado do Mississipi, em Houston, estado do Texas. O Verão foi o mais prolongado e o mais quente. Devido às explosões raciais, praticamente todo o território nacional se assemelhava a um campo de minas com artefactos como que dispersos em desordem: onde quer que se pisasse podia-se «voar pelos ares».

Em Julho de 1967, os Estados Unidos enfrentaram bem a sério o fantasma de uma nova guerra civil. Entretanto, o Congresso, onde estava em pleno auge a histeria anti-negra, agravou a situação ainda mais. A 19 de Julho, a Câmara dos Representantes votou o «acto dos motins», voltado contra os «incitadores». Este documento qualificava de delito comum qualquer passagem através das fronteiras de alguns estados (inclusive, a «passagem» sob a forma de correio) com a finalidade de provocação e organização de motins. A 20 de Julho, a mesma câmara torpedeou o projecto-lei sobre a atribuição de 40 milhões de dólares ao extermínio de ratazanas. Tendo declinado esse projecto-lei, os congressistas escarneciam abertamente desse mal específico dos guettos negros.

Numa situação de agudização sem precedentes das relações raciais, a referida acção do Congresso revestiu um carácter simbólico: lembrava-se, assim, aos negros que era duvidoso que os legisladores viessem a compreender os seus problemas.

O presidente Johnson apressou-se a aliviar a tensão, tendo criticado asperamente os congressistas e qualificado a rejeição do projecto-lei de um «golpe cruel» sobre os filhos dos pobres.

Esses abalos raciais ocorriam sobre o pano de fundo da escalada da guerra no Vietname, factor que por si só agravava ao extremo a situação política no país. Aliás, analogias com a guerra

na Indochina vinham à mente das pessoas quase que automaticamente. Com os seus negros, tal como com os vietnamitas, Washington e as autoridades das cidades e dos estados falavam na mesma linguagem das armas. A prontidão para empregar a força armada, a operatividade e, por assim dizer, a naturalidade do seu emprego eram assombrosas, o que também testemunhava quão profundamente o militarismo havia dominado a mentalidade dos políticos norte-americanos.

Na balança das despesas, as verbas militaristas destinadas à guerra no Vietname, pesavam muito mais as destinadas à regularização da situação crítica nos guettos: 24 mil milhões de dólares ao ano para a guerra nas selvas da Indochina e 1,9 mil milhões para a «guerra doméstica contra a pobreza». Era cada vez mais raro o presidente Johnson recordar as suas promessas sobre a «grande sociedade», enquanto que os seus críticos citavam cada vez com mais frequência o termo «sociedade doente». Teve toda a razão o senador Fulbright ao observar certa vez que, mesmo do ponto de vista psicológico, era impossível conduzir duas guerras simultaneamente, — a guerra no Vietname e a guerra contra a pobreza —, visto que todas as atenções, para não falar já dos recursos, estavam concentrados na primeira. Os motins raciais puseram a nu uma outra faceta desta verdade. A guerra suja na Indochina com o seu extermínio implacável de um outro povo preparou psicologicamente os líderes norte-americanos, bem como, aliás, a maior parte da população dos EUA, para o emprego de métodos cruéis na repressão dos negros, os quais constituíam a «outra América».

A despeito das buscas intensivas dos «instigadores» e das tentativas de pintar os amotinados da cor política «vermelha», já por si só repreensível, todas as investigações, sem excepção alguma, confirmaram que os motins surgiam espontaneamente e que os seus participantes não possuíam programa algum, nem visavam objectivos políticos ou económicos algo exactos. Embora os focos das agitações raciais surgissem quase simultaneamente em dezenas de cidades, eram isolados uns dos outros, não tinham uma direcção única, nem líderes reconhecidos. Como mais tarde observou com razão o senador Fred Harris, «era antes a multidão que criava os líderes, que os líderes a multidão».

Também os assaltos maciços a estabelecimentos comerciais, saques, incéndios premeditados testemunhavam o carácter espontâneo, «selvagem», arrasador do protesto. Eram actos de vingança, e não simplesmente delito comum. Vingança dirigida exactamente contra a Nação dos proprietários.

Entretanto, a mola coersivo-repressiva do poder soltava impetuosa e barbaramente.

Contra os amotinados, uniu-se, apesar das diferenças internas de posição, toda a América burguesa, desde os senadores racistas pelos estados do Sul e o chefe do FBI J. Edgar Hoover até aos liberais do Norte. Esses últimos, fazendo, como dantes, certas ressalvas a respeito dos males sociais que, como reconheciam, grassavam, de facto, nos guettos, votavam, no entanto, «com ambas as mãos» pela ordem do dia: esmagar sem piedade. De todo o complexo quadro a que se assistia na altura, a imprensa destacava e exagerava apenas um aspecto, isto é, o atentado contra a propriedade privada, os incêndios premeditados, os actos de saque. Todas as operações punitivas efectuadas pela polícia e pelas tropas eram justificadas com a tese de praxe de restabelecimento da «ordem e legalidade».

A maioria dos norte-americanos da classe média, apolíticos ou politicamente moderados, horrorizados com o panorama de quarteirões inteiros em chamas que podiam ver todos os dias nos seus televisores, virou as suas simpatias para o lado dos racistas declarados.

A Casa Branca anunciou a formação de uma «comissão consultiva especial para as desordens civis» junto ao presidente. A este organismo, à frente da qual foi colocado Otto Kerner, governador da Califórnia, o presidente deu a seguinte directriz: verificar «o que aconteceu», «porque aconteceu», «o que pode ser feito para que isso não volte a acontecer».

Para essa comissão, o presidente Johnson nomeou onze pessoas, incluindo dois negros: Roy Wilkins e Edward Brooke, este último senador pelo estado de Massachusetts. Durante os trabalhos, a comissão ficou dividida, como mais tarde a imprensa comunicava, não segundo a cor de pele, mas segundo a atitude para com o assunto e segundo as convicções, quer dizer, em liberais e conservadores. Os primeiros eram seis e os segundos cinco.

A superioridade numérica dos liberais e a pressão dos próprios factos asseguraram, em termos gerais, a vitória sobre a tendência conservadora nos trabalhos da comissão. E quando a 29 de Fevereiro de 1968, após seis meses de investigações e análises, a comissão entregou ao presidente e à imprensa um tomo volumoso de materiais, ele produziu o efeito de uma bomba política, mostrando que, mesmo em condições extraordinárias, a América burguesa é capaz de fazer autocríticas sérias.

O relatório da comissão Kerner como que reabilitava milhares de pessoas de cor que nos dias quentes do Verão de 1967 haviam

exprimido de modo agitado ou, mesmo, desenfreado o seu protesto. Provou ainda que tinham fundamento para protestar. O relatório foi uma acusação de peso ao sistema social norte-americano, que engendrou o racismo.

«A nossa Nação avança no sentido de duas sociedades, a negra e a branca, divididas e desiguais — esta foi a conclusão principal a que a comissão chegou. — A reacção às desordens do Verão passado acelerou este avanço e aprofundou a cisão. A discriminação e a segregação marcaram, durante longo tempo, muita coisa na vida dos norte-americanos, ameaçando agora o futuro de cada norte-americano.»

Entre os líderes negros, também houve atitudes diferentes para com os acontecimentos do Verão dos motins. Martin Luther King, Philip Randolph, Roy Wilkins e Whitney Young, numa declaração conjunta, exortaram os negros contra a «violência nas ruas». Precisamente os negros, frisava-se na declaração, são os que «pagam» pelos motins com mortos, feridos e presos, ficando também privados de víveres, por as lojas da vizinhança serem incendiadas ou saqueadas; sem o leito para as crianças, por o abastecimento estar paralisado; sem o salário, por os transportes não funcionarem e os locais onde trabalham se encontrarem, provavelmente, em ruínas. Os negros de modo algum devem tolerar o «desemprego, as habitações imprestáveis, as más escolas, os insultos, as humiliações e os ataques», assinalavam os quatro líderes referidos, condenando, contudo, os motins como forma de protesto.

Os radicais negros davam uma outra ênfase aos acontecimentos. Floyd McKissick, presidente do «Congresso da Igualdade Racial», acusou os quatro de terem condenado a «violência praticada pelas vítimas».

A história, pelos vistos, registará as explosões desse Verão como o início da revolução dos negros — declarou McKissick. — Desaparecerá o matiz criminoso que se insere no vocábulo 'motins'. Serão reconhecidos como o que são na realidade, como insurreições contra a opressão e a exploração.»

Stokely Carmichael, líder de uma das maiores organizações dos negros, que se encontrava em Cuba quanto rebentaram esses acontecimentos, ecxlamou: «Os Estados Unidos devem cair. E o único sonho que tenho é viver até este dia.»

O relatório da comissão Kerner, esse, gozava, no seio dos líderes dos negros, da aprovação praticamente unânime. King, porém, introduziu neste coro uma nota de cepticismo. Ao ter

também aprovado como oportuna a recomendação da comissão sobre a criação imediata de dois milhões de postos de trabalho para os negros, ele realçou, ao mesmo tempo, que recomendações «quase até às mínimas minúcias» análogas à presente tinham sido dadas anteriormente, mas «eram ignoradas quase até às mínimas minúcias».

Nos guettos dos negros e nas selvas do Vietname

Esta nossa excursão retrospectiva aos guettos negros amotinados foi um pouco demorada, porém necessária, pois as presentes linhas são dedicadas a uma pessoa que não se imaginava fora do contexto da grande causa histórica que era criada espontânea ou conscientemente por milhões dos seus compatriotas.

Por mais grandioso que o nosso herói seja, não é maior do que a vida. Nem é maior do que a causa a que esteve ligado.

Houve situações em que Martin Luther King dirigia os acontecimentos, ou, no mínimo, se encontrava no centro deles: em Montgomery em 1955 e 1956, em Birmingham em 1963, em Selma em 1965; mas houve também casos em que os próprios acontecimentos como que expulsavam-no a ele, esgotado da tensão das lutas e incapaz de empreender qualque coisa, para o segundo plano, tal como acotenceu no Verão dos motins de 1967.

Esses acontecimentos levaram-nos a desviar-nos um pouco do protagonista desta história, porém fizemo-lo para, tendo esses grandes acontecimentos como pano de fundo, podermos analisar melhor a sua personalidade, para vê-lo numa perspectiva histórica, perspectiva que, por um lado, como que diminui a sua grandeza, colocando-o na mesma fila em que os outros, e, por outro, o enaltece, por mostrar quê problemas verdadeiramente grandiosas Martin Luther King tentava resolver.

King foi uma pessoa simples e modesta na vida quotidiana, porém, no mecanismo social, jamais se assemelhava a um parafusinho qualquer. Antes pelo contrário, dava-se conta do seu significado e valor sociais, tal como da sua missão. Certa vez, ele mesmo disse a este respeito o seguinte, disse com plena franqueza: *«Foi a História que me deu esta posição. E da minha*

parte seria um sinal de ingratidão não cumprir o meu dever e não fazer nesta luta tudo de que sou capaz.» Apesar disso, tratava a causa comum como um aluno trata o seu mestre: amadurecia juntamente com os acontecimentos, reflectia em tarefas de complexidade cada vez maior, que a vida colocava sem parar.

E agora voltemos lá onde deixámos o nosso herói: ao dia 6 de Agosto de 1965, à Colina do Capitólio, à sala presidencial, onde se guarda com particular respeito uma mesa de nogueira, coberta de pano verde, a mesa de Abraham Lincoln. Lindon Johnson escolheu essa sala propositadamente. Com um sem-número de canetas, ele assinou a acta dos direitos eleitorais, exactamente cento e quatro anos depois de Lincoln ter firmado na mesma sala a lei da emancipação dos escravos negros recrutados pela força para o Exército dos confederados. A seguir, Johnson exclamou: «O triunfo da liberdade a que assistimos hoje é tão grande como qualquer vitória conquistada em campo de batalha. Hoje partimos os últimos dos principais grilhões de antiga cadeia bárbara.»

Uma semana antes disso, o presidente ordenara que o número de efectivos norte-americanos no Vietname do Sul fosse aumentado de 75 mil para 125 mil. Fora o maior aumento em todo o período da presença de tropas dos EUA nesse país e a segunda, após os bombardeamentos aéreos do Vietname do Norte iniciados em Fevereiro de mesmo ano, grande escalada da guerra nas selvas da Indochina.

Martin Luther King, vencedor das «batalhas» de Selma e Birmingham, recebeu, de novo, uma caneta do presidente, não dando, porém, grande atenção à sua retórica. Tendo visitado na véspera a Casa Branca, informou Johnson de que no Norte do país a segregação mais recrudescia do que se afrouxava. King acabara de regressar de uma viagem a Chicago, Cleveland e Philadelphia, tendo-se convencido de que no Norte os problemas da segregação eram, de facto, não menos graves do que no Sul. Em Philadelphia, este «berço da liberdade», onde a 4 de Julho de 1776 foi publicada a Declaração da Independência, King encabeçou uma marcha de protesto até ao colégio Girard, escola interna para órfãos pobres que nos cento e dezassete anos da sua existência não tinha admitido sequer um negro.

Nos fins de Julho, King experimentou as suas forças nos quarteirões de Chicago onde viviam os negros, na zona West Side. Diferentemente do Sul, lá a igreja nunca foi o núcleo em torno do qual se agrupava a comunidade negra. Os habitantes dos guettos não tinham laços algo fortes que os ligassem à igreja, tal como não possuíam esperanças quanto à terra da promissão. King proferia os seus discursos-sermões não de púlpitos, mas de camiões e simplesmente em cruzamentos de ruas. E esses comícios eram frequentados por milhares de pessoas. Também lá era conhecido e estimado.

«Transformaremos esta cidade» — prometia King.

A 26 de Julho encabeçou uma marcha, e 15 mil pessoas o seguiram: a maior marcha dos negros na história de Chicago.

No entanto, a cidade nas margens do lago Michigan, onde habitavam na altura cerca de um milhão de negros, mais do que no estado do Mississipi, distinguia-se por uma especificidade bastante complexa. Alguns dos líderes negros locais vinham ter com King às escondidas, pediam acanhadas desculpas, dizendo que não o podiam ajudar. Outros, sem visitas nem desculpas, anunciaram a criação das suas próprias organizações «de acção», dando a entender ao padre de Atlanta que não era «objectivo», e que os negros de Chicago podiam fazer tudo, contando com os

O objectivo de primeira ordem da estada de King em Chicago era a melhoria das condições de vida dos negros e o desmascaramento da prática rapinante de altas rendas de casa por habitações em autênticos bairros de lata.

seus próprios dirigentes. Os primeiros eram retidos e os segundos incentivados pela mesma mão forte e experiente do presidente da Câmara Municipal Richard Daley. Este politiqueiro foi por três vezes eleito para esse cargo, sendo «chefão» indiscutível do aparelho urbano do partido democrático, e criou com os métodos do «doce e chicote» no seio da comunidade negra uma vasta rede de homens de sua confiança, que lhe garantiam a influência e os votos durante as eleições. O presidente da Câmara Municipal de Chicago simpatizava, em palavras, com os negros, aceitava as suas queixas, prometia gentilmente examiná-las, contudo... King caracterizou bem acertadamente este tipo de politiqueiro burocrata do Norte do modo seguinte: *«Muitos deles ocupam lugares de honra nas mesas de presidência dos comícios... e não poupam palavras para elogiar o heroísmo dos negros do Sul. Mas, quando surgem questões que dizem respeito às condições locais, só a linguagem deles é que continua delicada, enquanto a recusa é firme e incontestável.»*

Após a prova de forças de Julho, foi decidido que a «Conferência de Líderes Cristãos do Sul», com King à frente, estenderia os seus esforços também aos guettos do Norte. A insurreição em Watts, ocorrida em Agosto de 1965, fez com que King confirmasse esta decisão. Aliás, os acontecimentos premiam.

Chicago foi escolhida como local de provas.

Chegado o Outono de 1965, o primeiro grupo de companheiros de King, com James Bevel à frente, instalou-se em Lawndale, um bairro de lata de Chicago, e começou os preparativos para uma operação duradoura.

Nos casebres de Lawndale, habitavam 140 mil pobres, pessoas marginalizadas, desesperadas. Era, de facto, um horrível bairro de casas que se arruinavam a olhos vistos, de enorme desemprego e alto nível de delinquência. King instalou-se lá com a sua mulher em Outubro de 1965, em Hamlin Avenue, num apartamento miserável no segundo andar, aonde levava uma escada externa de madeira. Desde a varanda frágil, via-se a esquina da rua 16, a «sangrenta», habitada por narcómanos, assaltantes e arrombadores.

A campanha de Chicago durou, com intervalos, todo o ano de 1966 e os começos de 1967.

A 10 de Julho de 1966, quando numa marcha sobre City Hall participaram 45 mil pessoas, King anunciou um vasto programa de reivindicações às autoridades municipais: a total integração e o aumento para o dobro do orçamento das escolas públicas, a melhoria radical do funcionamento dos transportes públicos nos territórios dos guettos, a distribuição dos bens municipais proporcionalmente à densidade populacional nos diversos bairros de Chicago, a construção de novas zonas residenciais, incluindo 10 mil apartamentós municipais com rendas de casa baixas, o saneamento dos bairros de lata através dessa construção.

Em Agosto, quando a situação se tornou particularmente tensa, as autoridades municipais, os círculos de negócios de cidade e os líderes dos negros concluíram um acordo de nove pontos. King qualificou-o de «o mais significativo programa» de liquidação da discriminação no domínio habitacional; muitos, porém, não concordaram com esta apreciação optimista. A campanha de Chicago não foi coroada de êxito. Os bairros de lata resistiram sem dificuldade alguma aos golpes que lhes eram desferidos pela «União para a Liquidação dos Bairros de Lata», formada pelos companheiros de King. Os *slumlords*, proprietários dos prédios residenciais nos bairros de lata, não desapareceram, nem se arruinaram. Richard Daley continuou como «chefão» indiscutível da máquina política da cidade e foi reeleito. Não se conseguiu mobilizar contra ele os votos do eleitorado negro.

King estava em Chicago, normalmente, três dias por semana, sem esquecer os seus paroquianos da igreja de Ebeneser, viajando além disso, como sempre, pelos estados do país. Os novos problemas mudaram o conteúdo dos seus discursos: agora falava mais do sistema de exploração dos negros no Norte do que dos direitos civis no Sul, evocava os milhões de dólares tão necessários para prevenir novas Watts nos guettos, mencionava cada vez mais frequentemente o Vietname, para onde eram canalizados esses milhões.

Desconhecia o pessimismo, mas dentro de si sentia-se um tanto desnorteado. Nos complexos entrelaçamentos políticos e económicos das grandes cidades, falhava a táctica simples de choque, que ele, outrora, em reuniões em igrejas do Sul, resumia com a palavra de ordem: «Irmãos, calçai as vossas botas de viagem e vamos marchar em nome da liberdade!»

Certa vez, abandonou as actividades em Chicago e partiu com urgência para o Sul, para calçar as suas botas de viagem e, sob o sol escaldante do estado do Mississipi, pôr-se a caminho juntamente com os seus companheiros das marchas anteriores e convencer-se de que haviam sido separados pela vida, de quão distantes uns dos outros já estavam. Serviu de pretexto para essa marcha o atentado contra James Meredith, que, havia tempo, estudara na Universidade de Colómbia em Nova Iorque e, depois, na longínqua Nigéria. James tinha resolvido visitar a terra natal para tomar pessoalmente conhecimento do progresso lá alcançado após as actas de 1964 e 1965 sobre os direitos civis.

Preferindo agir sozinho, ele mantinha-se à distância de quaisquer organizações. Meredith quis andar a pé sozinho 350 quilómetros pela auto-estrada n.° 51, que atravessa o estado do Mississipi de Norte a Sul, terminando na sua capital, cidade de Jackson. No caminho, disparou contra ele um tal Norwell, empregado de escritório, na altura desempregado.

Ao receber a notícia do atentado, King tomou logo o avião para Memphis, onde estava hospitalizado o ferido. Reuniram-se lá também Stokely Carmichael, Floyd McKissick, Roy Wilkins, Whitney Young, todos eles líderes das maiores organizações dos negros. Os cinco não podiam deixar passar despercebido o facto de um tal Norwell ter saído da relva da beira da estrada para interromper, com uma descarga de chumbo miúdo com que se caça às aves, a caminhada de um homem que desejava saber em que estado se encontrava o progresso no Sul do país após longos anos de luta e numerosas vítimas. Assim surgiu a ideia de se efectuar uma marcha de massas sobre Jackson, seguindo o roteiro traçado por Meredith.

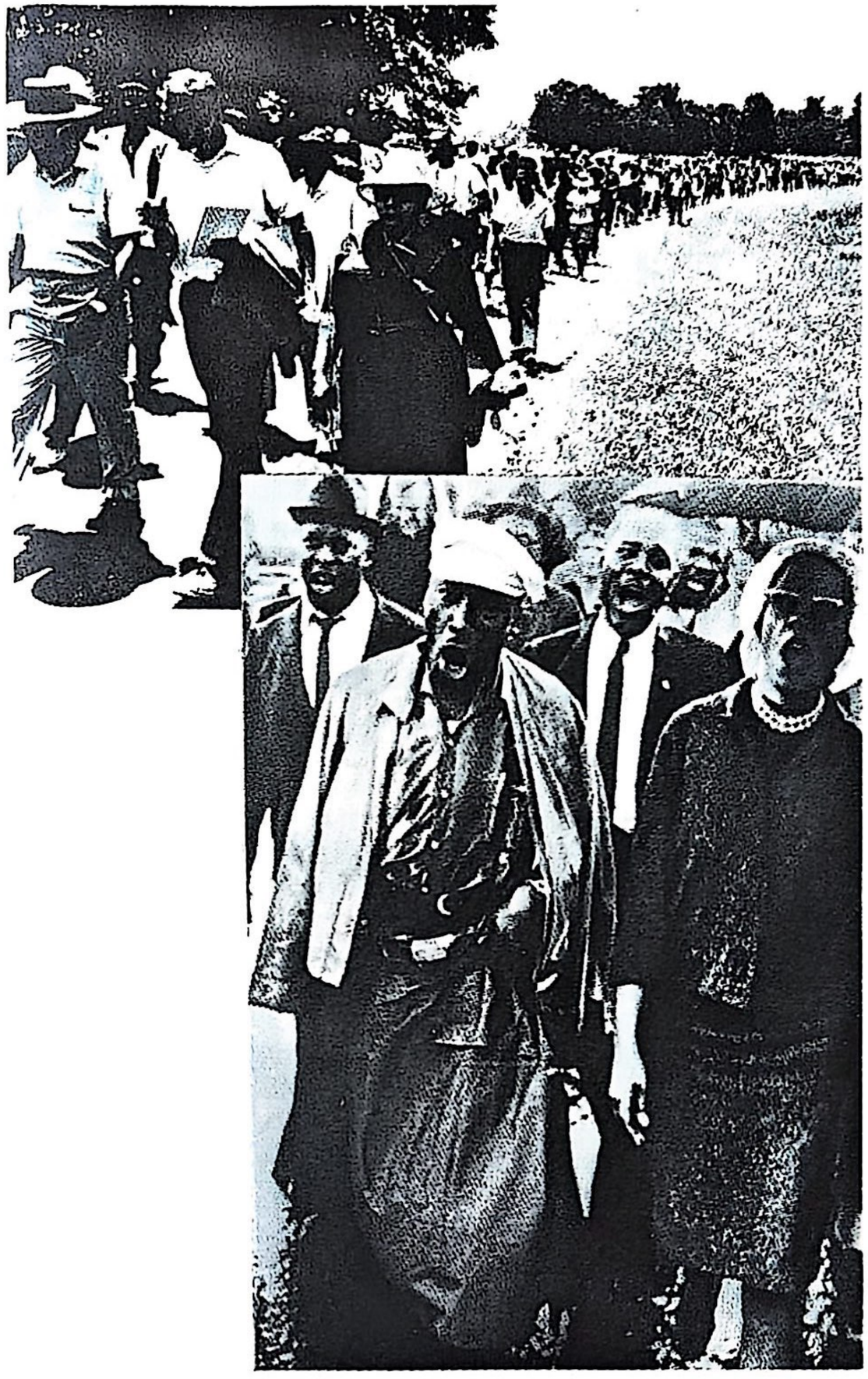
Os cinco líderes reuniram-se para demonstrar a sua unidade, porém revelou-se uma profunda cisão. As discrepâncias vieram à tona, mal tivessem passado a elaborar o «manifesto» que devia definir o objectivo da marcha (Meredith, tendo dado o seu consentimento para a realização dessa actividade, foi transferido para um hospital de Nova Iorque, tendo sido praticamente expulso meio-desfalecido do hospital de Memphis em que estava).

Carmichael via na marcha uma possibilidade de expressar acusações e lançar o desafio não só aos racistas, como ainda ao governo.

«Devemos dizer ao governo federal tudo o que pensamos das mentiras com que nos alimenta»—falava emocionado o jovem Carmichael.

Roy Whilkins assumiu a defesa do presidente. King tentou conciliar as duas posições para se chegar a um compromisso.

Ao fim e ao cabo, conseguiram publicar o 'manifesto', embora Whilkins se tivesse recusado a assiná-lo, bem como a participar na marcha. Segundo este documento, a marcha sobre Jackson foi anunciada como «acusação e protesto públicos impressionantes»



Intervindo perante uma multidão de muitos milhares de pessoas, Martin Luther King exortava: «Irmãos, calçai as vossas botas de marcha e vamos empreender uma caminhada pela liberdade!»

contra a sociedade norte-americana, o governo dos EUA e as autoridades do estado do Mississipi, que recusavam aos negros os direitos civis que lhes haviam sido garantidos pelos respectivos actos de 1964 e 1965. Foi endereçado ao presidente Johnson um apelo para nomear árbitros federais em seiscentos condados do Sul, a fim de procederem ao registro acelerado dos eleitores negros e para aprovarem a ideia do «orçamento da liberdade», isto é, a atribuição de muitos milhões de dólares para ajudar as camadas pobres da comunidade negra.

A marcha sobre Jachkson durou três semanas. Os participantes brancos eram poucos, enquanto que a intransigência e a impaciência dos jovens negros tinham aumentado. Durante toda a caminhada, em especial à noite, quando a coluna parava para pernoitar, King teve discussões, por vezes até acaloradas, com Carmichael e McKissick. Com os seus 37 anos, King parecia um pai de família já cansado e moderado em comparação com o impulsivo Stokely, que tinha 24 anos. Carmichael, tal como Meredith, sonhava com armas, por terem perdido toda a esperança de a América branca se poder curar do racismo. Nos cinco anos das suas lutas, tinha sido preso por vinte e sete vezes, ele rejeitava os métodos de não-violência e exortava à vingança. A sua voz era cada vez mais engrossada pelas vozes dos jovens radicais e extremistas negros.

Quando os participantes na marcha atravessavam a cidade de Greenwood, no mesmo estado do Missisipi onde havia dois anos Carmichael tinha sofrido muito com os desmandos dos racistas e, arriscando a própria vida, havia encabeçado uma das «escolas da liberdade», ele avançou pela primeira vez a palavra de ordem «Black power» («Poder dos negros»).

— Exortamos os negros a não irem combater no Vietname, mas, sim, a ficarem em Greenwood para combaterem aqui — dizia Carmichel, ao fazer uso da palavra num comício no parque municipal, e ouviam-se em resposta gritos de aprovação. — Se eles meterem alguém de nós na prisão, nós mesmos o libertaremos.

Depois, um dos seus companheiros subiu para a tribuna e gritou para a multidão negra:

— Que queremos?

— Black power! — respondeu em coro a multidão que já estava preparada, dado aos assistentes de Carmichael terem difundido de antemão a nova palavra de ordem.

— Que queremos?

— Black power! — responderam ainda mais alto as vozes jovens.

Naquela noite, King, preocupado, passou cinco horas tentando persuadir Carmichael e McKissick da necessidade de retirar essa palavra de ordem, receando que ela irritasse a América branca e prejudicasse a causa. Os seus interlocutores não cederam, tendo rejeitado a fórmula transigente de «igualdade dos negros» que King propunha. Carmichael disse que tinha lançado o «slogan» intencionalmente à prova na marcha que era acompanhada, através dos meios de comunicação social, por todo o país. Queria que a palavra de ordem fosse logo ouvida.

O próprio King via que a juventude respondia ao «slogan» de Carmichael com mais animação do que aos seus apelos para a não-violência.

Terminada a marcha sobre Jackson, desencadearam-se batalhas verbais. Os líderes dos negros criticavam publicamente uns os outros. Roy Whilkins dizia que o «poder dos negros» significava o racismo dos negros e levava à «morte dos negros». O vice-presidente Humphrey apoiou-o. Floyed McKissick acusava Whilkins de desconhecer os ânimos dos negros.

Quanto a King, procurando, porém em vão, a unidade, criticava tanto uns como os outros. Os radicais, por terem lançado inconsideradamente a sua palavra de ordem, mesmo sem a ter decifrado nem explicado. Os moderados, por não compreenderem as razões que geraram essa consigna.

— O negro necessita desesperadamente do sentimento de dignidade e de orgulho, e eu penso que o «poder dos negros» é uma tentativa de desenvolver este orgulho — dizia King em entrevista ao correspondente do «New York Times». — *Não há dúvida alguma quanto à necessidade da força. Mas o emprego da frase «poder dos negros» cria a impressão de que os negros podem alcançar os seus objectivos por si sós, de que para o efeito não precisam de mais ninguém, além de si próprios. Temos de lembrar-nos, entretanto, de que constituímos apenas dez ou onze por cento da população.*

O nacionalismo negro, tanto mais o racismo negro, era rejeitado por King por princípio, quer como um sacerdote cristão, quer como um realista político. Era sonho da sua vida a fraternidade das pessoas, negras e brancas, e ele anunciara este sonho no seu discurso mais famoso, de 28 de Agosto de 1963, perante um quarto de milhão de participantes na marcha sobre Washington, perante toda a América. Os apelos para a fraternidade constituíam o fio condutor de toda a sua actividade. E sempre que com mais um crime, com mais uma maldição os racistas submetiam a

paciência dos negros à prova, como que os levando ao extremo fatal do desespero, King fazia tudo ao seu alcance para os afastar desse extremo, com os seus apelos ardentes para a fraternidade com os brancos. Nesta fé na possibilidade de tal fraternidade, erguia-se a sua estratégia da não-violência, pressupondo a persuasão e a reeducação do adversário por meio da força moral e da resistência espiritual.

King foi um sacerdote que acreditava na eficácia dos sermões sobre a fraternidade e o amor, assim como foi o líder incontestável no âmbito das teses que preconizava sobre a responsabilidade perante as massas e o realismo político. Do ponto de vista do líder, a ideia da fraternidade era uma necessidade prática deitada pela própria vida. *«O preço que o nosso país terá de pagar pela continuação da exploração do negro será igual à sua morte — advertia King. — Devemos aprender a viver juntos como irmãos, senão morreremos todos como estúpidos.»* E ensinava os negros a não perderem a fé nos «irmãos brancos», tendo escolhido para si próprio o papel de uma espécie de ponte lançada através de um abismo; esse abismo, no entanto, alargava-se, escavado pela desconfiança e pelo ódio de ambas as partes.

Aumentava o número de jovens negros que haviam perdido toda a esperança de uma reestruturação pacífica da América. King encontrava-se com eles em Chicago, durante a marcha sobre Jackson, quando estava em guettos do Norte do país. Em 1967, em Detroit, ele exortava, juntamente com Whilkinson, Young e Randolph, que os habitantes negros da cidade se abstivessem da violência. Mas, depois, em carta ao jornal «New York Times», King, tendo admitido uma ressalva no sentido de que não podia, na altura, expressar a sua própria posição na «declaração dos quatro», transferiu as suas críticas para os instigadores da violência, isto é, o sistema norte-americano, o Congresso e o governo dos EUA. Sim, escrevia ele, as mãos de alguns negros estão manchadas de sangue, e eles pagarão a conta que a sociedade lhes apresentar. *«Porém, que fazer com o sangue de que estão manchadas as mãos do congresso que escarneceu o modesto projecto-lei sobre o controlo das ratazanas e que, em cooperação com o governo, reduz a menos da metade os programas de combate à miséria tão desesperadamente indispensáveis? Que se pode dizer a respeito da sociedade dos brancos que a sangue-frio aumentam a resistência às reformas?...»*

King procurava a saída não na escolha entre a moderação dos burgueses negros isolados das massas e o extremismo dos nacionalistas negros que incitavam à guerrilha nos guettos dos negros, mas, sim, na fórmula da não violência belicosa que colocava objectivos mais radicais, isto é, na insubordinação civil em massa. Desse recurso, empregue, em tempos, por Mahatma Gandhi conta os colonialistas britânicos, King começou a falar em Agosto de 1967.

«A insubordinação civil em massa — declarou ele — é capaz de aproveitar a ira como uma força criadora e construtiva.»

Assim nasceu uma ideia audaz: paralisar as grandes cidades norte-americanas com campanhas de insubordinação civil. Via neste método, no mínimo, duas vantagens em comparação com os motins. Primeiro, uma maior eficácia, já que semelhantes campanhas «podem ser mais duradouras e sair mais caro para a sociedade, mesmo sem serem tão sinistramente destruidoras». Segundo, o governo terá muito mais dificuldades «para as esmagar com as suas forças superiores».

A ideia da insubordinação civil em massa foi concretizada sob a forma da «marcha dos pobres» sobre Washington, pobres negros e brancos, rendeiros negros de Mississipi e Alabama, jornaleiros de origem mexicana da California, mineiros desempregados dos Apalaches, de todos os humilhados e ofendidos dos Estados Unidos da América.

Todo um exército de pobres em confronto directo com o poder federal, esta foi a ideia que coroou a evolução política de King. Todavia, resultou ser coroa de espinhos.

Mas, antes de nos debruçarmos sobre este assunto em mais pormenores, convém nos referirmos a um outro aspecto da sua actividade social, no qual se reflectiu a evolução política desta sacerdote baptista; temos em vista a sua luta contra a guerra no Vietname.

Já desde 1965 e quanto mais, tanto com maior força, ia aumentando na atmosfera moral e económica do país a tensão devida a essa guerra «pequena» com enormes consequências. A guerra ensinava, e um número cada vez maior de negros aprendia as suas lições, compreendendo que era a mesma máquina feroz do imperialismo norte-americano que actuava tanto nas selvas do Vietname como nos guettos negros. A comissão Kerner chegou a uma conclusão curiosa: mais de metade dos amotinados negros por ela inquiridos consideravam que o país que os tratava como uma madrasta cruel trata os seus enteados não merecia ser defendido em caso de guerra.

O Vietname desviava não só recursos financeiros, como também a energia e a atenção da opinião pública. Os problemas dos

negros, o maior problema interno dos EUA, como que diminuía psicologicamente de proporções. Aumentavam as forças do protesto antiguerra, porém, tendo-se incorporado nesse protesto, os norte-americanos brancos honestos participavam já não tão activamente, como, digamos, em 1963 e 1964, no movimento pela igualdade dos negros. Por seu lado, os líderes moderados dos negros procuravam manter as pessoas de cor à margem do protesto antiguerra, «Já temos bastantes vietnames no Alabama» — dizia Roy Wilkins, justificando esta táctica.

A posição antiguerra do Dr. King emanava, naturalmente, do seu pacifismo da sacerdote e de partidário da não-violência. Ele considerava que, nas relações internacionais do século nuclear, a ùnica verdadeira opção não devia ser feita entre a violência e a não-violência, mas entre a não-violência e a não-existência.

A 4 de Abril de 1967, King proferiu, na igreja de Riverside em Nova Iorque, um discurso programático que teve amplas repercussões.

O comício nesta majestosa igreja aranha-céus de estilo um tanto sombrio, que se ergue na elevada margem do Rio Hudson, na parte alta da Manhattan, foi convocado por uma organização antibélica dos sacerdotes.

King apareceu inicialmente em baixo, no andar subterrâneo, onde há salas para convidados e conferências. Foi então que o vi de perto pela primeira vez: uma pessoa de estatura média, constituição física bastante forte, vestia um traje negro de feltro espesso. Ele como que irradiava uma solenidade interna que coibia logo qualquer familiaridade e palmadinhas amigáveis nas costas, do que tanto gostam os norte-americanos. Seguiam-no centenas de milhares de pessoas, nele acreditavam milhões.

King possuía, realmente, o poder que se ganha com a incorruptibilidade e a autoridade moral. E ficaram-me gravados na memória o extraordinário entusiasmo e os olhares atentos de todos que estavam, sentados nos bancos da igreja quando ele entrou.

O seu discurso foi solene como um juramento e sincero como uma confissão.

— Há tempos em que o silêncio equivale à traição. Este tempo chegou para nós em relação ao Vietname — começou ele.

— Nos últimos dois anos, desde que renunciei ao meu silêncio de traidor e passei a falar de tudo quanto queima o meu coração, houve muitos que expressaram dúvidas quanto à sabedoria do caminho por que optei... 'Porque fala da guerra, Dr. King? Porque se junta aos que discordam? Não se pode misturar as questões da paz com as dos direitos civis' — dizem-me eles. 'Acaso não está a prejudicar a causa do seu povo?' — perguntam-me eles. E, ouvindo-os dizerem-no, e, com frequência, dando-me conta dos motivos dessa sua inquietude, estou, no entanto, profundamente aflito por essas perguntas significarem que os que as fazem não me conhecem tal como sou na realidade... Mais ainda, essas suas perguntas levam-me a supor que tão-pouco conhecem o mundo em que vivem.

A seguir, ele explicou quão inseparavelmente está ligada a luta contra a guerra à luta pela igualdade.

— Há alguns anos, assistimos na nossa luta a um momento radiante. Parecia que o programa de combate à miséria já começava a emitir um raio real de esperança para os pobres — negros e brancos. Houve, na altura, experiências, novas iniciativas. Depois, seguiram-se uma após outra escaladas no Vietname, e eu observava como esse programa era destruído e estripado, como se fosse um brinquedo político inútil da sociedade enloquecida pela guerra, e compreendi que a América jamais iria investir o dinheiro e a energia necessários na causa da erradicação da pobreza enquanto as aventuras semelhantes à vietnamita absorvessem as pessoas, os seus esforços e dinheiro, como um tubo de sucção demoníaco.

Como humanista, como autêntico patriota, como um negro norte-americano, ele punha a nu a cruel ironia da guerra injusta que era travada pela sociedade injusta sob a bandeira da liberdade e da justiça.

— Pegamos em jovens negros, «mutilados» pela nossa sociedade e mandâmo-los a oito mil milhas para garantirem no Sudeste Asiático a liberdade que não encontraram no Sudoeste da Geórgia e no Harlem Leste. E eis que sentimos por múltiplas vezes uma ironia cruel ao observarmos nos écrans dos televisores como rapazes negros e brancos matam e morrem juntos pelo país que não consegue colocá-los numa mesma escola. E eis que vemos como, numa solidariedade selvagem, eles queimam casas de uma aldeia pobre, compreendendo eles, ao mesmo tempo, que jamais viverão juntos num mesmo bairro de Chicago.

Como lutador pela igualdade social e racial, como crítico perspicaz, King via na guerra do Vietname o «sintoma de uma

doença mais profunda», e advertia que a «nação que de ano para o ano gasta mais dinheiro com finalidades militares do que com os programas de progresso social, se aproxima da sua morte espiritual». Estas palavras, aliás, poderia tê-las repetido também hoje.

O auditório recebeu-o e despediu-se dele com aplausos. Martin Luther King foi, provavelmente, a mais valiosa aquisição do movimento antiguerra nos EUA, pois ele atraía um sem--número de pessoas.

A coragem cívica é uma qualidade mais rara e mais valiosa do que a coragem física. King sabia em alvo de quê fogo fortíssimo ele convertia a sua pessoa, tendo-se privado, além disso, da cobertura oficial: para a América oficial, para a Casa Branca, designadamente, ele tornou-se, a partir de então, uma persona non grata. O radicalismo antibélico de King fez com que muitos dos seus adeptos de tendências liberais-burguesas se afastassem dele. Reduziram-se acentuadamente as doações para o fundo da sua organização, e muitas cartas-pedidos de assistência material eram devolvidas com envelopes demonstrativamente sem terem sido abertos. No ambiente de perseguições e ostracismo através da imprensa, revestiu uma maior seriedade o perigo de atentados contra a vida dele. Sabia ele disso? Sem dúvida alguma. Mas não estava habituado a render as suas posições.

Digam que fui o tambor da justiça

Com efeito, o sacerdote de Atlanta sabia ver o mundo e aprender com a vida.

E, realmente, que grande amplitude separa Dezembro de 1955 e Abril de 1968, quando a bala disparada por um assassino pôs o ponto final na vida de Martin Luther King!

Qual a diferença entre as tarefas iniciais e finais da sua luta, entre os seus primeiros e os últimos adversários? Um lugar digno para os negros nos autocarros em Montgomery e um lugar digno sob o sol para todos os deserdados da América, quer negros, quer brancos. A luta contra as tabuletas humilhantes «Só para pessoas de cor» e uma oposição coerente à política interna e externa dos EUA. E isso tudo é plenamente natural, pois o King «evoluído» via

a sua tarefa em «transformar de dentro a estrutura do imperialismo racista».

O último acto legislativo que King e os seus adeptos queriam «arrancar» ao Congresso e ao presidente era o acto sobre os direitos económicos que devia assegurar aos norte-americanos pobres trabalho e um nível de vida mínimo garantido.

A última campanha de King não visava boicotar os estabelecimentos comerciais de Birmingham, nem pressionar os racistas de Selma que se recusavam a registar os eleitores negros, mas paralisar por semanas senão por meses o trabalho de todo o governo e do seu aparelho em Washington, obrigando-o assim a alterar as prioridades orçamentárias.

Desde o Outono de 1967, a sede da «Conferência de Líderes Cristãos do Sul» em Atlanta vinha preparando a marcha dos pobres. O plano da operação já existia em termos gerais. Avançando em colunas provenientes de diversos estados do país, três mil activistas, a vanguarda do protesto, deviam chegar à capital e armar demonstrativamente uma vila improvisada de tendas e casebres de chapas de madeira prensada miseráveis na vizinhança da arquitectura pseudoclássica dos ministérios e departamentos de Washington. Previa-se ainda o bloqueio de vias públicas da cidade; a organização à porta de clínicas de longas bichas de pessoas doentes e sem dinheiro para o tratamento médico; a promoção de greves «sentadas» em instituições governamentais.

O objectivo traçado era: com piquetes e delegações, infringir o funcionamento desumano da máquina burocrática para nessas condições dramáticas as autoridades federais já não poderem fugir à resposta à pergunta: têm ou não os deserdados norte--americanos o direito ao «trabalho e rendimento»?

King considerava essa «marcha dos deserdados» como a última prova, já quase desesperada, dos métodos de não--violência, como uma tentativa de canalizar a ira e o ódio acumulados no sentido do protesto construtivo, visto que, no caso de fracasso desse empreendimento, seria dada luz verde aos motins nos guettos.

Ele preparava um atentado contra o capitalismo norte--americano directamente na sua cidadela, e isso não passou despercebido a certos observadores atentos. O escritor e jornalista José Yglésias que passou mais de um dia nas instalações pouco espaçosas da sede de King em Atlanta, resumiu as suas impressões do modo seguinte: «A táctica — a não-violência; a linguagem da literatura (preparada para a campanha — N. do A.) — uma

linguagem moral; mas a essência das reivindicações é revolucionária para a América: são reivindicações de classe, apresentadas dramaticamente fora do contexto do processo democrático regular.»

Ele quis verificar a justeza dessa sua conclusão, e dirigiu-se com as suas dúvidas a King. Este respondeu: «Sim, até um certo sentido, estamos envolvidos numa luta de classes. Será uma luta longa e difícil, visto que o nosso programa exorte à partilha do poder económico.»

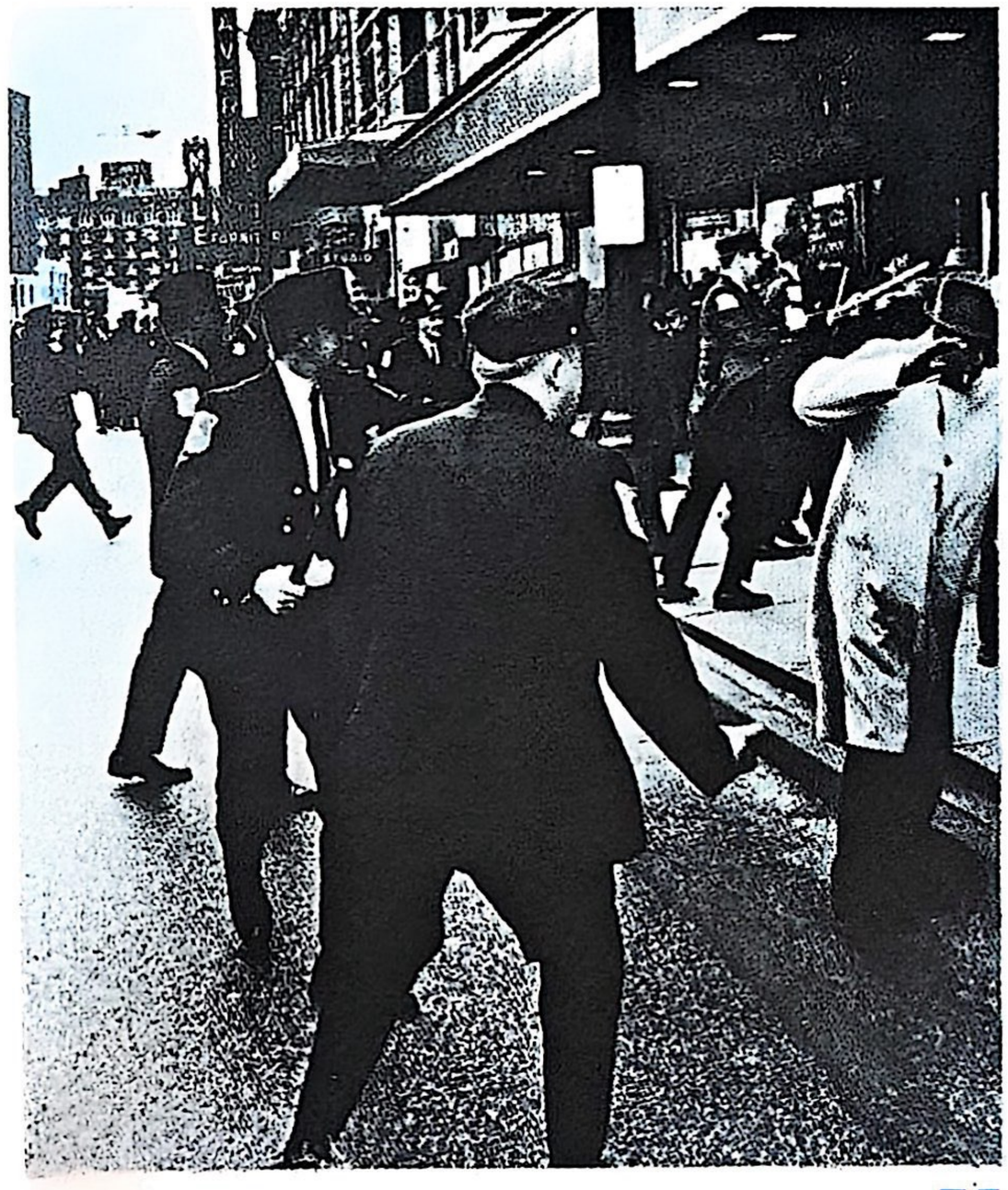
E, depois, deu ao interlocutor a sua versão da fábula bíblica sobre Lázaro pobre e um rico: Lázaro foi para o paraíso não por ter sido pobre e o ricaço para o inferno por ter sido rico. «Não, o ricaço recebeu o castigo por ter passado junto de Lázaro todos os dias sem lhe dar atenção... Se este país ignora os seus pobres, se os deuxa estar na miséria e desgraça, o lugar que lhe compete é, sem dúvida, o inferno.»

Os empregados de limpeza de Memphis em greve armaram um piquete. Guardas nacionais cercaram-nos numa fila silenciosa com espingardas em riste. Os cartazes atiravam contra os soldados apenas três palavras escritas em letra grande: «Sou ser humano».

Passados quatro dias após o assassínio de King, Coretta disse no comício em sua memória: «O meu marido deu a vida pelos pobres do mundo, pelos homens de limpeza de Memphis e os camponeses do Vietname.»

A justeza destas palavras pronunciadas já postumamente, King provara-a com a evolução de sua vida, que foi toda luta, tal como a provara mesmo com a sua morte.

A polícia a dispersar manifestantes. Mais uns instantes, e serão metidos numa «grade» especialmente preparada para os «amotinados».

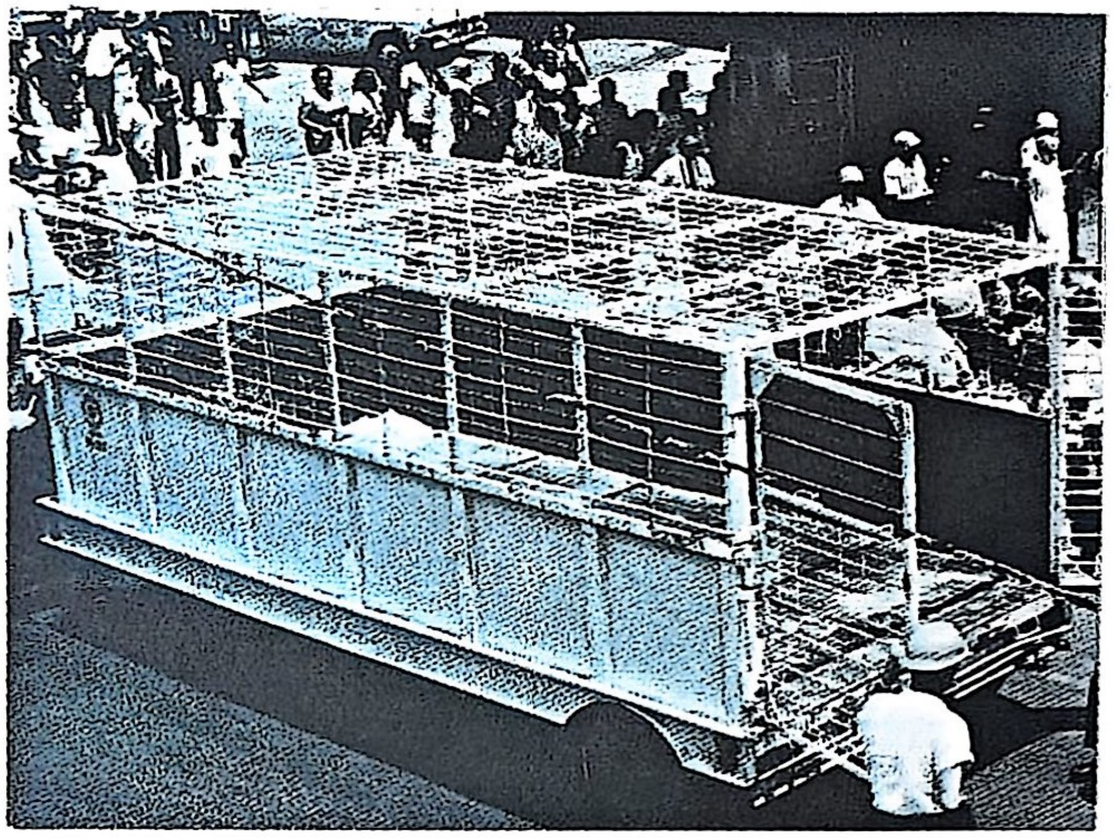


Nos fins de Março de 1968, na frente norte-americana da luta contra o racismo, estabeleceu-se uma trégua.

Só em Memphis, estado de Tennessee, estavam em greve os empregados municipais da limpeza.

O estado de Tennessee é a porta do Sul dos EUA. Memphis é uma cidade situada nas margens do Mississipi. Dos então 550 mil habitantes seus, 40% eram negros, quer dizer, mais de 200 mil.

Tirar o lixo das ruas é, de facto, um trabalho sujo, e nele



estavam empregados exclusivamente negros contratados pela Câmara Municipal. Quem mandava e desmandava na cidade era o presidente da Câmara, Henry Loeb. Os 1300 grevistas reivindicavam aumento salarial e reconhecimento do seu sindicato pelas autoridades municipais.

Por mais de quarenta dias prolongou-se sem quaisquer chances visíveis de êxito, esta greve modesta, sabendo-se dela só em Memphis, onde a única complicação foi a que surgiu na vida dos bombeiros que se viram obrigados a atender um número de chamadas maior, pois os citadinos faziam fogueiras na rua para queimar os montes de lixo acumulados.

Tudo correu sem grandes preocupações para as autoridades municipais até que a greve chamou a atenção de King. Ao chegar a Memphis, ele anunciou uma marcha de solidariedade, concebida como uma prova muito oportuna nas vésperas de uma grande «batalha» planeada em Washington. Optou-se, como sempre, pelo seu método preferido: dramatizar ao máximo a situação, provocar uma crise na cidade, criar ali uma «tensão construtiva» que atemorizasse as autoridades e as levasse a aceitar conversações e a fazer concessões.

Portanto, a 28 de Março, uma semana antes do tiro fatal, a paz em Memphis foi perturbada pela marcha de protesto e

solidariedade.

Desde a manhãzinha, milhares de pessoas saíram em desfile para a Beale Street, ao longo de casas de penhores e lojas baratas. King, como sempre, na primeira fileira, como a cabeça do ariete, anda como que levado pelos braços por Ralph Abernethy e Ralph Jackson.

Em frente e de ambos os lados estavam polícias. Cassetetes prontos a entrar em acção, *colts* em coldres abertos presos à cintura, os sargentos a segurar transmissores de rádio portáteis *walkie-talkie,* balançando as antenas, Capacetes redondos, perneiras protegendo as barrigas das pernas fortes, placas metálicas com os números pessoais no peito...

Mas de onde apareceram esses valentões ágeis, adolescentes negros? Abandonaram as aulas e queriam juntar-se aos manifes-

tantes, mas era praticamente impossível fazê-lo, pois os polícias que acompanhavam os participantes na marcha, escoltavam-nos como se fosse uma coluna de presos.

E eis que voaram pedras contra os polícias, contra as montras das lojas; em alguns locais, mãos retiravam com pressa, através dos vidros partidos, os bens nelas expostos.

Actos de desordeiros? Vingança? Ou, talvez, êxtase insensato dos jovens movidos pelo seu temperamento, imaginando eles que nesses instantes a Beal Street, com os seus estabelecimentos comerciais dos brancos, pertencia a eles, pois simplesmente não podia deixar de lhes pertencer por estarem em redor tantas pessoas negras?

No dia seguinte, o presidente do conselho dos seguros de Memphis Earl Lunning comunicou que em 155 casas comerciais tinham sido partidos os vidros das montras e que em «cinco por cento» dos casos os saqueadores tinham penetrado dentro delas. A polícia anunciou também as suas estatísticas: um negro de dezasseis anos morto, sessenta feridos, duzentos presos.

A Assembleia Legislativa do estado de Tennessee reagiu rapidamente. Os presidentes das câmaras municipais foram autorizados a implantar o recolher obrigatório nas suas respectivas cidades, e Henry Laeb de Memphis aproveitou-se deste seu novo direito. A 28 de Março, a partir das sete horas da noite, as ruas da cidade ficaram vazias. A «tranqulidade» nas ruas era garantida por quatro mil guardas nacionais deslocados para a cidade pelo governador do estado Bufford Ellington. Mais oito mil soldados foram postos em estado de prevenção.

A Memphis dos brancos tomou medidas face ao eventual motim dos habitantes negros. A explosão, porém, não ocorreu.

Logo que entraram em acção os cassetetes e as pedradas, King foi metido à pressa num carro e levado do local.

Ele não esperava esse desenrolar louco dos acontecimentos na Beal Street,

— Se soubesse que iam ter lugar actos de violência — disse ele — teria suspendido essa marcha.

A 29 de Março os empregados da limpeza em greve armaram piquetes. Andavam numa fila longa e rara sob os raios quentes do sol primaveril do Sul, mas foram cercados por uma fila também rara de guardas nacionais com espingardas em riste. As sombras das baionetas como que furavam os cartazes pendurados no peito dos participantes nos piquetes. E esses cartazes atiravam contra os soldados as letras grandes de apenas três palavras: «Sou ser humano».

O alarido que surgiu não era, no entanto, em torno desta

reivindicação dos empregados da limpeza de Memphis que também queriam ser considerados como seres humanos, de pleno valor, mas devia-se à anarquia dos negros que voltou a repetir-se em Memphis e com que, havia já muito tempo, se devia acabar. A ira apoderou-se do governo federal. Robert Byrd, senador pela Virgínia Oeste, propôs que fosse emitida uma ordem especial proibindo a marcha dos pobres sobre a capital do país. «Se não impedirmos este cabecilha impostor, também em Washington tudo pode terminar em violência, destruição, saque e derramamento de sangue» — debruçou-se Byrd sobre King e os seus planos. Mesmo o presidente Johnson, nas suas três intervenções feitas a 29 de Março advertiu três vezes que não tencionava tolerar a «violência insensata».

Assim, a sombra do revés em Memphis caia sobre a operação a realizar-se em Washington, mas retroceder naquele momento significaria condená-la ao fracasso total.

Estamos decididos a marchar sobre Washington — declarou King a 29 de Março. — Consideramos que isso é absolutamente indispensável.

Marcaram a segunda marcha para os próximos dias e King voltou a deslocar-se de Atlanta para Memphis.

E a marcha realizou-se. Decorreu pacificamente, tal como King sonhava que decorresse. Foi muito mais concorrida do que seus promotores podiam esperar: 35 mil pessoas, negras e brancas, vindas de todos os confins do país, como já acontecera nos heróicos dias da marcha sobre Montgomery e como no dia da marcha histórica sobre Washington. Eles desfilaram solenemente pelas ruas vazias de Memphis branco. Não houve multidões agressivas de racistas, os polícias não lançaram gritos ofensivos para as fileiras dos participantes na marcha. As portas das lojas estavam fechadas, as montras estavam protegidas com grades metálicas, ninguém olhava para eles das janelas por os habitantes as terem fechado por ordem da polícia. E os únicos espectadores dessa marcha eram os guardas nacionais imóveis nos passeios.

A marcha de solidariedade para com os empregados da limpeza que King preparava transformou-se em marcha em memória de King, e teve lugar a 8 de Abril, passados quatro dias após ter ele sido assassinado.

Mas voltemos um pouco atrás.

Portanto, a 3 de Abril, regressou a Memphis, sem saber que estava a ir ao encontro da morte.

Na noite do mesmo dia, ao pregar numa igreja para negros em Memphis, King pôs-se a filosofar sobre a vida e a morte:

— *Eis que, por fim, estou em Memphis. E ouço aqui*

pessoas a dizer que há quem me ameace, que os nossos irmãos brancos doentes são capazes de fazer algo comigo. Pois bem, não sei o que pode agora suceder. Temos pela frente dias difíceis... Eu, tal como todas as pessoas, também queria viver uma vida longa. A vida longa tem suas vantagens. Mas não é isso o que me preocupa agora. Gostaria apenas de cumprir a vontade divina. Deus deu-me a possibilidade de subir o monte. Olhei de lá e vi a terra da promissão. Talvez eu não chegue até lá convosco, porém, nós, como povo, alcançaremos esta terra da promissão. E por isso me sinto feliz esta noite. Nada me inquieta. Não tenho medo de ninguém...

Teria ele naquela noite um pressentimento estranho? Se tivesse, foi pela última vez, mas não pela primeira. Era ameaçado de morte quase todos os dias: em cartas, com gritos lançados da multidão, em telefonemas anónimos. Ele, aliás, teve sempre esta peculiaridade, a de raciocinar em voz alta sobre a possibilidade da morte prematura, misturando-se nesses seus raciocínios o misticismo religioso com o realismo político, pois ele conhecia o país em que vivia essa sua vida de combatente, cheia de perigos. No entanto, não podia viver de outra forma, e por isso havia muito tempo que estava pronto para tudo. O seu fatalismo não resultava de um estado de transe, mas uma constatação razoável de um constante perigo bem real. *«Resolvi o problema da segurança pessoal» — observou certa vez King, e logo esclareceu: a solução é que ele havia banido de sí o sentimento de medo, de contrário, simplesmente não poderia agir, lutar. É por isto que ele preferia falar da morte e não da coragem, esta presumia-se.*

Sabendo que King, na medida do possível, costumava instalar-se, durante semelhantes viagens, em bairros habitados por negros e em hotéis pertencentes a negros, os seus amigos reservaram-lhe um quarto no motel barato «Lorraine», o quarto 306 no primeiro andar. A porta do quarto dava para uma varanda comprida, de balaustrada verde. Para descer, era necessário atravessar a varanda até ao patamar.

Na mesma noite ou na manhã do dia seguinte, James Ray já sabia onde ficara instalado King, que o seu quarto se encontrava no primeiro andar e que para descer para o rés-do-chão tinha de passar pela varanda aberta e, por conseguinte, podia ser facilmente alvejado. Era necessário apenas encontrar um local adequado, de onde se pudesse disparar. Em frente da varanda, em baixo, estava uma zona de estacionamento de carros; a seguir a ela, estavam a estreita Mulberry Street e um muro alto, de quase dois

metros de altura, por cima do qual se viam alguns arbustos e relva. E mais além, na enconsta da colina havia arvores, e atrás destas uma cerca de arame e o pátio traseiro, feio como um baldio qualquer, de uma casa de dois andares cuja fachada dava para a South Main Street. Lá, em quartos mobilados, velhos solitários viviam seus derradeiros dias. A 4 de Abril, apareceu lá um homem que aparentava bastante jovem, vestido de traje negro. Precisava de um quarto para um dia. A dona da pensão, Sra. Bruver levou-o a um quarto cujas janelas davam para o Norte. No entanto, o cliente não gostou. Preferiria um quarto situado na parte Sul de casa, a mais ensolarada. Tal quarto também havia. Das suas janelas, via-se o motel «Lorraine».

Mas uma vista melhor ainda do motel «Lorraine» descortinava-se do quarto de banho comum dessa pensão. Dali se viam bem, através da mira óptica, mesmo os números metálicos «3», «0», e «6» afixados à porta cor de castanha.

E aproveitando o direito de hóspede recém-chegado que queria tomar um duche, após um longo caminho esse homem, com sotaque de habitante do Sul, encerrou-se no quarto de banho. Separavam-no da porta número 306 uns 70 metros.

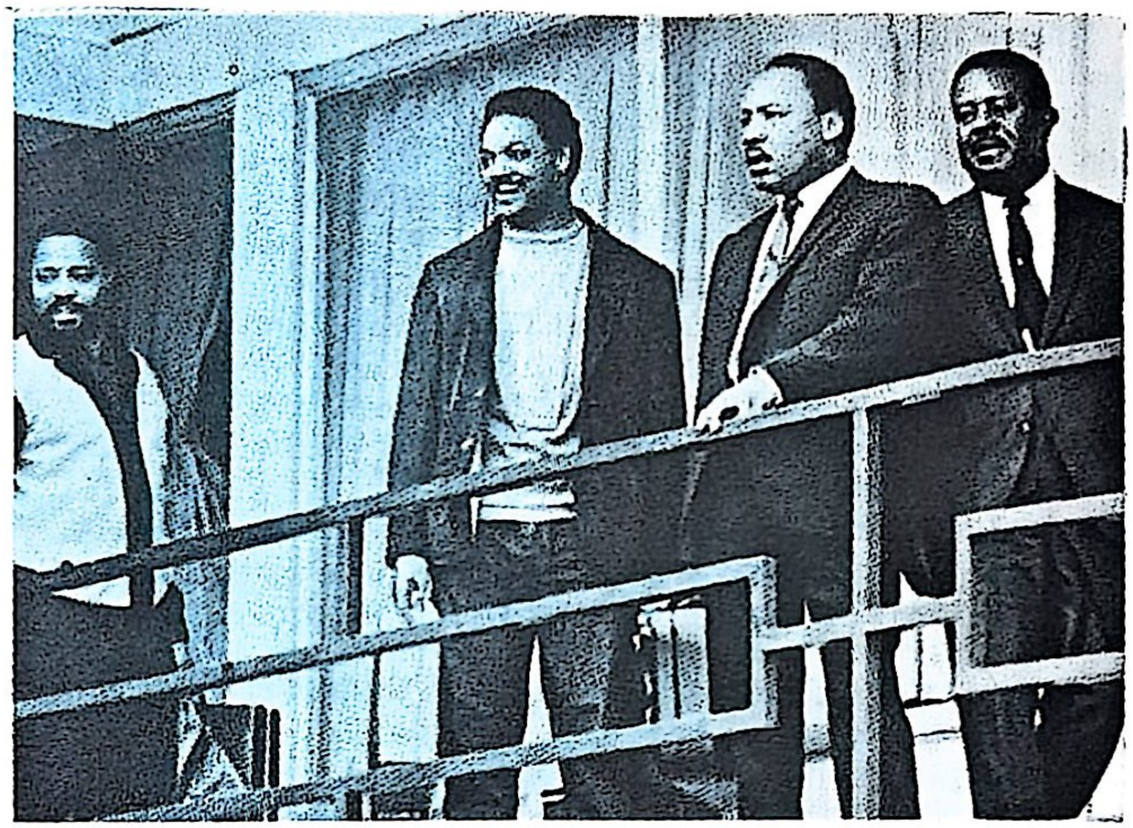
King passou todo o dia no seu quarto, tratando dos assuntos e mantendo reuniões com assistentes. Eles haviam sido convidados para um jantar por Samuel Kyles, sacerdote negro de Memphis. Pelas seis da tarde, King teve de interromper o seu trabalho por Kyles já ter chegado, esperando por ele e seus assistentes, para os levar a sua casa. No quarto encontrava-se ainda Ralph Abernethy. King, em frente do espelho, atava ao seu pescoço vigoroso uma gravata preta com uma lista doirada, gozando de Kyles.

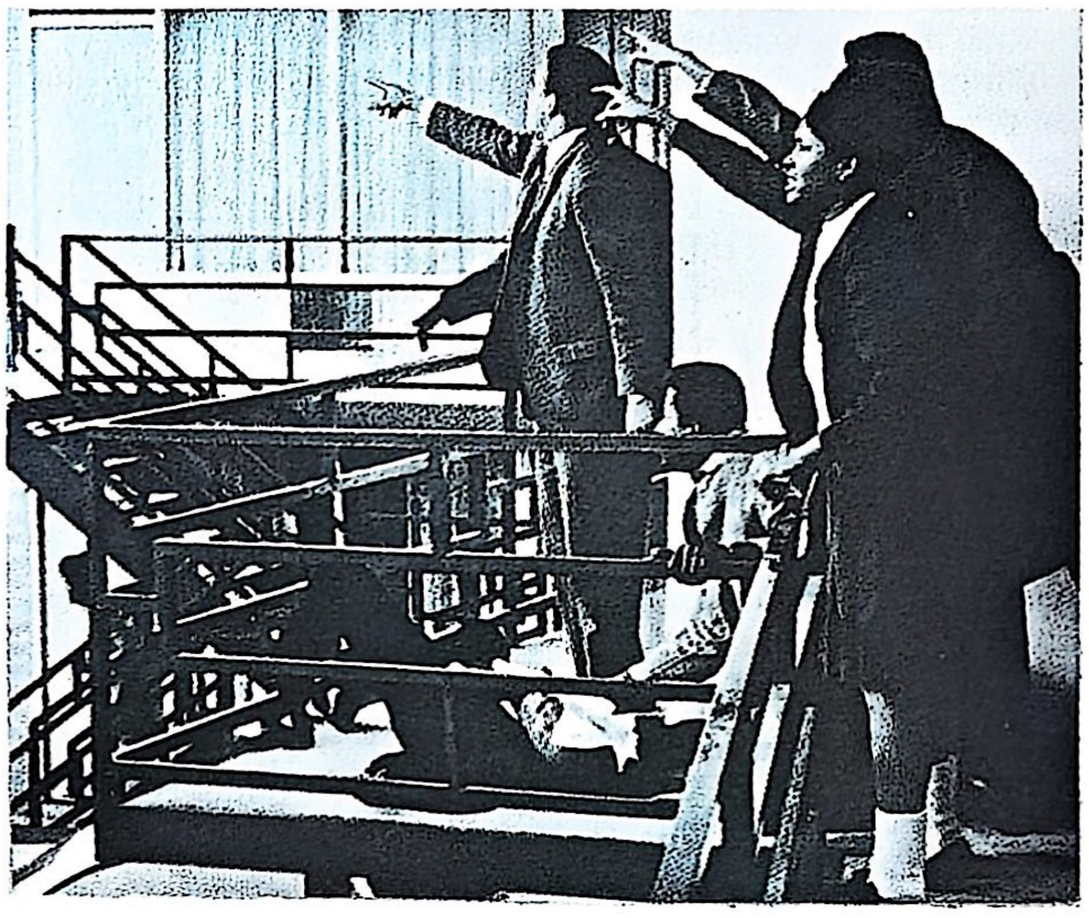
— Não te parece que a tua esposa é demasiado jovem para nos poder preparar uma comida adequada para a alma? Ela tem apenas trinta e um anos, não é? Será que com esta idade uma pessoa entende de comida para a alma?

Por fim, acabou de atar a gravata e, acompanhado de Kyles, saiu do quarto. Kyles desceu e King parou por uns instantes junto da balaustrada verde, aguardando por Abernethy que ainda se encontrava no quarto.

De baixo da varanda encontrava-se um «Cadillac» preto que o proprietário negro da firma funerária de Memphis oferecera a King para este se deslocar pela cidade. Jungo do «Cadillac» estavam já dispostos para a «comida para a alma», as habituais conversas e brincadeiras à mesa. E para depois do jantar, às altas horas da noite, estava marcado um comício.

— Conheces Ben, Martin? — perguntou de baixo Jackson,





mostrando com um aceno da cabeça para Ben Branch, músico negro de Chicago, que devia tocar e cantar no comício.

— Pois, claro, que conheço — sorriu King, encostando-se à balaustrada. — Ben é gente minha... Canta para mim hoje — pediu ele a Ben. — Canta para mim, por favor, «Oh, Deus precioso, leva-me pelo braço». Mas tenta fazer a tua melhor apresentação possível.

— Cantarei, sem dúvida, Martin — replicou Ben. Ele sabia bem essa triste «cantiga espiritual».

— Já está fresquinho. Não seria melhor pôr o sobretudo? — aconselhou o motorista a King.

— Tens razão, vou pô-lo — respondeu King e inclinou-se um pouco por sobre a balaustrada, como se se quisesse aproximar dessas pessoas tão caras para ele, pessoas que o amavam, o protegiam, se orgulhavam dele, desvelavam por ele como se desvela pelos mais velhos, mais sábios, pelos companheiros respeitados, mas que se esquecem de muitos pormenores da vida quotidiana.

Ele inclinou-se um pouco como que ao encontro deles, segurando com ambas as mãos o corrimão verde, e foi neste momento que o atingiu a bala. Os seus amigos ouviram o disparo e viram como a força mortífera do chumbo em voo vertiginoso virou a sua figura atarracada. De braços ao largo, King caiu de costas para o chão cimentado da varanda. A bala atingiu-o no pescoço, do lado direito, tendo atravessado as vértebras cervicais. Os seus olhos amendoados estavam abertos e dirigidos para Abernethy, que saíra do quarto 306. Falar já não podia.

A morte clínica ocorreu uma hora depois, embora parasse de viver no momento em que fora abatido pela bala, e os amigos se atiraram para a varanda, cercaram o seu corpo deitado, levantaram pelos braços um pouco para cima e para a direita, exactamente na direcção do muro iluminado pelo Sol, de onde viera o estampido do tiro.

Já chegaram carros da polícia. Já soavam os claques de câmaras fotográficas e zumbiam câmaras de filmar, faltava, contudo, o pronto socorro, e King continuava estirado de costas, pernas dobradas nos joelhos, braços estendidos ao largo, vestido no seu

Encontrava-se entre pessoas a quem queria muito a que também o queriam, se orgulhavam dele, se preocupavam por ele,.. quando foi atingido por uma bala: a força mortífera do chumbo em voo vertiginoso cortou a vida de Martin Luther King.

tradicional fato negro, que contrastava com a toalha branca a cobrir o rosto e com o sangue a correr pelo chão de cimento em redor de sua cabeça...

«Oh, Deus precioso, leva-me pelo braço, leva-me, dá-me força para resistir, o cansado que estou, o fraco e esgotado que estou. Por entre a tempestade e a noite, leva-me à luz, ó, Deus precioso.»

O poeta teve toda a razão ao dizer: a desgraça corre galopando, especialmente no século da televisão. Naquela noite de comoção e luto, parecia-me que os Estados Unidos da América se assemelhavam a uma pessoa sempre ocupadíssima, sempre mergulhada nos seus afazeres miúdos, e que de súbito enfrenta um juiz temível e indiscutível que a agarra pelos colarinhos e fá-la estremecer com tanta força que cai a casca da rotina, e ordena: «Olha para dentro de ti próprio, para dentro da tua alma! Acaso não vês o que se está lá a passar?»

E mesmo assim, milhões, sim, milhões de pessoas—quem ousará negá-lo?—sentiram a alegria da vingança, a maldade satisfeita: por fim, este desordeiro tão insolente, este *nigger* que queria sempre mais do que os outros, recebeu o que havia muito tempo merecia. Entretanto, tendo escapado à polícia de Memphis, afastava-se desta cidade à grande velocidade num «Mustang» de classe semi-desportiva James Ray e, escutando as vozes agitadas dos locutores, sorria por verificar, através dos noticiários e comentários, que tinha executado o seu trabalho com perfeição.

Na Casa Branca, o luto era sobrepujado pelos receios: qual seria a repercussão desse disparo nos guettos? Aliás não era difícil imaginá-lo. O problema consistia em prevenir ou, pelo menos, diminuí-la. O presidente apressou-se a aparecer perante as câmaras de TV para exortar o país a «rejeitar a violência cega que atingiu o Dr. King, pessoa que vivera com a não-violência».

As autoridades sabiam, no entanto, da fraqueza dessa terapia verbal. Os primeiros a passarem a acções decididas, foram Henry Laeb, presidente da Câmara Municial de Memphis, e Buford Ellington, governador do estado de Tennessee. Os médicos constataram que a morte de King se dera às 7.05 da noite, enquanto que Laeb implantara o recolher obrigatório na cidade já às 6.35. O governador Ellington começou a sua intervenção televisiva com palavras de condolências e terminou com o comunicado sobre a introdução de quatro mil guardas nacionais em Memphis, de donde eles tinham sido retirados, lamentavelmente (como disse), apenas nas vésperas do ocorrido. Aviões da Guarda Nacional já transportavam unidades policiais treinadas especialmente para a repressão de motins. Toda a zona adjacente ao motel «Lorraine»

foi cercada, por se ter tornado perigosa em virtude de que atraía os negros como íman. Iam lá para exprimir a sua dor através da cólera.

O luto oficial misturava-se com o medo, e o luto dos negros com a ira, a ira da impotência. Lembro-me de um comício convocado a pressa no Parque Central de Nova Iorque. As condenações eram cheias de cólera: vingar-se? Mas como? Como dar uma boa lição à pátria-madrasta? Milhares de pessoas saíram para a Broadway, dirigindo-se para City Hall. A polícia novaiorquina limpou-lhes «amavelmente» o caminho, tendo parado o tráfego. Já estavam habituados a ver milhares de manifestantes, milhares já não estranhavam ninguém.

Washington explodiu no dia seguinte à morte. Pelas três horas da tarde, os fumos dos incêndios, como se fossem bandeiras de luto a meia-haste, pendiam sobre os quarteirões dos negros da capital, enquanto o vento primaveril os arrastava na direcção do centro da cidade, onde está a Casa Branca, na direcção do rio Potomac. Nos guettos, incendiavam-se e saqueavam-se as lojas dos comerciantes brancos, estavam em pleno auge os combates contra a polícia e os bombeiros.

As desordens passaram a expandir-se também para o centro da cidade. Também lá reinava o pânico, também lá habitantes dos guettos irrompiam em estabelecimentos comerciais. Sem esperar pelo fim da jornada, milhares de funcionários públicos abandonaram os seus escritórios, a fim de se salvar dessa tempestade espontânea. Milhares de carros, parachoques contra parachoques, abandonavam devagar a cidade. A Washington dos brancos procurava esconder-se nos subúrbidos, nos estados vizinhos de Maryland e Virgínia. Os empregados públicos e homens de negócios que não conseguiram encontrar táxi, nem tomar autocarro, esses também andavam superlotados, atravessavam a pé, em desespero, a Ponte Memorial apressando-se para a margem oposta do Potomac.

Foi um êxodo simbólico sem precedentes da América que o Dr. King tencionava abalar com a sua marcha dos deserdados, e que nesse dia era abalada pela fúria dos guettos envoltos em luto e ira, ao mesmo tempo.

Se ele pudesse ver todos esses símbolos expressivos e contraditórios de dor, hipocrisia, protesto!

Metralhadoras estacionadas nas largas escadarias do Capitólio, prontas a defender com avalanchas de chumbo o Congresso, que ficara surdo às reivindicações de emprego ou de rendimento estáveis para os pobres.

A Casa Branca, a principal casa da América dos brancos, com

nuvens de fumo como pano de fundo, esses símbolos de dor da América dos negros. Em sinal de luto, a bandeira nacional sobre a Casa Branca fora içada a meia-haste, porém, setenta e cinco soldados colocados em fila de combate guardavam os seus portões.

A 5 de Abril, Lindon Johnson promulgou mais duas proclamações presidenciais: uma sobre o luto nacional decretado para o domingo, 7 de Abril; a outra, sobre a introdução imediata de tropas regulares na capital.

Dois mil soldados foram colocados em serviço de plantão junto dos edifícios governamentais e embaixadas estrangeiras. Da próxima base militar em Fort Meier, foram transferidos quinhentos soldados do 3.º regimento de infantaria. Normalmente, esses rapazes altos, fortes, de fardas novinhas, são utilizados para fazerem as guardas de honra e as recepções solenes de chefes de Estados estrangeiros no relvado em frente da Casa Branca. Agora, contudo, fardados de caqui de campanha, estavam preparados para receber o povo simples. Dois mil guardas nacionais foram também postos em estado de prevenção.

O presidente da Câmara Municipal de Washington implantou o recolher obrigatório das 5.30 da tarde às 6.30 da manhã. Ao fim do primeiro dia das agitações, dois mil negros haviam sido presos. Cinco foram mortos. Aliás a polícia orgulhava-se deste número, apresentando-o como prova da sua extrema moderação: fora autorizado empregar armas de fogo só em casos excepcionais, sabendo-se, com base na experiência anterior, que o tiroteio desmesurado só insuflava, e não apagava as chamas do motim.

Na noite do sábado para o domingo, entraram na capital reforços: a divisão aerotransportada que em Julho de 1967 «apaziguara» os negros amotinados de Detroit.

O luto dos negros deixava ruínas fumegantes, vidros partidos, carcaças metálicas queimadas, cujas silhuetas tristes contrastavam com o céu, que tinha a cor de laranja por causa dos incêndios.

Por toda a parte na cidade, viam-se lojas saqueadas.

Tudo isso causou o assassínio da pessoa que não se cansava de advertir contra o caos que ameaçaria a América se ela não pagasse a sua dívida histórica ao negro oprimido. E agora essa conta voltava a ser apresentada, desta vez sob a forma de protesto cego, desenfreado e, simultaneamente, desesperado. Sob a forma de dor geral misturada com actos de delinquência. Sob a forma de fatos, chapéus, gravatas, caixas de cerveja e uísqui, televisores a cores, saqueados nas lojas. E, embora mesmo nesses momentos todos os participantes nessas agitações se dessem conta de que a

«ordem» triunfasse, compreendiam ainda uma outra coisa: será uma ordem de arbítrio dos potentados, e não a de fraternidade e justiça, com que sonhava King.

As crónicas sobre esses dias de luto eram ricas em acontecimentos extraordinários também noutras cidades: missas nas igrejas, incêndios, bandeiras a meia-haste, tiroteios, marchas silenciosas, sereias da polícia e dos bombeiros, retratos tarjados de luto, gás lacrimogêneo, choro dos negros, sorrisos petrificados dos manequins nús atirados das montras para a rua.

Nos guettos houve choros e explosões durante cinco longos dias. Só a 9 de Abril no dia do funeral, o silêncio envolveu os Estados Unidos, silêncio acompanhado pelo repique dos sinos nas igrejas e por milhares de vozes por todo o país a cantarem «Nós ultrapassaremos».

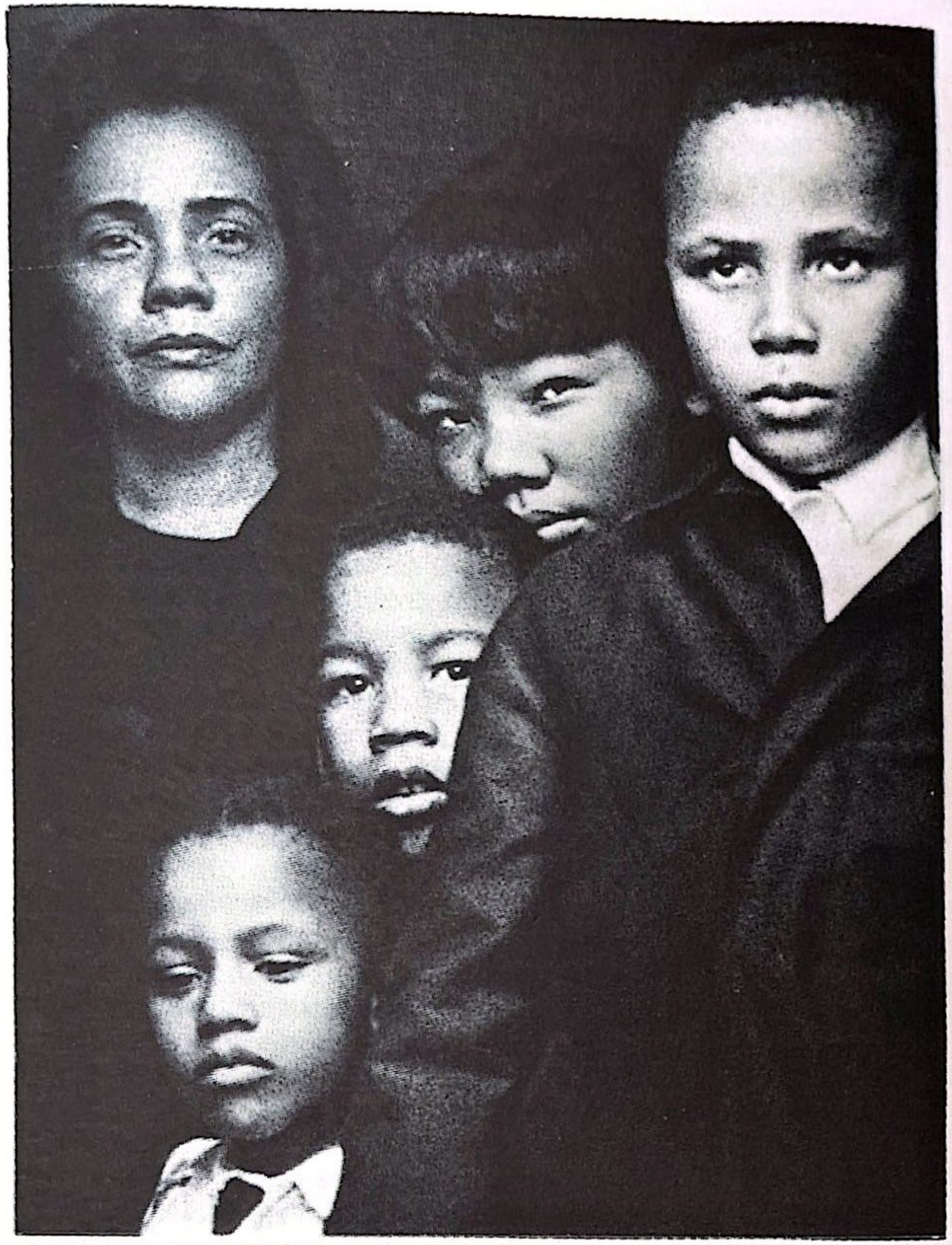
Em Chicago, Baltimore, Detroit, Cincinnati, Búffalo, Kansas City, Newark e em mais de cem outras cidades, foram registados diversos actos de protesto. Foram todos esmagados pelas forças policiais e por mais de 61 mil soldados da Guarda Nacional— nunca antes um número de tropas tão grande fora introduzido simultaneamente em cidades norte-americanas. 39 pessoas foram mortas. Duas mil ficaram feridas. Mais de 10 mil foram presas.

O «apóstolo da não-violência» já não podia saber quê tempestade foi provocada pela sua morte, já não podia saber quantas pessoas iam juntar-se a ele na inexistência como uma espécie de escolta, a qual ele, naturalmente, renunciaria. E essa «escolta», constituída por pessoas mortas, feridas e detidas, por ruínas e lojas saqueadas, por encarniçados confrontos raciais, provava que ainda estava por terminar a causa em nome da qual ele viveu.

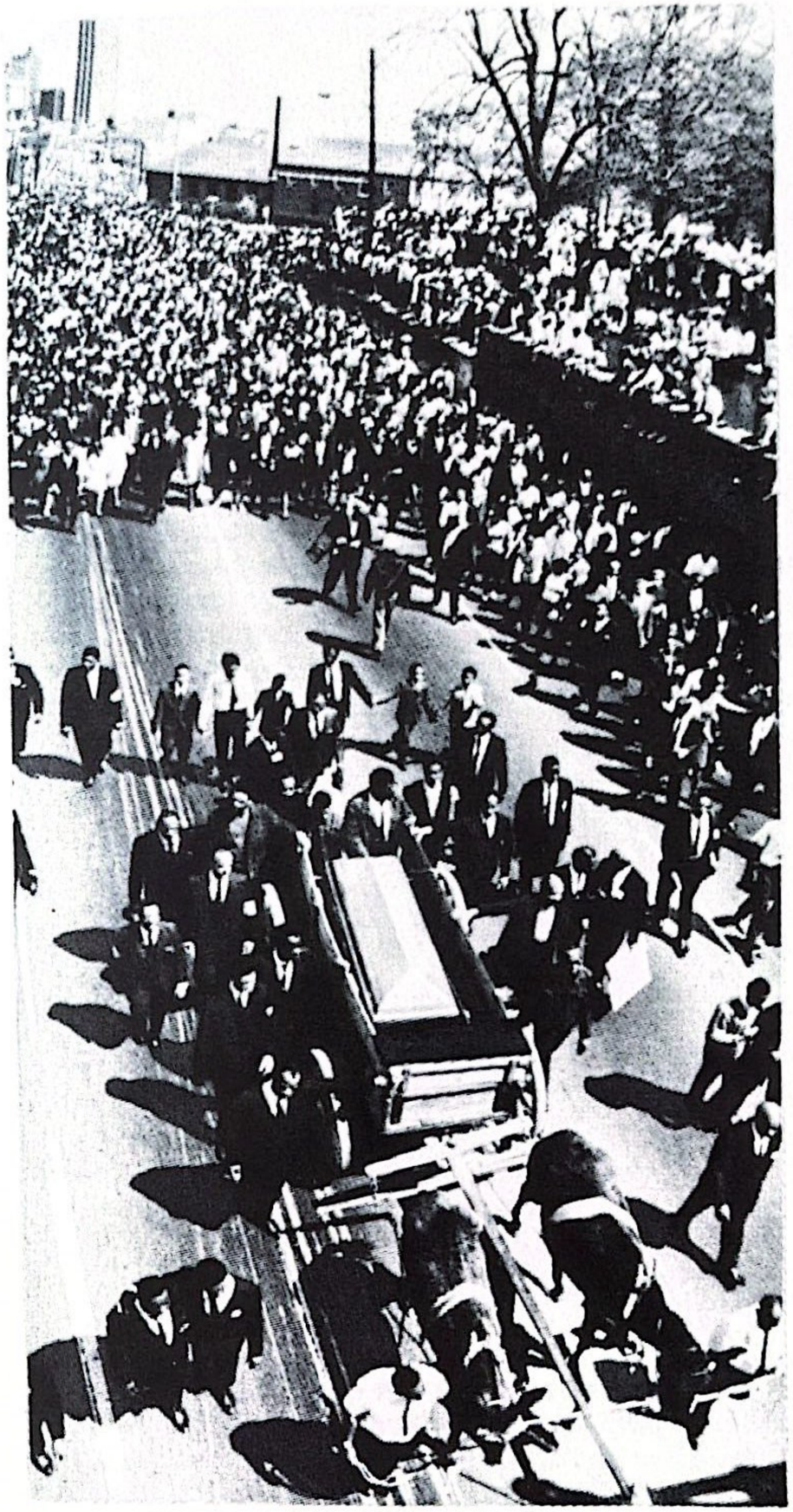
O seu corpo transferido para a Atlanta natal foi exposto em féretro na capela do colégio eclesiástico, e no cemitério para os negros «Vista do Sul» eram já esculpidas numa grande pedra tumular as palavras de epitáfio: «Sou livre, por fim. Sou livre, por fim. Agradeço-te, Deus omnipotente, por ser eu livre, por fim!»

As pessoas que desejavam aproximar-se do féretro de King para lhe dizer o último «adeus» formavam uma bicha de quilómetro e meio. Mulheres negras choravam em público.

Sim, ele abandonou este mundo, mas, ao mesmo tempo, continuava presente entre eles. Nos écrans dos televisores, nas páginas dos jornais e revistas surgia constantemente o rosto de King vivo—feições que mostravam uma grande força de vontade, feições de um profeta temível e indomável. Também após a sua morte, era considerado como profeta que fazia as suas palavras chegarem aos corações dos compatriotas, advertindo-os severamente contra os perigos e as desgraças que espreitavam as



Organizaram-lhe os funerais como a nenhum outro dos negros nos trezentos e cinquenta anos da sua triste história em terra americana. 150 mil pessoas acompanharam King até a sua última morada, tendo percorrido quatro milhas pelas ruas da sua Atlanta natal, desde a igreja Ebenezer, onde foi pastor, até ao colégio Morehouse, que em tempos havia concluído.



pessoas que haviam aprendido a voar nos céus como aves, a sulcar os mares como peixes, mas que ainda não aprenderam a andar pela sua terra-mãe como irmãos.

Ele foi sepultado como nenhum outro negro o foi nos trezentos e cinquenta anos da sua triste história em terra americana. 150 mil pessoas acompanharam King à última morada, tendo percorrido quatro milhas pelas ruas de Atlanta, desde a igreja Ebenezer, da qual era pastor, até ao colégio Morehouse, que tinha concluído havia vinte anos. Durante a missa fúnebre na igreja Ebenezer, potentados da sociedade estavam sentados nos mesmos bancos que pessoas simples: desde o Vice-Presidente Humphrey até os paroquianos. O presidente Johnson não assistiu só por considerações de segurança. Estiveram lá Jaqueline Kennedy, viúva do presidente assassinado, Robert Kennedy ainda vivo e que, naturalmente, não sabia que, passados dois meses, iria encontrar a sua morte em Los Angeles. Reuniram-se também em Atlanta todos os outros pretendentes a ocupar a cadeira presidencial na Casa Branca: Richard Nixon, Eugene McCarthy, Nelson Rockefeller, que anunciaram uma pausa de luto nas suas campanhas eleitorais.

Graças à televisão, toda a Nação assistiu à missa de réquiem na igreja de Ebenezer: uma objectiva de TV camuflada fitava os rostos da elite política do país.

Milhares de pessoas que não cabiam na pequena igreja, aguardavam na rua: pessoas simples e pessoas de renome, presidentes das câmaras municipais das maiores cidades, vedetas de Hollywood.

Todas essas pessoas reunidas na igreja e em redor dela, e milhões de tele-escpectadores assistiram a mais um acto de eloquência de King, eloquência ardente, um tanto mística, porém plenamente terrena. É que este homem que durante tanto tempo andou ao lado da morte, ao intervir pela última vez na sua igreja dois meses antes da ida trágica para Memphis, mencionou que discurso gostaria que fosse proferido sobre o seu féretro. A pedido do irmão dele, foi ligada uma gravação em fita magnética e soaram na igreja, novamente, as palavras de King, vivas como o pulsar do coração.

«Julgo que, de quando em quando, todos nós pensamos realisticamente no dia em que nos tornaremos vítimas do balanço geral de vida, daquilo a que chamamos morte.

Nós todos pensamos nisso, e eu também, de vez em quando, na minha morte e nos meus funerais... E, de vez em vez, pergunto a mim próprio o que gostaria que fosse pronunciado nessa ocasião, e, por isso, desejo deixar a vós a minha última palavra.

Se alguém de vós estiver ao meu lado quando eu morrer, que saiba então que não desejo funerais longos.

E se neles aparecer alguém para fazer uma oração fúnebre, pedi-lhe que não fale demasiado.

De vez em quando, pergunto a mim mesmo o que gostaria que fosse dito.

Dizei-lhe para não mencionar que eu havia sido distinguido com o Prémio Nobel de Paz, pois isso não tem importância.

Dizei-lhe que não mencione que tive trezentas ou quatrocentas condecorações diversas, pois isso não têm importância alguma. Dizei-lhe que não mencione o dia em que fui para a escola.

Gostaria que alguém recordasse nesse dia que Martin Luther King tentou sempre colocar a sua vida ao serviço dos outros.

Gostaria que alguém dissesse nesse dia que Martin Luther King tentou sempre amar os outros.

Quero que digais nesse dia que tentei ser justo. Quero que possais dizer nesse dia que eu tentei dar de comer aos famintos. Quero que possais dizer que durante a minha vida tentei vestir os maltrapidos. Quero que digais nesse dia que durante a minha vida tentei visitar aqueles que estavam nas prisões. E quero que digais que tentei amar a Humanidade e servi-la.

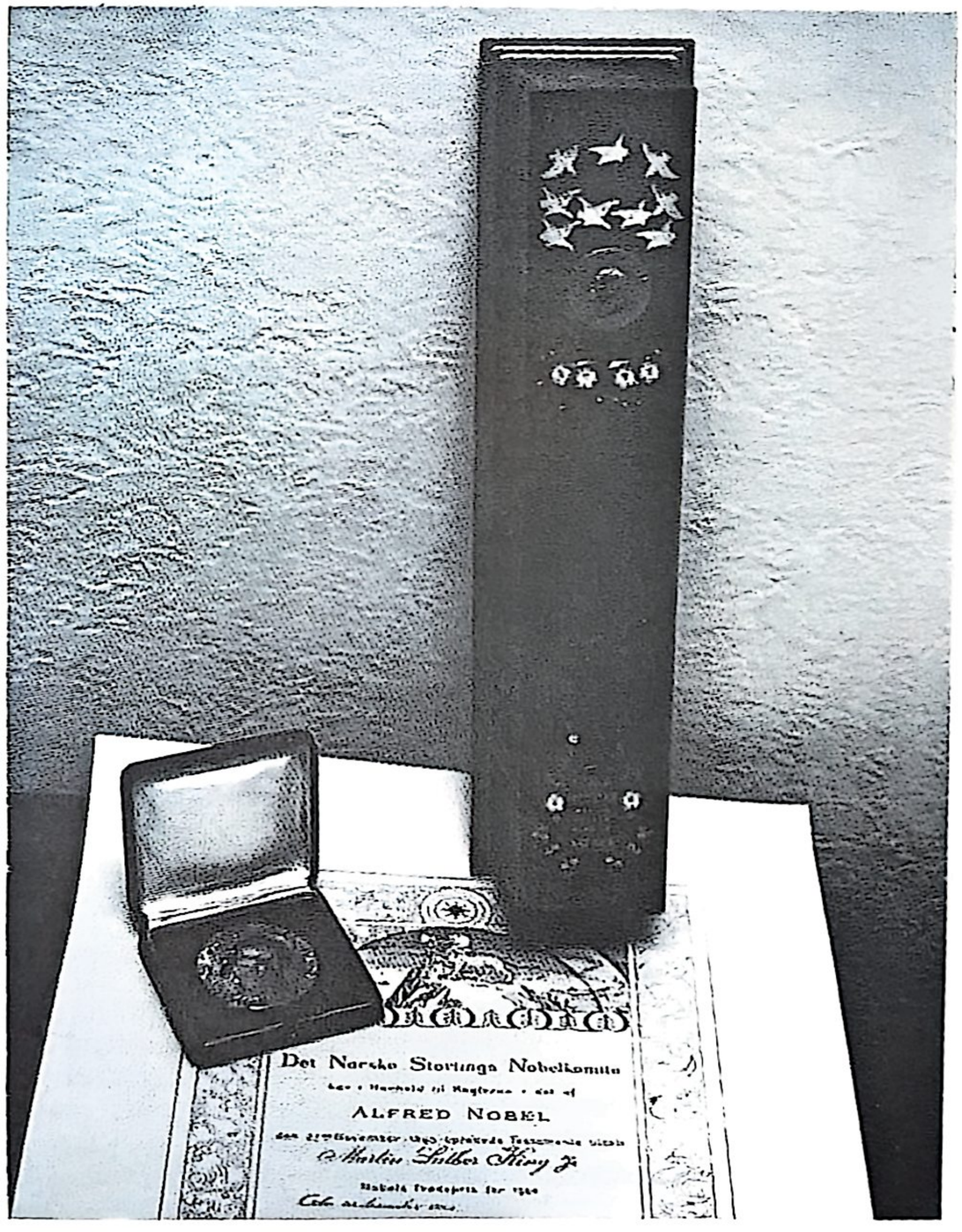
Sim, se desejardes, dizei que fui um tambor. Dizei que fui o tambor da justiça. Dizei que fui o tambor da paz. E o resto não tem importância alguma. Após a minha morte não ficará dinheiro a herdar. Após a minha morte não ficarão coisas de luxo, de valor. Mas quero que após a minha morte fique a minha vida que entreguei toda à causa.

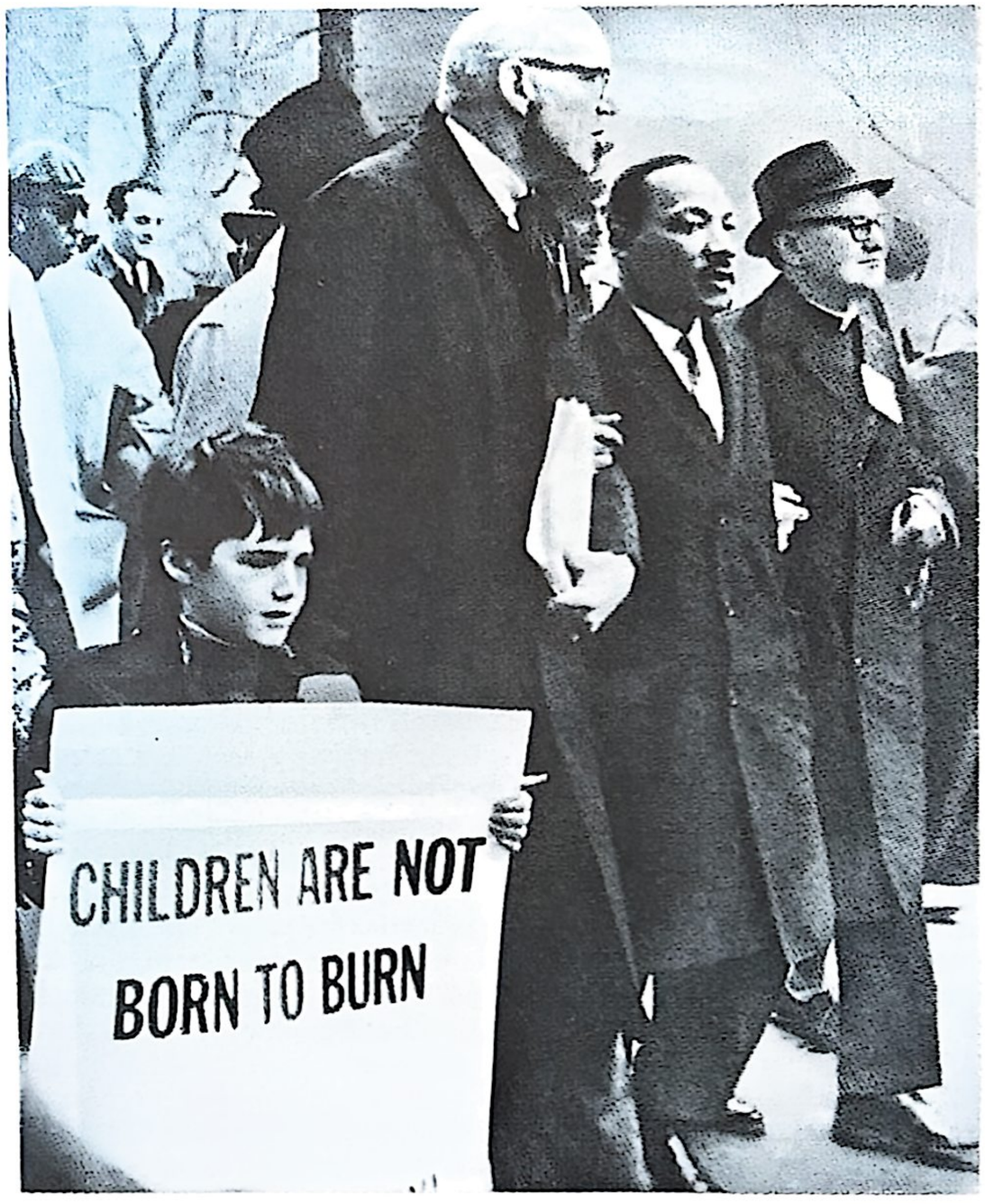
E isso é tudo o que quero dizer...»

Foram de facto funerais impressionantes, porém, não tencionando, nem de longe, dizer algo de sacrílego, ouso afirmar que foram também funerais estranhos.

Estranhos porque, dessa vez, a América que sempre foi surda à luta de King, a América que, tendo-se virado de costas para o sacerdote que se transformara em revolucionário, favoreceu a criação de um ambiente propício para o disparo em Memphis, esta América chegou ao féretro de King com respeito, mas de modo algum impropositadamente, chegou movida pela intenção

Em Dezembro de 1964, foi conferido a Martin Luther King o Prémio Nobel da Paz. Ele fez com que a sociedade norte-americana encarasse os seus cidadãos negros de uma maneira diferente. Ele despertou nos norte-americanos negros o sentimento de respeito por si próprios, de orgulho e confiança nas suas forças. E, por fim, ele conseguiu fazer uma coisa com que talvez nem sonhasse. Tornou-se ele próprio exemplo aos olhos daqueles para quem «a beleza da fraternidade e da paz autênticas é mais valiosa do que os diamantes, a prata ou o ouro».





King considerava que nas relações internacionais no século nuclear a verdadeira opção se faz não entre a violência e a não-violência, mas entre a não-violência e a não-existência. Em meados de Abril de 1967, King apareceu pela primeira vez ao lado do eminente humanista Dr. Spock, entre os participantes numa marcha antiguerra.

de se tornar como que compartícipe na causa dele, para o canonizar à sua maneira, torná-lo inofensivo postumamente, tomá-lo aos deserdados, fazendo-o, naturalmente, em prol da grande unidade efémera da Nação.

Naquele instante, junto do féretro com o corpo de King, começava já a luta pela herança deste homem, aparecendo ao lado dos verdadeiros herdeiros os falsos herdeiros, que reduziam a grandeza deste eminente lutador à figura de um «profeta da não-violência» inofensivo.

E embora não fosse possível apartá-los do féretro, deparavam com uma resistência silenciosa. E não foi um catafalco solene, mas uma modesta parelha de mulos a puxar um carro de granjeiro com bordas de madeira altas, que levava o féretro da igreja até ao colégio Morehouse, onde decorreu o comício fúnebre. Esses dois mulos, força de tracção tradicional dos rendeiros do Sul, que não ganharam coisa alguma com a abundância de automóveis da América, eram bem simbólicos. Muitos dos companheiros de King envergavam fatos-macacos de granjeiros, essas fardas das marchas e pisões, Entre os fatos pretos de luto, esses macações eram ao mesmo tempo uma recordação, um repto e um juramento.

Dezenas de milhares de pessoas vindas de todos os confins de país movidas pela sua consciência, reuniram-se em Atlanta para render homenagem a King. Ele participou nessa marcha já morto, mas alegrar-se-ia, certamente, se pudesse ver esse passo largo das fileiras, os rostos francos e honestos, negros e brancos, dos seus participantes.

«Nós ultrapassaremos...» A canção ressoava por sobre a coluna que parecia sem fim. E foi com a mesma canção que se concluiu o comício fúnebre no relvado em frente do colégio Morehouse. Após a famosa marcha sobre Washington com o seu célebre comício, foi o primeiro acto que congregou tantos combatentes pela igualdade e, por tradição, de mãos dadas e balançando-se ao compasso da melodia, eles cantavam tristes mas ao mesmo tempo orgulhosos e decididos: «Nós não temos medo. Nós não temos medo. Nós não temos medo hoje. Bem no fundo do coração, eu acredito: nós, ultrapassaremos algum dia.»

* * * * * * * *

Depois de ter transferido as minhas funções de correspondente do jornal «Izvéstia» a um colega, regressei de Nova Iorque para Moscovo. Mas até hoje continua viva na minha memória a dor do dia 4 de Abril de 1968, quando os Estados Unidos da América foram abalados pela notícia do assassinato em Memphis. Lembro-me também da solidão inesperada que senti a 9 de Abril, dia dos funerais de King. Tal sentimento surge quando nos abandona uma pessoa realmente eminente, com um coração realmente grande, tão grande e forte que a sua pulsação se transmite aos corações de muitos milhares de outras pessoas.

A tragédia de Martin Luther King, cuja figura parece ser tão invulgar para a América da segunda metade do século XX, transformava-se em tragédia da própria América, país realmente grande por ter dado à luz tal filho. País ao mesmo tempo cruel, por o ter morto.

Diferentemente das figuras sociais e estatais de valor falso, cuja «fama», no entanto, ultrapassa, amiúde, ainda durante a vida delas as proporções da sua importância real, as pessoas autenticamente grandes continuam vivas mesmo após a sua morte física. Continuam a viver, transformando-se, na consciência dos contemporâneos e dos descendentes, em imortais.

Lutando abnegadamente por direitos iguais e pela justiça para os seus irmãos negros, Martin Luther King assimilou, com o intelecto de seu cérebro e com as emoções do seu coração, uma outra verdade dos nossos tempos, de valor ainda maior. Sim, ele fazia parte da categoria de pessoas realmente grandes, de que o nosso século necessita premente e imediatamente, pessoas que conclamem à conjugação dos esforços em nome da salvação da Humanidade da desastrosa corrida aos armamentos nucleares, da ameaça de extermínio total.

É exactamente sob este ângulo de visão que examinamos agora os estadistas e os outros eminentes contemporâneos nossos: estarão eles à altura desta responsabilidade especial? É justamente com este critério que definimos quem é quem actualmente e na qualidade de quem entrará na História.

E também neste sentido amplamente humanitário, Martin Luther King, como eminente humanista que foi, mereceu o direito à imortalidade.

Станислав Николаевич Кондрашов

МАРТИН ЛЮТЕР КИНГ

на португальском языке

Цена 45 к.

Martin Luther King

AS EDIÇÕES APN INICIAM COM ESTE LIVRO A SÉRIE «PATRIOTA, COMBATENTE, HUMANISTA», DEDICADA A NOTÁVEIS PERSONALIDADES POLÍTICAS E SOCIAIS DE DIFERENTES PAÍSES.

Edições da Agência de Imprensa Nóvosti